
EX-LIBRIS
BORBA
MORAES
RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES
W.

EXTRACTOS

DAS

OBRAS POLITICAS

E

ECONOMICAS

DO GRANDE

EDMUND BURKE

POR

JOSE' DA SILVA LISBOA.

Floriferis ut apes in saltibus omnia libant,
Omnia nos itidem depascimur aurea dicta,
Aurea, perpetuâ semper dignissima vitâ.
Lucret. III.

SEGUNDA EDIÇÃO MAIS CORRECTA.

LISBOA:
EM A NOVA IMPRESSÃO DA VIUVA NEVES E FILHOS.

ANNO DE 1822.

PREFACIO.

Edmund Burke, havendo na Gram Bretanha adquirido celebridade, pelos escritos que deo á luz sobre o *Sublime*, e a *Defensão* da *Sociedade Civil*; subindo depois á consideração politica por eloquentes Fallas no Parlamento sobre assumptos da maior importancia a seu Paiz, e com especialidade pela Proposta de Conciliação (que infelizmente então não foi attendida) para prevenir o infausto Scisma d'America do Norte; elevou-se em fim á immortal fama por varios discursos contra a Revolução da França, concorrendo muito a que o Governo Britanico entrasse, com as Potencias Confederadas, na guerra, que a Facção dos Gallos levantados provocou na Europa com a escandalosa disseminação dos seus Dogmas. Dotado de extraordinaria optica mental, vio as fataes consequencias desse segundo, e ainda mais pestifero, *Mal Francez*, com que ambiciosos, enthusiastas, e sophistas, offertando atraiçoados presentes de amor, tinhão feito a Declaração, e Propaganda dos *Falsos Direitos do Homem*, atacando na raiz os elementos da vida social, com promessas de regenerarem a Constituição de sua Patria, e produzirem a felicidade do Mundo. Elle prognosticou, que o necessario effeito do delirio dos Novadores era o perverterem-se as Leis fundamentaes da Sociedade Civil, e enthronizar-se o mais feroz Despotismo Militar.

O successo verificou o vaticinio; pois ora se vê o Dragão, que se acoitára no phantastico paraizo da terra, erguer de subito a cabeça *ante nós, e sobre nós*, empecendo o leal trato dos homens, assaltando por toda a parte a destruir Thronos, e Povos, e espargindo discordia e desconfiança entre consaguineos e amigos, evidentemente interessados na intima união, e mutua resistencia, contra esse Inimigo do Genero Humano. Se a sua carreira e furia não for em toda a parte encontrada, e rebatida, bem se poderá exclamar com terror — *Ceos! Que futuros se nos prepárão!*

Mirabeau, hum dos Corypheos, e depois victima da nefanda Revolução, tendo dito em odio de Inglaterra, que ahi *nada havia de polido senão o aço*, como se unicamente temesse achar nella afiada espada de dous gumes contra a Perfidia Gallica; todavia, não podendo contestar a notoriedade das boas obras da Nação, que agora se sustenta por si só, sobresahindo com dobrado lustre no Theatro Politico, defendendo a seus Fieis Alliados, e derribando as machinações do Oppressor das Gentes, fez a confissão ingenua de *ser tão famoza Ilha o inexgotavel fóco de grandes exemplos, e a terra classica dos amigos da Liberdade* (*): devia accrescen-

(*) Cette fameuse, cet inépuisable foyer de grands exemples, cette terre classique des amis de la liberté.

tar — *bem regulada* — e não *Liberdade á franceza*; que só consiste no desenfreio das paixões animaes, e na destruição da ordem estabelecida.

As Obras de Burke vierão confirmar esta verdade: ellas excitando com a maior intensidade a Energia do Paiz, constituírão os Territorios e a Marinha da Gram Bretanha os inexpugnaveis Baluartes da Razão, e Lealdade, e a esperança do Orbe depois do Diluvio de doutrinas falsas, que não só destruio milhões de homens, mas tambem quasi extinguio os principios da Humanidade. Surgio aquelle Luminar Litterario, quando se escurecia o horisonte scientifico, para esclarecer todos os paizes, e dissipar os negros vapores do horrivel meteóro da Cabala Gallicana, que tentou com a sua Constituição Aerostatica assombrar o Universo, e desluzir o esplendor da Patria dos *Newtons* e *Smiths*, que tantas luzes havião espalhado para a communicação de todas as Nações, e commercio franco dos productos de sua terra e industria. Com singular força de caracter, argumento, e estilo, contribuio poderosamente, no fervor das geraes preocupações, a libertar a sua Nação do Monstro da Revolução (*), que, semelhante a Saturno da Mythologia, *devora os proprios filhos* (**), e que já começava a pôr alli invisivel pé, e ganhar terreno, pela secreta correspondencia da Assemblea Franceza com hum Conciliabulo de Londres (***) de mal intencionados, descontentes, e fanaticos (de que nenhuma Nação he isenta) os quaes, blazonando de conhecimentos superiores, e patriotismo heroico, tinhão posto em seu animo corromper o bom natural dos Bretões, fazendo circular milhares de copias de libellos incendiarios, e com predilecção de *Thomaz Paine*, adoptado pela dita Assemblea, e unido a seu Corpo, que intitulou *illuminado* e *illuminante*; tendo-se-lhe depois alli retribuido o galardão de ser tratado por idióta, e destinado a perder a vida, por seguir o partido dos *Brissotinos* (****), e não chegar á altura da *Montanha*, onde trovejavão, como os Titães da fabula, os *Marats* e *Roberspierres*, cujos abortos ainda hoje horrorisão, e que bem se poderião classificar como pertencentes á ordem das feras mais carniceiras, mal tendo a face de homens, quaes descreveo Juvenal

> Nomen erit tigris, pardus, leo, et siquid est quod
> Fremat in terris violentius.

A pezar dos desfavoraveis juizos que alguns fizerão do merito de Burke, considerei ser util assoalhar algumas *amostras* dos pensamentos deste insigne Mestre de Sciencia prática de Administração, e Politica Or-

---

(*) Bem lhe quadra a descripção de Horacio: Desinit in piscem mulier formosa supernè.

(**) Expressão de hum dos Membros da Assemblea Franceza, indo ao patibulo por sentença dos Collegas.

(***) Intitulava-se *Sociedade da Revolução.*

(****) Sectarios de *Brissot*, chefe do Partido dos chamados *Federalistas*, o qual proclamou, que se devia *pôr fogo aos quatro cantos da Europa, e fazer saltar os seus Governos, pela erupção valcanica dos Dogmas da Liberdade e Igualdade.*

thodoxá; por ser o mais valente Antagonista da Seita Revolucionaria, e o que, ensinando realidades, e não chimeras, expoz os *Verdadeiros Direitos do Homem*; lançando exacta linha divisoria entre *as ideas liberaes* de huma Regencia Paternal, e as *cruas theorias* de especuladores methaphysicos, ou machiavellistas, que tem perturbado, ou pervertido a immutavel Ordem Social, estabelecida pelo Eterno Regedôr do Universo, e convencendo a impiedade, e inepcia dos Principios Francezes, que tem causado tão grandes desastres.

Tomei por isso o presente trabalho, persuadido, de que breve transumpto extrahido dos escritos da maior nomeada de Burke, ficando mais ao nivel de todas as classes, que não podem ler o original, servirá de antidoto contra o pestifero miasma, e subtil veneno das sementes d'Anarchia e Tyrannia da França, que insensivelmente voão por bons e máos ares, e por todos os ventos do Globo. Notorios successos de algumas regiões d'America, que já derão horridos exemplos de attentados da Gollomania, dictão as maiores precauções contra o contagio desta segunda *Lues Celtica.* Hum epilogo das doutrinas daquelle Estadista he opportuno a extirpar pensamentos scelerados, e vãs esperanças, dos que se prevalecem das dissenções e desgraças dos tempos, para turbarem a harmonia dos Estados, e fazerem paródias das portentosas maldades francezas.

Não proponho este resumo como Symbolo de Fé Politica, e nem ainda como perfeito modelo de composição de literatura. Muitos descontos se devem dar a quaesquer escritos, ainda dos sabios da primeira ordem (*). Deixo aos Leitores formarem por si o devido conceito; na certeza de que se fixará a opinião a respeito de hum Genio tão feliz, que doura tudo que toca, e que parece ter concentrado a *Sabedoria das Idades.*

Burke foi arguido de declamador, que defendia notorias corrupções dos Governos, contradictorio a seus antigos principios, e vendido á Corte. Mas elle soube desprezar injurias, e confundir calumniadores. A Apologia que deo contra emulos e maldizentes, por si falla, e contém sobeja justificação, não menos da causa dos Governos regulares, que da pessoa de seu Defensor. O Philantropo de boa fé póde innocentemente desejar melhora das cousas humanas; mas o Homem de Estado só consulta o que he praticavel nas circunstancias de cada Nação. Isto he o que fez Burke. Não se eclypsa a sua virtude por ter-lhe o Soberano feito justiça, remunerando dignamente os seus tão assignalados serviços, como usa conceder a todos os eminentes Servidores do Estado; sendo esta huma das principaes causas de se crearem em Inglaterra tantos homens de saber prodigioso, e de espirito duplicado dos Aristides, Fabricios, e Cincinnatos, que tem honrado a Especie.

Burke judiciosamente observou, que não se precisava de talento, nem

---

(*) ,, Se pensais ver huma obra sem defeito, pensais no que nem houve, nem ha, nem haverá. Em qualquer composição attendei o fim do Escritor: se escolheo os meios proprios, e os dirigio com acerto, merece applauso, com desprezo dos defeitos triviaes. Dez censurão sem razão por hum que escreve mal...

Pope Ensaio sobre a critica. Traduc. C. A.

sagacidade fóra do commum, para notar irregularidades na regencia dos Estados, e os abusos dos nobres, ricos, e administradores publicos: a questão só he sobre os opportunos remedios de prevenir os damnos, e emendallos.

Execrar revoluções não he defender desgovernos, nem excluir boas leis. Ainda os melhores Soberanos e Administradores são obrigados a conformarem-se ás opiniões das diversas ordens do Estado. Quando o remedio he peior que o mal, até as boas reformas são inuteis, ou nocivas. As revoluções são como os terremotos: tudo arruinão, e nada reparão. A sociedade civil, depois de convulsões politicas, sempre torna a compor-se de ricos, e pobres, nobres e plebeos, bons e máos, quem mande e quem obedeça. A scena será renovada, e unicamente mudaráõ os actores. Só a doce influencia da verdadeira Religião, e o progresso da cultura do espirito, podem diminuir erros e vicios dos homens, e fazer durar e florecer os Imperios. Mas perfeição ideal he de absoluta impossibilidade (*). Que se ganha em revoluções? As ambições desordenadas se desenfreião. He preciso confiar a Força Publica de novas mãos, e concentralla na de poucos, ou de algum, para resistir-se aos inimigos internos e externos. Eis organizada a oligarchia, que logo finda em Dictadura, e Tyrannia. Tal he o desfecho das Revoluções antigas e modernas: e em algumas, o Despotismo se firmou para sempre.

Contra os que tem feito severas invectivas a Burke basta dizer, que, se o fundo capital da doutrina he solido, ainda os desvios dos entendimentos extraordinarios, empregados no bem da Humanidade, são mais objectos de escusa, que de censura.

Gibbon, profundo Author da Historia da decadencia do Imperio Romano, achando-se retirado na Suissa no tempo das mais tragicas scenas da Revolução Franceza, e vendo em fim realizadas as prophecias de Burke, deo ás Obras deste Escritor o competente apreço; e a final nas suas *Memorias posthumas* deixou a seguinte Protestação — *Assigno o Credo de Burke sobre a Revolução da França; admiro a sua eloquencia; adoro os seus sentimentos cavalleiros* (**) etc. Elle igualmente reconhece o bem que Burke fez á Inglaterra, livrando-a do Cáhos da anarchia, em que tambem correo risco de se precipitar. Diz mais „ A prosperidade de Inglaterra fórma soberbo contraste com as desordens da França. A Revolução deste paiz humilhou tudo que era alto, e exaltou tudo que era baixo. O vivo, mas irregular, espirito da Nação Franceza, em lugar de edificar huma boa Constituição, só a mudou em anarchia e tyrannia. A Gloria Britannica está pura e esplendida. Se Inglaterra, com a experiencia da propria felicidade, e das desgraças da Europa, ainda se deixar seduzir pelos lanços dos facciosos, e quizer comer o pomo da *falsa liberdade e igualdade*, ella merecerá ser exterminada do paraizo que goza. „

Os mais distinctos Escritores de Inglaterra são admiradores de Bur-

---

(*) Vitia erunt, donec homines. — Tacitus.

(**) I beg leave to subscribe my assent to Mr. Burcke Creed on the revolution of France. I admire his eloquence; I approve his polities; I adoro his chivalry ect.

ke; e o quasi unanime parecer da parte sã dos pensadores de boa fé, he que elle apresentou o padrão do maior espirito publico, empregado para os melhores destinos, e que a sua sabedoria, e eloquencia, desvanecendo as especulações illusorias de politicos superficiaes, dera aos Regedores das Nações prudentes conselhos para resgatarem a Europa da Barbaridade Franceza, e prevenirem futuras revoluções com saudaveis reformas dos respectivos Estados. Bastará citar o seguinte testemunho publico do Corpo Academico de huma das mais illustres Universidades; que dirigio esta Carta a Burke.

„ Nós abaixo assignados, residentes graduados da Universidade de Oxford, rogamos, que vos digneis acceitar esta respeitosa declaração dos nossos sentimentos, como tributo que desejamos pagar aos vossos brilhantes talentos, empregados no adiantamento de bem publico. Pensamos ser proprio e conveniente aos amigos da nossa Igreja e Estado confessar abertamente as suas obrigações aos que se distinguem na sustentação dos nossos approvados Estabelecimentos; e julgamos ser do nosso especial dever fazer este Manifesto em hum tempo, que particularmente he marcado por hum espirito de temeraria e perigosa innovação. Como Membros da Universidade, cujos Estatutos abração todas as partes das Sciencias de proveito, e ornamento, nos julgariamos justificados em fazer esta Carta congratulatoria, ainda se tivessemos sómente a offerecer-vos os nossos agradecimentos pelo precioso augmento, que com as vossas importantes obras recebemos para o fundo da Literatura Nacional. Porém temos mais altos objectos de consideração, e mais nobres motivos de gratidão; pois estamos persuadidos, de que consultamos aos reaes e permanentes interesses desta Universidade, quando reconhecemos os eminentes serviços que tendes feito á nossa Constituição, pela vossa habil e desinteressada Demonstração dos seus verdadeiros principios; e que obedecemos ainda mais á sagrada obrigação de promover a causa da religião, e da moralidade, quando damos esta prova, de que honramos o Advogado por quem ellas tem sido tão eloquente e effectivamente defendidas. „

REFLEXÕES
SOBRE
A
REVOLUÇÃO DA FRANÇA.

A FRANÇA presentemente, vista com olhos attentos, deve ser considerada como exterminada do Systema da Europa. Por inesperada Revolução da sua Monarchia, esta cahio de grande altura com velocidade accelerada: he difficil subir outra vez a ella, pois isso se oppõe ás leis da gravitação physica, e politica. O facto he assombroso, e faz a todos, que pensão, tremer da incerteza de todas as grandezas humanas.

Os Francezes se tem mostrado os mais habeis Architectos de ruinas, que tem até agora havido no mundo. Em breve espaço de tempo deitárão por terra a sua Monarchia, a sua Igreja, a sua Nobreza, a sua Lei, a sua Renda Publica, a sua Marinha, o seu Commercio, as suas Artes, e as suas Manufacturas. Elles fizerão para nós espontaneamente, o que farião, os que procurassem estabelecer a nossa superioridade a taes respeitos. Se fossemos os seus absolutos conquistadores, e a França estivesse prostrada aos nossos pés, nos envergonhariamos em mandar-lhes Enviados a assentarem os seus negocios, a fim de impor-lhes huma lei tão dura, e tão destructiva da dignidade de huma Nação, como elles impozerão a si mesmos.

Luiz XIV. no fim do seculo decimo septimo estabeleceo o maior, e o mais bem disciplinado Exercito, que jámais se tinha visto antes na Europa, e, com elle, hum perfeito despotismo. Mas este despotismo era ornado por boas maneiras, galantaria, esplendor, e magnificencia, e estava coberto com os mantos (que muito impoem) da sciencia, literatura, e artes. Era assim huma Tyrannia doirada. Desde então o mesmo espirito de magnificencia, e amor de exercitos permanentes, e de grandeza, que excedia as faculdades de pagamento do povo, se introduzio em cada Corte da Europa.

A admiração daquelle Reino florente, e feliz, quasi ganhou todas as sortes de Estados. Mas em Inglaterra os bons patriotas do tempo lutarão contra essa seducção. Elles forão anciosos em romper toda communicação com a França, e produzir no povo total apartamento de seus conselhos, e exemplos.

A

Hoje em dia o mal está totalmente mudado na França. A doença alterou-se; porém a vizinhança dos dous paizes existe, e os naturaes habitos dos espiritos actualmente são taes, que o segundo Mal Francez vem a ser mais contagioso, que o primeiro. Não he facil espalhar no povo a paixão pela escravidão; mas agora todos os males do genero opposto são fomentados pelas nossas naturaes inclinações: visto que o despotismo he sempre odiado; porém huma falsa apparencia de liberdade he recebida por ouvidos promptos. Antes da quéda da Monarquia, estavamos em perigo de ser arrastados pelo exemplo da França na rede varredoura de seu inquieto despotismo militar. O presente perigo procede do *máo exemplo* de hum *povo, cujo caracter não conhece meio nas cousas*: este perigo he o da anarchia, e tyrannia, que della ha de no fim sobresahir.

O maior perigo politico resulta da admiração da fraude, e violencia feliz, para em todos os paizes se imitar a irracional, impia, e feroz democracia, que proscreve, confisca, rouba, e assassina. Devem temer, ainda mais que todos, os individuos que tem propriedade, e principalmente os das Ordens Superiores, que sustentão os Governos regulares, e são os pilares dos Thronos. Da parte da religião, o perigo já não he da antiga Intolerancia Franceza, mas da sua infidelidade atheistica; que he hum vicio vil, e desnaturado, inimigo de toda a dignidade, e consolação do Genero humano, que parece agora na França ter sido incorporado em Facção, e que se acha acreditado, confessado, e ate proposto a ser o Symbolo da Nação (1).

Não sou inimigo de reformas. Quasi em todas as deliberações, em que fui Vogal no Parlamento, desde o primeiro dia, em que nelle tive assento, o meu principal negocio foi *justa reforma*; empenhando-me em corregir abusos velhos, ou resistir a novos. Mas, em minha opinião, *reformar, não he fazer em pedaços a architectura do Estado*: isso não só previne toda a real, e precisa reforma, mas até introduz males, de que depois em vão se póde achar emenda, e reforma alguma.

Penso que a Nação Franceza obrou sem sabedoria em destruir a sua Constituição. Isto, de que ella muito se préza, redunda-lhe em perpetua deshonra. Gloria-se de ter feito a revolução do proprio paiz, como se revoluções fossem em si cousas boas. Todos os horrores, e todos os crimes da anarchia, que conduzem á revolução de hum Estado, e que se augmentão com o seu progresso, se representão como nada aos amantes de revoluções. Para prevenir o contagio, e curso de tão horrivel Mal Francez, eu abandonaria os meus melhores amigos, e me congraçaria com os meus mais encarniçados inimigos; a fim de me oppor a todos os violentos esforços do *espirito de innovação*, que he só calculado a derribar o Imperio, e está muito longe dos verdadeiros principios das saudaveis reformas, e antes vem a ser absolutamente incompativeis com as mesmas.

Era do dever dos que influírão na destruição da França, só reparar

---

(1) Ainda no principio deste Seculo se publicou na França o Diccionario dos Athêos, em que o proprio Author se poz na cabeça do rol.

os aggravos. Se os presumidos reformadores fossem virtuosos, e sabios, devião para isso no seu melhor juizo segurar a estabilidade do Throno, e das diversas ordens do Estado; mas, em lugar de melhorarem a fabrica de sua Monarchia, destruírão todas as balanças, e contrapezos, que servião a fixar o Estado, dar-lhe firme duração, e fornecer os correctivos do violento espirito, que podesse prevalecer em algumas de suas partes constituintes. Elles arrazarão o edificio com a maior temeridade, e confundírão tudo em huma incongrua, e desconnexa massa.

Depois de completarem a sua *obra de destruição*, e não *obra de reforma*, immediatamente, com a mais atroz perfidia contra o seu bom Soberano, e quebra de fé contra os proprios concidadãos, pozerão o machado á raiz de toda a Propriedade, e consequentemente de toda a Prosperidade Nacional, pelos principios, que estabelecêrão, e pelos exemplos que derão em confiscar todos os bens da Igreja, e depois os da Nobreza. Os seus superficiaes, e altanados Jurisconsultos fizerão huma sorte de *Instituta*, *Digesto*, e *Codigo* da anarchia, dando o titulo de *Direitos do Homem*, com tal pedantesco abuso dos elementares principios da Jurisprudencia, que até servirião de ignominia a meninos de escola. Mas a sua *Declaração de Direitos* foi peior, que ridicula pedantaria escolastica; pois, com tal nome, e authoridade elles destruírão systematicamente todo o doce vinculo interno, que as opiniões religiosas, e civis tinhão no espirito do povo. Por esta declaração subvertêrão o Estado, e attrahírão a seu Paiz calamidades, que nenhum paiz civilisado jámais soffreo.

Na sua Revolução não houve combate entre a Tyrannia, e a Liberdade. O sacrificio que os demagogos, ou instigadores do povo fizerão da paz, e fama do seu paiz, não foi feito no Altar da Liberdade. Estabelecêrão huma democracia, ou tumulto o mais desordenado de homens furiosos, para exercitarem (o que era necessaria consequencia da sua precipitação, e estulticia) o *despotismo da gentalha*, que he *a peior especie da tyrannia*. O seu real objecto foi o abaterem todas as legitimas instituições sociaes, que regulão, e unem todas as classes da Communidade em doirada Cadeia de subordinação. Elles fizerão rebellar soldados contra seus Officiaes; criados contra seus amos; artistas contra seus Mestres; rendeiros contra seus Senhorios; Curas contra seus Bispos; filhos contra seus pais; vassallos contra o seu Soberano. A sua causa não foi inimiga da Servidão, mas da Sociedade.

Considere se o como em qualquer paiz seria olhada huma insurreição plebeia, em que, como na França, se demolissem Palacios, e os Ecclesiasticos, e Ricos fossem descompostos, roubados, e destruidos; queimando-se nas suas proprias faces os seus titulos antigos, e sendo suas pessoas, e familias forçadas a exterminio, e a procurarem refugio por todas as Nações da Europa, sem outra razão, e culpa mais, do que o terem nascido com solares de nobreza, serem proprietarios de terras, e fundos, e se constituirem suspeitos de quererem conservar a sua consideração, e os seus bens?

A deserção dos Francezes foi huma abominavel sedição, e implacavel hostilidade a toda a gente nobre, e de educação, e cuja salvagem se-

nha de motim era o pavoroso grito — eis o *Aristocrata* — para animar-se a canalha sanguinaria, e incapaz de nobres sentimentos a commetter roubos, e assassinatos, sendo irritada a todos os excessos por homens ambiciosos, e scelerados, que intentavão humilhar, e abater tudo, o que era respeitavel, e virtuoso da Nação, quasi pondo em eterno opprobrio o nome de hum paiz antes tão famoso no mundo como a França. Até a força militar foi pervertida na disciplina, e politica. Levantou-se a Tropa Nacional contra a Tropa de Linha. Fez-se balança dos Exercitos, e não dos Corpos do Estado. Isto estabeleceo a guerra civil.

He estranho comparar a *Revolução da França* com a *Revolução de Inglaterra*. Na epocha desta, o Principe de Orange, Principe de sangue Real da Gram Bretanha, foi chamado ao Throno Britannico pela flor da Nobreza Ingleza, para defender a sua *Antiga Constituição*, e não para nivellar todas as Distincções, pelo vil conceito de *falsa Liberdade, e Igualdade.* A obediencia militar só mudou de objecto; mas a disciplina militar nem por momentos foi interrompida no seu principio. Que comparação tem a chamada Assemblea Constituinte Franceza, com a Magestade da Representação da Nação Ingleza!

A Revolução da França foi em tudo o avêsso da Revolução de Inglaterra, que ora sustenta no Throno dos Reinos Unidos a Soberania da actual Casa Reinante. Entre nós, o caso foi de hum Monarcha legitimo querendo arrogar-se hum poder arbitrario: na França, o caso foi de hum Monarcha absoluto, intentando legalisar a sua Authoridade, e querendo estabelecer huma Monarchia limitada. Não se tratou jámais na Gram Bretanha de mudar as Ordens do Estado, nem arruinar o Governo; só se procurou legalisallo, conservando-se as partes constituintes da Monarchia. A dizer propriamente a verdade, e a real substancia das cousas, não se fez revolução verdadeira, mas prevenio-se que ella se fizesse com as convulsões, que as revoluções trazem comsigo. Só exigimos solidas garantias, tomámos assento de questões duvidosas, e corrigimos anomalias da nossa Lei. Não se fez revolução, nem ainda alteração, nas partes fundamentaes e estaveis da nossa Constituição de que já gozavamos; tambem não diminuimos as justas e necessarias prerogativas do Monarcha e da Coroa, antes consideravelmente as fortificámos. A Nação ficou conservando as anteriores Ordens, classes, privilegios, franquezas; as identicas regras da propriedade; as mesmas subordinações; igual ordem na Lei, Renda Publica, Magistratura; sustentámos as Cameras dos Lords, e Communs, as mesmas Corporações, e os mesmos Eleitores. No Acto do Parlamento apenas houve desvio da rigorosa regra da successão, em favor de hum Principe, que, posto não fosse o immediato, era o mais proximo na linha da successão. O Lord *Somers*, que lavrou a Lei de Declaração de Direitos, se comportou nesta delicada occasião conforme ao senso do povo; dizendo, que "era admiravel providencia, e misericordiosa benção de Deos á Nação, preservar as Pessoas de Suas Magestades Reaes, para felizmente reinarem sobre o Throno de seus Antepassados; sobre o que, do fundo dos seus corações, todas as Ordens do Estado davão suas graças e louvores."

Tambem em tal Revolução, a Igreja não soffreo o menor eclypse é detrimento. Os seus reditos, a sua majestade, o seu esplendor, as suas ordens e graduações, continuárão a ser como d'antes erão. Ella conservou-lhe toda a sua religiosa efficacia, e só a libertou de certa intolerancia, que produzia fraqueza, e menos gloria. A Igreja e a Monarchia pois ficárão sendo as mesmas, e só se constituirão melhor seguras. Não se fez Revolução na Constituição: tudo foi bem, porque principiou-se por fazer *reparação*, e *não ruina*. Em consequencia o Estado floreceo. Em lugar de se prostrar como hum defunto, ou permanecer em huma sorte de transe, como outros Estados, com accessos epilepticos, expostos á irrisão ou piedade do mundo, e só fazendo, semelhantes á França, estrondo por movimentos convulsivos, sem algum proposito ou effeito mais, que o de quebrarem a propria cabeça sobre o pavimento, a Gram Bretanha se elevou sobre o seu mesmo prototypo.

Dahi em diante começou huma Era de prosperidade nacional mais avantajada, a qual, ainda continua, não obstante a devastadora mão do tempo, e não só sem diminuição, mas até com augmento. Todas as energias do paiz se despertárão. Inglaterra tem por isso mostrado mais firme rosto, e mais vigoroso braço, a todos os seus inimigos, e rivaes. A Europa sob seus auspicios respirou e reviveo. Em toda a parte ella tem apparecido como Protectora, Assertora, e Vingadora da verdadeira liberdade, e tem sustentado guerra até contra a mesma Fortuna. Ella fez logo concluir o Tratado de *Riswik*, que limitou o poder da França; e consolidou a Grande Alliança, que abalou até nos alicerces o tremendo Colosso Gallico, que ameaçava a independencia do Genero Humano. Os Estados da Europa forão felizes á sombra desta Grande e Livre Monarchia, que sabe ser grande, sem pôr em perigo a paz interior do proprio paiz, e a paz externa de quaesquer dos seus vizinhos.

A Revolucão Franceza só tem feito dar esplendor á obscuridade, e distincção aos meritos os mais indistinctos. Tive a mais inexprimivel admiração, quando me veio noticia, de que a *nova*, que se denominou em Londres *Sociedade da Revolução*, tomando huma sorte de importancia publica, e capacidade legal, dirigia cartas de parabens á que se intitulou *Assemblea Constituinte* da França, que havia completado tamanhas desordens em seu Paiz. Nenhuma pessoa ou Companhia particular, que não tem geral missão apostolica, póde, sem a maior irregularidade, abrir formal e publica correspondencia com algum novo Governo de Nação Estrangeira, sem expressa authoridade do Governo sob o qual vive.

Sou homem lizo, e não posso ver com serenos olhos procedimentos mui refinados e engenhosos dos que se considerão superiormente illuminados, e que tomão, de motu proprio, os ares e maneiras dos estratagemas politicos. Lisongeo-me de amar (ao menos com igual zelo que outros,) a varonil, moral, e bem regulada liberdade civil. Tenho dado disso provas em minha conducta publica: mas não sou dos mais adiantados em dar louvor a qualquer cousa relativa a acções humanas, e negocios politicos, unicamente pela superficial vista do objecto, espoliado de todas as mais relações da Sociedade, e na nudez, e solidão das abstracções methaphysicas.

Circunstancias (que, no juizo de alguns cavalleiros; se considerão em nada) são, no meu fraco entender, as cousas mais essenciaes, e que na realidade dão a todo o principio e plano politico a conveniente côr, e effeito distincto, para se qualificar com discernimento a sua natureza. Taes circunstancias são as que constituem a cada Projecto civil, e politico, ou benefico, ora prejudicial ao Genero Humano.

Abstractamente fallando, *Governo*, e *Liberdade*, são cousas boas. Em *senso commum*, ha dez annos poderia felicitar a França pelo gozo de seu governo, sem inquirir sobre a natureza de tal governo, e se era bem administrado. Poderei eu congratular agora a mesma Nação pela sua liberdade? Por isso que a liberdade, em abstracto, se deve contar entre os bens do Genero Humano, poderia alguem seriamente felicitar a hum louco, por haver escapado da protectora restricção, e saudavel escuridade da sua cazinha, e de ter obtido restauração da luz, e liberdade? Darei parabens a hum salteador de estrada, e assassino, porque, quebrando a sua prizão, recobrou os seus direitos naturaes? O heroico libertador dos Condemnados a galés, só sería reputado por cavalleiro methaphysico de triste figura.

Quando vejo o espirito de liberdade em acção, vejo hum principio forte, posto em obra. Então hum gaz turbulento, ou centrifugo ar fixo, he solto dos seus naturaes vinculos. Devo pois suspender o meu juizo, até que a primeira effervescencia se tenha esfriado, o licor se clarifique, e se possa ver no fundo alguma cousa mais do que sómente a agitação de turbada e escumosa superficie.

A lisonja corrompe a quem a faz e a quem a recebe; e a adulação dos povos não lhes he de melhor serviço, que a dos Reis. Deviamos logo demorar as congratulações á França pela sua nova liberdade, antes que se viesse no cabal conhecimento, do como ella tinha sido combinada com a regularidade do governo; com a força publica; com a disciplina e obediencia do exercito; com a effectiva collecta e boa distribuição das Rendas do Estado; com a moralidade e religião; com a solidez da propriedade; com a paz e ordem; com as maneiras civis e sociaes. Sem estas cousas, a liberdade não he beneficio, ou vantagem duravel, mas antes maleficio, e desordem.

O effeito da liberdade nos individuos he fazerem o que lhes agrada; mas he necessario que primeiro saibamos que cousas são as que lhes agradão, antes que nos arrisquemos a dar-lhes os parabens, que se possão logo tornar em pezames. A prudencia assim o dicta, em caso de homens particulares, e obrando solitariamente; quanto mais o deve ser a respeito de Nações?

A *liberdade*, quando os homens operão em corpo, vem a ser *poder*. Toda a gente de consideração pois deve, antes de se declarar em applausos, observar o uso que taes homens fazem deste *poder*, e particularmente de huma cousa tão perigosa como he de *novo poder*, em *novas pessoas*, e obrando por *novos principios*, e quando aliàs não tem ainda dado provas de seus temperamentos, e disposições, com pouca ou nenhuma experiencia dos negocios das Nações, e quando se achão em situações e scenas, em que talvez os actores não são os seus motores.

Comprehendendo-se todas as circunstancias, a Revolução Franceza he o mais assombroso phenomeno que tem acontecido no mundo. As cousas mais maravilhosas ás vezes vem á luz pelos meios mais absurdos, nos mais ridiculos modos, e pelos mais despreziveis instrumentos. Porém alli tudo parece estar fóra da natureza, no seu estranho cáhos de leveza e ferocidade. Vem-se todas as sortes de crimes, complicados com todas as sortes de loucuras. Nesta tragicomedia, as mais oppostas paixões se revezão necessariamente, e vão de encontro no espirito: ora tem-se alternativamente desprezo, e indignação; ora rizo e lagrimas; ora desdem e horror.

A experiencia nos tem ensinado, que *não ha outro mais certo expediente de perpetuar a nossa regular liberdade, senão guardando, do modo o mais sagrado, o direito da successão hereditaria na Coroa, e nas propriedades da Nação.*

Pela guarda inviolavel desta regra, o *espirito de cautela* predominou em a nossa Revolução no Conselho Nacional, estando-se aliàs em situação, em que os homens irritados pela oppressão, e elevados pelo triumpho sobre ella, erão propensos a abandonarem a si mesmos a procedimentos violentos e extremos: elle mostrou a anciedade dos grandes homens que influírão na conducta dos negocios nessa grande épocha, para fazerem que a revolução fosse a mãi dos bons estabelecimentos, e não a matriz de futuras revoluções. A nossa Constituição não fez do Rei huma *Justiça de Aragão*, (1) nem estabeleceo Tribunal em que elle se submettesse a alguma responsabilidade, antes constituio a sua *Pessoa Sagrada*, e, na presumpção de Direito, impeccavel.

A nossa mais antiga reforma he a *Magna Carta* do Rei João. *Coke*, o Oraculo da nossa Lei, e todos os grandes homens que o seguírão até *Blackston*, se esforção em mostrar, que esta foi a columna da nossa Liberdade, e que era connexa com outra Carta mais antiga de Henrique I., e que huma e outra não erão mais que mera confirmação de ainda mais antiga e constante *Lei da Terra*. Assim foi sempre a firme politica destes Reinos considerar os mais sagrados direitos, e *franquezas*, como *herança*.

Na famosa Lei de Carlos I., chamada a *Petição de Direito*, o Parlamento disse ao Rei — os Vossos Vassallos tem herdado esta liberdade —; reclamando as suas franquezas, não pelos abstractos principios de *Direitos do Homem* á franceza, mas como direitos consuetudinarios dos Inglezes, e patrimonio derivado de seus antepassados. A uniforme policia pois da nossa Constituição na Revolução só reclamou e consolidou a *herança fidei-commissaria* dos nossos maiores, para ser transmittida tambem illesa á nossa posteridade.

Por isso temos Coroa hereditaria: Nobreza hereditaria: Casa de Communs e Povo herdando privilegios, franquezas, e liberdade, por huma

---

(1) Isto allude ao antigo uso do governo feudal de Hespanha, e em particular do Reino de Aragão, em que os Deputados das Cortes, escolhendo Rei, propunhão-lhe condições, dizendo: *se assim, sim; se não, não.*

longa linha de muitos avós de avós, para perpetuidade da Monarchia Britannica. Assim poderemos dizer

——— multos que per annos
Stat fortuna domus, et avi numerantur avorum.

Esta policia parece-me o resultado de profunda reflexão, ou (para melhor dizer) he o feliz effeito de seguir-se o *dictame da natureza*, que he a *sabedoria sem reflexão*, e que vem a ser ainda sobre ella. Não se póde olhar para os vindouros, sem tambem elevar as nossas vistas aos antepassados. A idéa de herança fornece seguro *principio de conservação*, e seguro *principio de transmissão*, sem todavia excluir o *principio de melhora*. Ella deixa livre os meios de novas adquisições, e segura o adquirido.

Quando hum Estado se governa por estas maximas, constitue-se huma sorte de *Estabelecimento de Familia*, com a perpetuidade das *Corporações de mão-morta*. Quando a Policia Constitucional obra sobre o modelo da natureza, transmittimos o nosso governo, e os nossos privilegios, como transmittimos as nossas vidas, e as nossas propriedades. Assim as instituições saudaveis, os bens da fortuna, os dons da Providencia, se traspassão, como de mão a mão, de pais a filhos, na mesma carreira e ordem das operações da Natureza; e então o Corpo Politico se mantem em saude habitual de huma boa Constituição.

O nosso Systema está posto em justa correspondencia com a harmonia do Mundo, e com o modo de existencia decretado a hum Corpo permanente, composto de partes transitorias, pela disposição da estupenda Sabedoria, que moldou a grande mysteriosa incorporação da Especie Humana, e que, subsistindo no todo em huma constancia immutavel, se move por variado theor de perpetua decadencia, morte, renovação, e progresso das suas partes componentes. Assim afferrando-nos aos bons principios dos nossos antepassados, não somos guiados pela superstição dos antiquarios, mas pelo espirito de analogia philosophica. Nesta escola de herança, damos á nossa fórma politica a imagem de consanguinidade: e ligando a Constituição politica aos nossos mais caros laços domesticos, e adoptando as nossas leis fundamentaes no seio das nossas affeições de familia, sustentamos inseparaveis, e amamos com ardor de todos os caracteres combinados, e mutuamente reflectidos, o nosso Estado, os nossos lares, os nossos sepulchros, e os nossos altares.

Pelo mesmo plano de conformidade á natureza em as nossas artificiaes instituições, e chamando em ajuda dellas os seus poderosos instinctos (que não errão) para fortificar os falliveis e fracos esforços de nossa razão, temos percebido não pequenos beneficios de considerar a nossa liberdade como herança. Procedendo sempre como em presença de nossos canonisados avós, o espirito de liberdade, (que de si mesmo se precipita a excessos) he temperado por huma respeitosa gravidade. A idéa de huma descendencia liberal nos inspira sentimentos de nativa dignidade; no que se previne a insolencia de levantados, que quasi inevitavelmente acompanha e deshonra os que repentinamente adquirem alguma distincção.

Por este meio, a nossa liberdade vem a ser huma nobre franqueza, e traz comsigo hum aspecto majestoso, dando lustre á prosapia dos nossos antepassados. Ella apresenta os seus timbres e brazões: ella tem sua galaria de retratos: suas inscripções de monumentos: seus depositos e titulos de nobreza. Procuramos reverenciar as nossas instituições civis, pelo mesmo principio com que a natureza nos ensina a reverenciar os individuos veneraveis, isto he, em attenção á sua idade, e aos seus bons ascendentes. Todos os sophistas Francezes não podem produzir cousa alguma mais propria a conservar a racional e varonil liberdade, do que a carreira que temos seguido, escolhendo por guia antes a natureza que a phantasia, e os nossos corações antes que as nossas ficções, para serem os reservatorios e armazens dos nossos direitos e privilegios.

Como, em o mundo natural, o conflicto reciproco de forças discordantes constitue a harmonia do Universo, assim, em o mundo politico, a reciproca opposição e combinação de interesses, longe de affear a nossa Constituição, põe nella os saudaveis contrabalanços, que retem na propria esphera, e nos devidos limites, todas as resoluções precipitadas. Elles fazem as nossas deliberações objecto de necessidade, e não de escolha; e toda a mudança, só materia de concordata, a qual naturalmente produz moderação, e temperança, que previne o cancroso mal de quaesquer duras, e despropositadas reformas, e torna para sempre impraticaveis os temerarios esforços do poder arbitrario, seja de poucos ambiciosos, seja da plebe tumultuaria. Pela mesma diversidade dos membros e interesses de qualquer Nação, a geral liberdade tem tantas seguranças, quantos são os designios separados das differentes Ordens do Estado; entretanto que, sendo todo o edificio equilibrado e comprimido pelo peso de huma monarchia regular, impede-se que cada parte solitaria se desconcerte, e salte dos seus competentes postos.

A França tinha todas estas vantagens no seu antigo systema; porém preferio o obrar, como se nunca tivesse entrado no usual molde da Sociedade Civil, e como se houvesse de começar de novo a carreira da Civilisação. Principiou mal, porque principiou por desprezar tudo que lhe pertencia. Assemelhou-se a hum individuo que principia o seu commercio sem capital. Se as primeiras mais remotas gerações de tal paiz apparecessem sem lustre aos seus olhos, poderia tellas preterido, e procurado os direitos nacionaes em os seus mais proximos antepassados. Tendo por elles huma pia predilecção, os Francezes terião achado nos mesmos seus bons avós, hum padrão de virtude e sabedoria superior á pratica da gente actual, e se terião exaltado com os nobres exemplos que aspirassem imitar. Respeitando aos seus mais gloriosos antepassados, aprenderião a respeitar a si proprios. Não se terião considerado como hum povo de dous dias, e vil escravatura, que tentava conseguir a alforria, que suppõe terlhes vindo em 1789.

Não seíra mais digno o considerar-se a Nação Franceza como huma Nação generosa, e cavalheira, sim ha muito tempo extraviada, em desavantagem propria, pelos seus altos e romanescos sentimentos de fidelidade, honra, e patriotismo; mas que, supposto alguns successos politicos

lhes fossem desfavoraveis, com tudo nunca fora reduzida á escravidão, por ter indole illiberal e servil, e que, na sua mais submissa reverencia ao Governo, era só incitada por hum principio de espirito publico, e que cada cidadão adorava o proprio paiz na pessoa do seu Soberano? Se tivesse feito entender, que, na illusão deste amavel erro, intentava adiantar-se aos antepassados, e estava resolvida a recuperar os seus antigos privilegios, conservando todavia o espirito da antiga lealdade e honra; se, desconfiando de si, e não tendo em estima as suas antiquadas Constituições, olhasse para a Gram Bretanha, que conservou sempre os bons principios e modelos da Lei Geral da Europa, já melhorada, e accommodada ao presente estado, seguindo os seus mais sabios exemplos, teria sem duvida dado novas provas de sabedoria ao Mundo.

Então a França faria a causa da liberdade veneravel aos olhos de toda a pessoa digna em qualquer Nação; o despotismo, por vergonha, se degradaria da terra; e a experiencia mostraria, que a liberdade, sendo bem disciplinada, não só era conciliavel, mas até auxiliar á Lei. Assim, em lugar de ter hum redito publico oppressivo, o teria productivo: sustentaria hum commercio florente; teria huma Constituição livre; huma poderosa monarchia; hum Clero reformado, e veneravel; huma Nobreza espirituosa, não insultante, e só propria a ser a guia da virtude nacional; teria tambem huma liberal Classe de Homens Bons da terra, para emularem a Nobreza, e entrarem gradualmente os seus melhores individuos para esta superior ordem; teria hum Povo bem protegido, contante, laborioso, subordinado, e instruido a procurar por justos meios a melhora da propria condição.

Então na França geralmente se reconheceria; que *a felicidade só se acha por meio da virtude de todas as condições de pessoas, e que nisso consiste a verdadeira igualdade moral do Genero Humano*, e não em a monstruosa ficção dos revolucionarios, que inspirando idéas falsas, e vãs esperanças, aos individuos destinados a passar pela escura estrada de huma vida de trabalhos, serve sómente de muito aggravar, e ainda mais estender, a real desigualdade, que não se póde jámais remover, e que a ordem da vida civil estabelece, tanto para beneficio daquelles, a quem a fortuna deixa em hum estado humilde, como tambem para aquelles que se tem exaltado a huma sorte mais esplendida, ainda que não mais feliz.

Tire a França a conta de seus ganhos: veja o que lucrou pelas extravagantes e presumpçosas especulações, que ensinárão aos Cabeças da revolução a desprezar todos os seus predecessores, e contemporaneos, e ainda a desprezar a si proprios, até o extremo de se reduzirem a ser verdadeiramente despreziveis. A França, seguindo luzes falsas, comprou as mais certas calamidades por mais alto preço, do que outras Nações tem comprado ainda os bens mais seguros! França comprou pobreza por malfeitoria. França não só sacrificou a sua virtude ao seu interesse, mas até abandonou o proprio interesse para prostituir a sua virtude.

Todas as outras Nações tem principiado a fabrica de seu novo governo, e a reforma do antigo, estabelecendo logo na origem, e fazendo executar com grande exacção, algum rito religioso de culto publico. To-

dos os mais reformadores tem firmado os fundamentos da liberdade civil em algum systema da mais austéra moralidade, ainda que aliàs differente nas maneiras. A França porém, soltando as redeas da Authoridade Real, redobrou a licenciosidade com a mais feroz dissolução dos costumes, e insolente irreligião em idéas e práticas; extendendo por todas as classes de individuos, e modos de vida, todas as infelizes corrupções, que ordinariamente produzem as enfermidades que se originão do abuso da riqueza e poder. Este foi hum dos falsos principios da igualdade Franceza, isto he a *igualdade de vicios.*

O Parlamento de Parìs disse ao Rei, que, convocando os Estados Geraes, nada teria a temer do excesso do seu zelo em prover ao sustento do Throno. Os que derão esse conselho, trouxerão ruina sobre si, seu Soberano, e seu paiz. Taes declarações temerarias tendem a deixar dormir a Authoridade Real, e animalla a precipitar-se a aventuras perigosas de novas medidas politicas, de que se não tem experimentado os bons ou máos effeitos, e a desprezar as preparações e precauções, que distinguem a benevolencia da imbecillidade, e sem que, nenhuma pessoa póde responder pelos saudaveis resultados de algum abstracto Plano de governo, ou de liberdade. Por falta destas precauções foi a Medicina do Estado corrompida em veneno proprio. Os conselheiros vírão os Francezes rebellarem-se contra o seu ingenuo e legitimo Monarcha com mais furia e crueldade, que nunca povo algum praticou contra o mais illegal usurpador, ou contra o mais sanguinario Tyranno. Elles atirárão com a mais vil traição contra a mesma generosa mão, que lhes prodigalisava graças, favores, e immunidades.

Tudo isto foi desnaturado, mas o resto estava na ordem. Elles achárão o seu castigo no complemento dos proprios desvarios. Leis transtornadas; Tribunaes subvertidos; industria sem vigor; commercio expirante; renda publica abatida; o povo mais indigente; a Igreja espoliada; o Estado sem allivio; todas as cousas divinas e humanas sacrificadas ao idolo do Credito Publico; e com tudo a bancarrota nacional verificou-se; e, para coroar tudo, vans seguranças do *papel-moeda*, que intitulárão *Assignados*, destinadas a sustentar o novo, precario, e vacilante poder, não sendo senão desacreditadas garantias da fraude empobrecida, e da rapina mendicante, se constituírão o dinheiro corrente, em lugar das duas reconhecidas especies de numerario, (oiro e prata) que representão o duravel convencional credito do Genero Humano, as quaes desapparecêrão e se escondêrão na terra donde vierão, ao mesmo tempo que o principio da propriedade, de que ellas são creaturas, e representantes, foi systematicamente pervertido.

Na Assemblea Nacional da França, ainda que houvessem algumas pessoas de alto nome, e de brilhantes talentos, não se achou huma só que tivesse assás experiencia prática de negocios de Estado. Os melhores Vogaes apenas erão homens de theoria. Em taes corporações, os cabeças que dirigem os collegas, são tambem guiados em seu turno por estes. Por mais altos que sejão os seus conhecimentos, he forçoso que conformem as suas propostas ao gosto, talento, e procedimento daquelles a quem di-

rigem : e por tanto , se a companhia he composta em grande parte de viciosos , e fracos , só hum supremo gráo de virtude , que raras vezes apparece no mundo (e por essa razão não póde entrar em calculo) he capaz de fazer, que os homens de genio, espalhados na geral massa, deixem de ser os instrumentos dos mais absurdos projectos. Se porém (o que he mais natural) em vez de terem hum gráo de virtude além do ordinario, forem agitados de sinistra ambição, e lascivo desejo de gloria meretricia, então a parte fraca de tal corporação vem por fim a ser o instrumento de seus designios. Neste trafico politico, os cabeças serão tão obrigados a curvar-se á ignorancia dos seus sequazes, como estes a servirem aos peiores designios de seus directores.

Para segurar pois algum gráo de sobriedade nas propostas feitas pelos que tomão o ascendente nas deliberações da Assemblea publica, he necessario que respeitem, e que em algum gráo temão aquelles, a quem encaminhão, e dão impulso nas obras. Ora nenhuma cousa póde segurar hum firme e moderado procedimento em taes Assembleas, senão o ser o seu corpo respeitavelmente composto de muitas pessoas, que em condição de vida, permanente propriedade, e nobreza de educação, tenhão adquirido habitos que alarguem e liberalizem o entendimento.

Porém a Assemblea Nacional da França foi composta, não de Magistrados distinctos, que já tivessem dado a seu paiz penhores de sciencia, prudencia, e integridade; não de Advogados avantajados, que tivessem sido a gloria do Foro; não de Professores famosos das Universidades; mas na maior parte se encheo de multidão de membros inferiores illiteratos, e até de mechanicos, meros intrumentos passivos na mão dos Collegas de superior capacidade; escuros Advogados de provincia; Procuradores e Escrivães, e mais trem de gente que sempre viveo de trapaças, e da pequena guerra de demandas de villas. Onde quer que se entregue a authoridade suprema a hum Corpo assim composto, hão de se experimentar os effeitos de se confiar tão sagrado poder a pessoas, que não tem sido ensinadas habitualmente a respeitar a si mesmas, e que não são dotadas de prévia fortuna que lhes dê caracter que sustentem, não se póde esperar, que manejem com moderação, ou conduzão com discernimento, hum poder, que elles mesmos, mais ainda do que quaesquer outras pessoas, se admirão de achar entre as proprias mãos.

Quem se poderia lisongear, que taes pessoas, vendo-se de repente arrancadas dos mais humildes gráos de subordinação, não se infatuassem com a sua grandeza não preparada? Quem conceberia que homens, que são habitualmente intromettidos, ousados, subtis, activos, de disposição contenciosa, e de espiritos inquietos, tornarião a cahir de boa vontade em sua antiga condição de viverem de huma laboriosa, baixa, e pouco lucrativa trapaça? Quem duvidaria, que elles não promovessem á custa do Estado, de que nada entendem, os proprios interesses, de que erão tão conhecedores? O successo pois não era contingente, mas necessario, e fundado em a natureza das cousas. Havião de certo fazer huma Constituição litigiosa, que abrisse o campo de innumeraveis disputas lucrativas, infalliveis consequencias de todas as grandes e violentas transmutações da

propriedade. Como se poderia esperar que consultassem a estabilidade da propriedade pessoas, cuja existencia tinha sempre dependido de tudo que faz a propriedade controversa, ambigua, e não segura?

Nem estes homens podião ser moderados e reprimidos por pessoas de mais circunspectos espiritos, e mais elevadas intelligencias. Pois muitos dos membros da Assemblea até erão camponezes e paizanos, que não sabião ler nem escrever; e muito maior numero erão negociantes, que, posto sejão ás vezes mais instruidos que as outras classes inferiores, e muitos fossem conspicuos na ordem da sociedade, com tudo não conhecem cousa alguma além do seu escritorio. Tambem havião membros da Faculdade de Medicina. Mas os leitos dos doentes não são Academias para formar Estadistas, e Legisladores. Entrárão igualmente capitalistas, que antes tratavão em compras de fundos publicos, e que naturalmente serião mui cuidadosos de trocar a sua riqueza ideal de papel-moeda em mais solida substancia da terra. Havião finalmente outras classes de pessoas da mesma estôfa, não habituadas a sentimentos de dignidade, e mais proprias a serem instrumentos que obstaculos de Cabalas. Com tão perigosa desproporção de pessoas desta qualidade a respeito das que podião bem servir o Estado obrando por espirito publico, a desordem era inevitavel.

A Camara dos Communs de Inglaterra, sem fechar as portas a merecimento algum de qualquer classe, he cheia, por operações de adequadas causas, com toda a gente que o paiz póde dar illustre em ordem, em prosapia, em hereditaria e adquirida opulencia, em talentos cultivados, e em toda a especie de distincção militar, civil, naval, e politica. Se ella fosse composta da miscelanea da Assemblea Franceza, poderia o dominio da trapaça ser tolerado com paciencia, ou ainda concebido sem horror?

Praza a Deos que eu não insinue cousa alguma que derogue a profissão da Jurisprudencia, que vem a ser como outro Sacerdocio, que administra os direitos da sagrada justiça. Mas a sua excellencia, quanto ao exercicio de suas funcções privativas, não lhe dá qualificação para as de diverso objecto. Os seus Professores são bons e uteis para entrarem em Composição dos Corpos publicos; mas são maleficos, se proponderão de modo, que constituão o total delles. Não póde escapar á observação de pessoas de senso, que, quando os Jurisconsultos estão mui restrictos aos habitos de sua faculdade, e, por assim dizer, inveterados em empregos de curto circulo, ficão inhabilitados a qualquer Officio, que requer conhecimento do genero humano, e experiencia de negocios grandes, complicados, e comprehensivos de interesses internos e externos da Nação, que servem a organisar obra tão complexa, como he a *Constituição do Estado.*

Por isso a Assemblea Franceza, destruindo todas as Ordens do Estado, não foi retida em seus actos, nem por Leis fundamentaes, nem por convenção de direito estreito, nem por algum respeitado uso. Nada no Ceo e na terra podia servir para os enfrear nas suas resoluções. *Os nescios se precipitão a correr onde os Anjos temem passar.* Em tal estado de hum

poder illimitado, e para propositos indefinidos e indefiniveis, o mal da moral, e quasi fisica ineptidão dos homens para as funções de tal Corpo devia ser o maior, que se póde conceber nos negocios humanos.

As revoluções das guerras civís de Inglaterra no tempo de *Cromwell*, e da França no tempo dos *Guises*, *Condés*, e *Colignis*, ainda que cheias de matanças, todavia não assassinárão tambem o espirito do paiz. A consciencia da dignidade nacional, o nobre orgulho, e o senso de generosa emulação, não se extinguírão. Continuárão a existir os orgãos do Estado, ainda que convulsos. Permanecêrão todos os premios da honra e virtude. Mas a presente confusão, semelhante á paralysia, atacou até a mesma fonte da vida. Os que sobreviverem ás actuaes desordens, não experimentarão sensação de vida, excepto na mortificada e humilhada indignação. A geração seguinte será composta de jogadores, usurarios, e judaizantes.

Os que tentão nivellar as classes dos individuos, jámais as igualizão. Em todas as Sociedades, compostas de varias descripções de pessoas, algumas sempre serão superiores, e preeminentes. Os nivelladores pois só mudão e pervertem a natural ordem das cousas: elles sobrecarregão o edificio da Sociedade, pondo nos ares o que a solidez da estructura requer que esteja no chão. Associações de officiaes mecanicos não pódem ser adequadas ás situações altas do Estado, em que, se intentão collocallos, pela peior de todas as usurpações, *a usurpação das prerogativas da natureza*.

O Chanceller da França na abertura dos Estados Geraes, em tom de florida figura Rhetorica disse, que *todas as profissões erão honradas*. Se queria nisso dizer, que nenhum emprego honesto he ignominioso a quem o exerce, não iria fóra da verdade. Mas dizer, que cada emprego he emprego de honra, he dizer que elle tem em si alguma distincção. Ora não he menos certo, que v. g. o officio de cabelleireiro, ou de fabricante de velas de sebo, não traz honra e distincção a pessoa alguma. Os outros empregos mais ou menos baixos, e servís, estão em igual caso. Sem duvida as pessoas que os exercem não devem soffrer oppressão do Estado; mas o Estado soffreria oppressão, se se tolerasse que taes pessoas tivessem parte no governo. Nisto não combatemos prejuizo algum: os que dizem o contrario, fazem guerra á natureza.

O Livro do Ecclesiastico ensina admiravelmente no cap. 38. *A sabedoria do escritor vem no tempo do descanço; e só póde ser sabio, quem não he obrigado a fazer trabalhos duros para ganhar sua vida. Que sabedoria póde ter o lavrador, que tem sempre a relha do arado na mão, e só falla em bois, novilhos, e gordura de vaccas? Assim he o oleiro, e todos os mais artistas, sem os quaes não ha cidade. Sendo peritos na sua arte, são attendiveis no que pertence a obra della. Mas não serão convocados para Deliberações de interesse publico, nem se assentarão na Cadeira de Juiz etc.*

Não se imagine que desejo monopolisar o poder, authoridade, e distincção, tão sómente para vantagem da Natureza de sangue, nomes, e titulos. Não ha qualificação para o governo senão Virtude, e Sabedoria, *actual*, ou *presumptiva*. Achando-se estas qualidades em qualquer estado,

condição, profissão, ou modo de vida, os que as possuem tem passaporte do Ceo para lugares de honra humana. Ai do paiz, que, fátua, e impiamente, rejeitasse o serviço dos talentos, e virtudes civis, e religiosas, que lhe são dadas para ornar e aproveitar o mesmo paiz, e que condemnasse á obscuridade qualquer habilidade destinada a espargir lustre e gloria em torno do Estado! Mas tambem ai do paiz, que, passando ao extremo opposto, considerasse a educação baixa, que só dá mui estreita vista das cousas, e as occupações sordidas, e mercenarias, como titulos preferiveis para governo das Nações. Todos os caminhos ás honras do Estado devem ser abertos; mas todos os postos não devem ser indifferentes a cada pessoa. Não he isto dizer, que a estrada á eminencia e poder no Estado deva ser feita muito facil, nem mui trivial. Se o merecimento raro he a mais rara de todas as cousas, elle deve passar por huma sorte de prova. O templo da honra deve ser estabelecido em o cume de monte alcantilado. Se deve ser accessivel á Virtude, devemo-nos lembrar, que a Virtude não he jámais bem experimentada, senão com bastante difficuldade, e algum combate.

Nenhuma cousa he tão devida e adequada representação do Estado, como a *habilidade* dos individuos que o compõe, e a sua *propriedade*. Mas como a habilidade he hum principio vigoroso e activo, e a propriedade hum principio bronco, inerte, e timido, a propriedade não póde ser segura das invasões da habilidade, sem que no calculo das proporções, ella predomine na dita representação. Ella ou deve ser representada exuberantemente nas grandes massas de accumulação de bens, ou, do contrario, não será realmente protegida.

A caracteristica essencia da propriedade, formada dos combinados principios de sua adquisição, e conservação, he o ser *desigual*. As grandes massas pois de propriedade que excitão a inveja, e tentão a rapacidade, devem ser postas fóra da possibilidade de perigo. Então ellas formão o natural baluarte em roda das menores propriedades, em todas as suas graduações. A mesma quantidade de propriedade, que, pelo curso natural das cousas, he dividida entre muitos, não tem a mesma operação. O seu poder defensivo se enfraquece, á medida que se diffunde. Nesta diffusão, a porção de cada pessoa he menos do que, no fervor de seus desejos, se poderia lisongear de obter dissipando as accumulaçoes das outras pessoas. O roubo de poucos daria insignificante partilha na distribuição feita a muitos. Porém o groso do povo não he capaz de fazer este calculo; e os que conduzem á rapina, jámais intentão fazer essa distribuição.

A liberdade civil não se póde julgar perfeita, onde a propriedade não está segura. O poder de perpetuar a nossa propriedade em as nossas familias, he huma das mais preciosas e interessantes circunstancias, que lhes pertencem, e que mais tende a perpetuar a sociedade civil. Elle faz que a nossa fraqueza sirva á nossa virtude, e até enxerta a benevolencia na avareza. Os possuidores de riqueza de familia, e a distincção, que acompanha a posse hereditaria de bens, e titulos de avós, são as naturaes seguranças para o seu trespasso aos descendentes. A nossa Camara dos Pares he formada sobre este principio: ella he toda composta de propriedade, e

distincção hereditaria; e constitue a terça parte do Corpo Legislativo; e, em ultima instancia, he o unico juiz de toda a propriedade, em todas as suas subdivisões. Tambem a Camara dos Communs, ainda que não necessariamente, com tudo, de facto, he sempre composta, na maior parte, de homens de propriedade. Quanto maior he o numero destes (e naturalmente devem ser os melhores desta classe) tanto melhor formão o lastro da Não do Estado. Sim a riqueza hereditaria, e a nobreza que della provém, he mui idolatrada por servis sycophantas, cegos e abjectos admiradores do poder; mas tambem he temerariamente desprezada nas superficiaes especulações de petulantes, e orgulhosos paralvilhos da falsa philosophia. Dar-se ao *nascimento nobre* alguma decente e regulada preeminencia, e alguma preferencia (não privilegio exclusivo ás honras do Estado) não he desnatural, nem injusto, nem impolitico.

Tem-se dito, que o interesse de milhões de pessoas, de que se compõe huma Nação, deve prevalecer ao de poucos milhares, que fórmão o numero de seus nobres e ricos. Isto sería verdade, se a Constituição dos Estados fosse hum problema de Arithmetica: mas tal discurso he ridiculo para pessoas que discorrem com acerto. A vontade de muitos, e o seu interesse, pódem ser cousas mui distinctas. Hum governo politico, que não se funda principalmente no grande interesse da propriedade, está fóra da natureza das cousas. Como, pela nova Constituição, feita por escuros procuradores, e parochos de provincia, de envólta com huma duzia de nobres descontentes, e desertores da sua ordem, a propriedade não servio de governo ao paiz, a obvia consequencia foi ser destruida a propriedade, sem a qual todavia não póde existir liberdade racional. Quando a Assemblea Nacional, composta daquella gente, deo por acabada a sua obra, completou a ruina do paiz.

Em vão se falla a ambiciosos e anarchistas sobre a pratica dos nossos antepassados, leis fundamentaes do paiz, e fixa fórma de Constituição, cujo merecimento aliás se confirma pelo solido criterio de longa experiencia e progressiva prosperidade publica. Elles desprezão a experiencia, como sabedoria de homens não letrados; e com suas visionarias theorias preparão a mina, que deve fazer estourar com huma grande explosão todos os exemplos de antiguidade, arestos, e diplomas publicos. Reconhecem que os tempos dessa explosão serão calamitosos. Mas dizem, que a convulsão no mundo politico não he objecto digno de lamentação, havendo de ser seguida por tão benefico effeito, qual he o de se estabelecer na terra o Codigo dos *Direitos do Homem*. Eis como esta casta de gente se prepara a ver com firmes olhos as maiores calamidades que possão sobrevir a seu paiz!

Devem-se distingir os *reaes direitos do homem* dos *falsos direitos* que os enthusiastas revolucionarios vagamente inculcárão. Estes *direitos espurios* só servem a destruir inteiramente aquelles *direitos genuinos*.

Como a Sociedade Civil he feita para vantagem do homem, todas as vantagens, para ter as quaes se estabelece a Sociedade, vem a ser o seu verdadeiro direito. A Sociedade he huma instituição de beneficencia, e a Lei Civil não he mais que a beneficencia publica, declarada em regra po-

sitiva. Os homens tem direito a viver por esta regra. Por tanto tem direito a que se lhe faça justiça, como vivendo entre Concidadãos, quer obrem em funçáo politica, quer em seus ordinarios negocios. Elles tem direito ao fructo da sua industria, e aos meios de fazer esta industria fructifera. Elles tem direito á herança dos bens de seus pais, á sustentação, e educação de seus filhos, á instrucção na vida, e consolação na morte. Tem direito de fazer para si separadamente tudo aquillo que lhes he possivel fazer sem offensa do direito dos outros. Tem direito a huma equitativa partilha dos bens da Sociedade, que esta he capaz de fazer em favor de cada individuo com todas as suas combinações de sabedoria e força. Nesta companhia, todos os homens tem iguaes direitos, mas não a quaesquer cousas. O que só entrou com cinco shellings para huma companhia, tem tão igual direito á partilha dos lucros da sua entrada, como o que entrou com quinhentos shellings o tem para maior porção, proporcional á maioria de seu capital. Mas não tem direito a igual dividendo no producto do fundo unido da Sociedade. Quanto porém a terem todos tambem partilha de poder, authoridade, e direcção de cada individuo no governo do Estado, nego que jámais fossem esses os originaes direitos do homem em qualquer Sociedade civil, pois contemplo o homem social, e não o homem natural.

Hum dos primeiros motivos da Sociedade civil, e que pertence ás suas regras fundamentaes, he que nenhum homem seja Juiz na propria causa. Por esta regra, toda a pessoa se priva do primeiro fundamental direito de cada homem, antes que entrasse em Sociedade civil por contrato, isto he, do direito que tinha de julgar na propria causa, e ser por si mesmo o vingador do seu direito. Elle abdica inteiramente este direito á pessoa a quem se entregou o governo. Elle até em grande parte abandona o direito natural da defeza propria, que aliàs se funda na primitiva lei da natureza.

Os homens não podem ao mesmo tempo gozar dos direitos do estado salvagem, e do civilisado. Para que possa cada individuo na Sociedade civil alcançar justiça, deve renunciar ao direito de decidir o que lhe he em certos pontos o mais essencial. Para segurar alguma liberdade racionavel, deve render á discrição o total dos direitos, que antes tinha, e nos quaes entrava tambem a liberdade de mal fazer, e de pôr em perigo a existencia, e commodidade dos outros.

O Governo não he feito em virtude de direitos naturaes, que possão existir com absoluta independencia do mesmo governo. Abstracta perfeição de taes direitos vem a ser o seu defeito prático. Os homens no estado salvagem, por terem illimitado direito a todas as cousas, vem a ter falta de tudo. O Governo he huma especulação da sabedoria humana, para providenciar ás precisões dos homens. Os homens tem direito a que a sabedoria do Governo proveja a estas precisões. Entre estas precisões deve-se contar por huma principal, o haver huma fórma de Sociedade civil, com sufficiente restricção sobre as paixões dos homens. A Sociedade requer, não só que as paixões dos individuos sejão sujeitas a alguma authoridade que as reprima; mas tambem, que, no corpo do povo, as incli-

nações dos homens sejão frequentemente encontradas, e que a sua vontade seja em justos termos restricta. Isto só se póde fazer por hum poder que esteja fóra delles, e que, no exercicio de suas funcções, não seja sujeito á vontade, e ás paixões do povo; visto que o officio do Governo consiste em impor-lhes o devido freio e jugo. Neste sentido, não só as liberdades dos homens, mas tambem as restricções dellas, se devem contar entre os seus direitos. Mas estas liberdades, e suas restricções, varião com os tempos e circumstancias, e admittem infinitas modificações. Portanto ellas não se pódem estabelecer por *abstractas regras*.

Desde o momento que se rebate alguma cousa dos plenos direitos do homem do estado salvagem, isto he, desde que cedeo do direito, que tinha de se governar por si só, e soffreo alguma limitação desse direito, logo a *organização do governo* vem a ser *Consideração de Conveniencia*. Isto he o que faz a Constituição do Estado, e a devida distribuição dos seus poderes, hum objecto da mais melindrosa, e complicada sabedoria. Ella requer profundo conhecimento da natureza humana, das necessidades sociaes, e das cousas que facilitão ou obstruem os varios fins que convém se procurem pelas instituições civis. O Estado deve ter sempre em si hum fundo de força, vida, e remedio, para as proprias enfermidades. Quando hum Estado fraco, e doente carece de mantença, e medicina, o methodo de lhe procurar, e administrar sustento, e curativo não he fazer abstractas discussões dos direitos do homem. Na deliberação dos melhores meios de lhe dar vida, e saude, deve-se antes consultar ao lavrador, do que ao professor de metafisica.

A sciencia de construir hum Estado, ou de reformallo, e renovallo, he como toda outra *Sciencia experimental*, que não se ensina *à priori*. (*) Nem huma limitada experiencia nos póde instruir em cousas de sciencia prática; pois que os reaes effeitos das causas moraes não são sempre immediatos. A's vezes o que na primeira instancia he prejudicial, póde ser excellente em huma operação mais remota. Até a sua excellencia póde originar-se dos máos effeitos que ao principio produzio. A's vezes acontece o contrario; pois tem-se visto planos mui plausiveis, e com principios mui brilhantes, que depois tiverão mui vergonhosos, e lamentaveis exitos. Nos Estados ha muitas vezes algumas escuras, e quasi escondidas causas, de que depende grande parte das prosperidades, ou adversidades das Nações, que aliàs consistem em cousas á primeira vista de pouco momento.

Sendo pois a sciencia do governo em si mesma huma sciencia prática, e destinada para cousas práticas, ella vem a ser materia que requer muita cautela, e experiencia, e mais experiencia do que huma pessoa póde ganhar em longa vida. Homens de Estado de grande sagacidade jámais se aventurão a derribar hum Edificio Politico, que por seculos se sustentou, enchendo os ordinarios objectos da Sociedade; nem a edificar hum de novo, sem ter ante os olhos modelos, e padrões de approvada utilidade.

(*) Isto he, só pelas causas originaes, e por abstractos principios de analyse metafisica, não combinados com observações práticas do modo de viverem os homens na sociedade.

Os direitos metafysicos dos homens, entrando na vida commum, são como os raios de luz, que, penetrando hum meio denso, logo, pelas leis da natureza, se refrangem de sua linha recta. Na verdade, na grossa, e complicada massa das paixões, e interesses dos homens, os seus primitivos direitos experimentão muita variedade de refracções, e reflexões; e sería absurdo fallar delles, como se continuassem na simplicidade da sua original direcção. A natureza do homem he intrincada: os objectos da Sociedade são da maior possivel complicação; e portanto nenhuma disposição simples de poder politico póde ser conforme á natureza do homem, ou á qualidade dos seus negocios.

Quando ouço fallar da jactanciosa ostentação de simplicidade da idéa na formatura de novas Constituições politicas, vejo logo quanto os presumidos artifices são grosseiramente ignorantes da sua arte, ou do seu dever.

Governos simpleces são fundamentalmente defeituosos, a não dizer peior cousa. Contemplando-se a Sociedade sómente em hum ponto de vista, os modos simpleces de regime encantão o espirito. Custa mais a perceber o todo de huma máquina que tem partes mui complexas. Porém he melhor que o todo della tenha huma ordem que satisfaça soffrivelmente ao seu fim, do que ter algumas partes muito exactas, quando aliàs outras são desattendidas, ou substancialmente prejudicadas, só para se dar o principal cuidado a algum dos seus membros componentes.

Os pertendidos direitos dos homens dos theoristas visionarios são todos extremos; e, em proporção que são metafysicamente verdadeiros, vem a ser moral, e politicamente falsos. Os solidos direitos do homem estão em huma sorte de meio, incapaz de definição, mas não impossivel de se discernir.

Os direitos do homem no governo são *as suas vantagens*; e estas muitas vezes consistem nas balanças entre as differenças do bem; e algumas vezes nos compromissos entre o bem, e o mal; e outras vezes entre mal, e mal. *Razão politica* he hum *principio calculador*, que faz conta de sommar, diminuir, multiplicar, e repartir, pelos verdadeiros denominadores moraes, e não por analyses metafysicas, e mathematicas.

Os anarquistas confundem o direito do povo com o seu poder. E como o direito, e poder não são as mesmas cousas, em quanto elles se não unem, deve-se dizer, que o povo não tem direito que seja imcompativel com a virtude, e com a primeira das virtudes, a *prudencia*. Mas, onde o povo he dirigido por cabeças de homens mal intencionados, que até ridiculisão a humanidade, e compaixão, como fructos da superstição, e ignorancia, e a ternura dos individuos se interpreta por traição ao público, nada he mais contra o direito, do que dar ao povo, a quem se inspirão taes sentimentos, o poder de turbar a ordem civil.

Por isto na chamada Assembléa Nacional nunca houve côr de imperio, nem face alguma de Senado. O seu poder foi como o do *principio máo* dos Maniquêos, só proprio a subverter, e destruir, e não para edificar, e compor, excepto máquinas infernaes, para inteira subversão, e destruição do Estado.

Influido por innatos sentimentos da minha Constituição, e não sendo

illuminado pelo menor raio da nova fonte de luzes da Revolução Franceza, a exaltada dignidade das Pessoas Reaes, que soffrêrão por ella, (considerando particularmente o Rei da França; hum Soberano tão bom, e a sua Rainha huma Senhora de tanta belleza, e amaveis qualidades, descendente de tantos Reis, e Imperadores) a tenra idade de seus Reaes Filhinhos, e os infortunios destas Augustas Pessoas, em lugar de me serem objectos de exultação, dão mortal agonia á minha sensibilidade, vendo impunes os triumfos do crime. Ha quasi 17 annos que vi aquella Princeza em Versailles. Por sua mimosa delicadeza, mal parecia tocar este Orbe na deliciosa visão, em que me pareceo como surgindo sobre o horisonte, aformoseando, e fazendo luzir a esfera sobre que principiava a mover-se, scintilando como a estrella da madrugada, cheia de vida, esplendor, e alegria. Oh que revolução! Que coração poderá contemplar sem estremecer aquella elevação, e esta quéda! Não me podia então jámais vir ao pensamento, nem por sonho, que, ao mesmo tempo que ella accrescentava titulos de veneração aos do enthusiastico, distante, e respeitoso amor do povo, seria obrigada a trazer forte antidoto contra a desgraça occulta em suas entranhas; e que eu teria vivido para ver suas desventuras, sobrevindas a huma Belleza da parte de huma Nação de amantes, e de Nação de homens de honra, e Cavalleiros? Penso que em outro tempo dez mil espadas saltarião das bainhas, para vingar hum só golpe de vista que a ameaçasse de insulto. Mas já se foi a idade da cavalleria. (*), e succedeo em seu lugar a de sofistas, e calculadores: assim a gloria da Europa extinguio-se para sempre. Nunca mais veremos a generosa lealdade de todas as ordens, e de todos os sexos, nem a briosa submissão ao Soberano, nem a obediencia cheia de dignidade, e a candida subordinação de coração, que tinha sempre vivo, ainda na mesma servidão, o espirito da exaltada liberdade. Acabou-se a inestimavel graça da vida, a *barata defeza das Nações*, a mãi de varonís sentimentos, e emprezas heroicas. Extinguio-se a sensibilidade de principio, e a castidade de honra, que sente qualquer nodoa nella como huma mortal ferida, e que inspira coragem, ao mesmo tempo que mitiga a ferocidade, ennobrecendo tudo que toca, e debaixo de cuja influencia até o vicio perde a metade de seu mal, perdendo a sua grosseria.

Este systema mixto de opinião, e sentimento, teve origem na antiga cavalleria. Se fosse totalmente amortizado, sería mui grande perda para a civilisação. Elle foi o que deo caracter á moderna Europa, e que, de-

---

(*) Esta passagem foi das mais motejadas pelos partidistas Francezes, ainda em Inglaterra. Mas ella tem grande verdade de sentimento, e de prática. A veneração ás mulheres foi caracterisada pela pena do immortal Tacito, descrevendo os costumes dos antigos Allemães. Suppunhão estes, no tempo em que se adoravão as virtudes, e ninguem se ria dos vicios, que as mulheres tinhão em si alguma cousa de santo, e divino. Fazendo ellas a doçura da vida social, e sendo o deposito da posteridade, o valor que dá aos homens o seu timbre de reverenciarem, e protegerem o bello sexo, he o maior baluarte dos Estados, e com razão constitue o que Burke chama *barata defeza das Nações*.

baixo das suas differentes fórmas de governo, a distinguio, com muitas vantagens, dos Estados d'Asia, e talvez dos Estados que florecêrão nos mais brilhantes periodos do mundo. Elle foi o que, sem confundir as ordens do Estado, produzio huma nobre igualdade, que de mão a mão descia pelas varias graduações da vida social. Esta opinião foi a que adoçava os Reis, até o ponto de serem nossos companheiros; e elevava os homens particulares até serem amigos dos Reis. Sem força, nem opposição, ella subjugou a altivez do orgulho, e poder; ella obrigou os Soberanos a submetterem-se ao suave collar da estima civil, e compellio a sua dura authoridade a submetter-se á elegancia; e fez que a dominação, que vence as leis, fosse subjugada pelas boas maneiras.

Mas tudo agora está mudado. Todas as appraziveis illusões, que fazem o poder doce, e a obediencia liberal, que enlação as differentes sombras da vida, e que, incorporão na politica os sentimentos que embellezão, e suavisão a sociedade particular, vão a ser dissolvidas pelo novo conquistador do imperio da luz, e da razão. Todas essas innocentes idéas associadas, que formavão a guarda-roupa da nossa imaginação moral, que o coração confessa, e o entendimento ratifica, e que são necessarias a cobrir os defeitos da nossa nua, e depravada natureza, e elevalla á dignidade em a nossa propria estimação, vão a ser exterminadas, como ridiculas, absurdas, e antiquadas modas.

No systema dos revolucionarios, hum Rei, ainda que legitimo, não he senão hum homem, e huma Rainha senão huma mulher; e huma mulher não he mais que hum animal, e não da mais alta ordem. Toda a homenagem prestada ao bello sexo he por elles havida como romance, e loucura. Regicidio, Parricidio, Sacrilegio, são para taes Juizes meras ficções da superstição, que corrompe a jurisprudencia destruindo a sua simplicidade. O assassinato de hum Rei, ou Rainha, de hum Bispo, ou Pai, não he para tal gente senão homicidio commum; e se o povo tem nisso ganho, vem a ser hum homicidio perdoavel, e para o qual se não deve tirar sevéra devassa.

No plano desta barbara filosofia, que he a filha de corações enregelados, e immundos entendimentos, tão vazios de solida sabedoria, como destituidos de todo o gosto, e elegancia, as leis devem ser unicamente sustentadas pelos seus proprios terrores, e pelo interesse que cada individuo póde ter nellas. Nos Tribunaes sombrios de suas Academias, no fim de cada *vistos estes autos*, ninguem vê senão a forca. Nada mais se deixa ver que empenhe as nossas affeições ao Estado. Nos principios dessa negra theoria, as nossas instituições, não se podem (por assim dizer) incorporar em pessoas, em modo que hajão de criar em nós amor, veneração, admiração, e afferro ao governo. Toda a sorte de razão, que extermina as boas inclinações, não he incapaz de encher o seu lugar. As affeições públicas, combinadas com as maneiras polidas, são humas vezes supplementos, outras vezes correctivos, e sempre os auxiliares das Leis. Deve haver em cada Nação hum systema de maneiras doces, que todo o espirito bem formado he disposto a gostar. Para fazer amar o nosso paiz, he preciso fazello amavel. He impossivel existir em huma Nação polidas maneiras, on-

de o insulto a seus Principes naturaes, e ao veneravel corpo de seus Nobres, não he olhado com horror, e antes vem a ser objecto de exultação, e triumfo.

Os Poetas Dramaticos, que tem no theatro espectadores não graduados na moderna escola Franceza dos *direitos do homem*, e que só estudárão a Constituição do coração humano, não farião representar a prizão, e condemnação de hum bom Rei, como objecto de alegria. Onde os homens seguem os naturaes impulsos, elles não pódem supportar as odiosas maximas da Politica Machiavellica, quer applicadas á tyrannia monarquica, quer á tyrannia democratica. Todo o mundo rejeitaria, na antiga ou moderna scena, ainda só a hypothetica proposição de taes sentimentos na boca de hum Actor, que quizesse desempenhar o caracter de hum tal Despota, ou demagogo despotico. Nos espectaculos de Athenas seria execrado, o que pezasse na balança os crimes da democracia, contrapezando-os aos da monarquia, declarando que a vantagem estava da parte do governo do povo. Os politicos da revolução Franceza ainda achão que a democracia está em divida, e que não póde pagar o saldo da conta. Elles exultão no infortunio de Lüiz XVI., a quem chamavão *Monarca arbitrario*, e isto (nem mais nem menos) senão porque teve a desgraça de nascer Rei da França, com as prerogativas que lhe forão transmittidas por huma linha de antepassados, e longa acceitação do povo, sem da sua parte ter feito algum acto para se apoderar da Dignidade Real. Mas o infortunio não he crime, e nem ainda a indiscrição he sempre culpa. Não merecia senão amor, e culto hum Principe, cujos actos em todo o seu Reino só forão huma serie de concessões a seus vassallos; que estava prompto a moderar a sua authoridade, e diminuir algumas prerogativas, dando ao povo liberdades, que seus antepassados não conhecêrão, nem talvez desejárão. Elle foi apenas sujeito ás fragilidades annexas aos homens, e aos Principes; e só huma vez considerou necessario recorrer á força contra os desesperados designios de conspiradores contra a sua pessoa. Foi a maior malignidade julgar, e condemnar a hum tal Monarca, como se fosse Néro, ou Carlos XI.

Em fim algum poder de qualquer genero sobrevirá ao terremoto, em que as boas maneiras, e opiniões perecerão; e tal poder achará outros, e ainda peiores meios para seu sustento. A usurpação, que, em ordem a subverter as antigas instituições, destruio os antigos principios, reterá o seu poder pelas mesmas artes com que o adquirio. Quando no espirito dos homens se extinguir o antigo cavalleiro espirito de lealdade, que, livrando os Reis do medo, livra os Soberanos, e vassallos das precauções da tyrannia, verse-ha a longa lista de cruas, e sanguinarias maximas, que formão o Codigo politico de todo o poder que não se funda na propria honra, e na honra dos que devem obedecer.

Quando as antigas boas opiniões, e regras da vida são destruidas, não se póde calcular até onde irá essa perda. Desde este momento já não temos compasso para nos governar. Sem dúvida a Europa, considerada no todo, estava em condição florente antes da revolução. Este prospero estado tinha causas que o produzião, e sustentavão. Nada ha mais cer-

to do que o depender a nossa actual civilisação, e boas maneiras, principalmente de dous principios combinados, isto he, *espirito de religião*, e *espirito de nobreza.* O Corpo do Clero, por profissão, e o Corpo da Nobreza, por patriotismo, sustentavão a litteratura, ainda no meio das armas, e confusão. A litteratura pagava com usura o que recebia do Clero, e Nobreza, alargando-lhes as idéias, e illustrando-lhes os espiritos. Feliz sería se huns, e outros continuassem em sua indissoluvel união, e nos seus competentes lugares! Feliz sería, se a sciencia, não corrompida pela ambição, continuasse a ser a Mestra, sem aspirar a ser a dominadora!

Penso que a litteratura moderna deve o seu adiantamento áquelles dous principios, mais do que a quaesquer outras causas. Ainda o commercio, e as artes superiores, não são talvez senão as creaturas de taes principios. Sem dúvida cresceo a vasta correspondencia mercantil, e a perfeição das manufacturas, sob a mesma sombra em que as letras florecêrão. Elles hão-de cahir com a quéda daquelles seus principios protectores. Já com a sua falta estamos ameaçados de desapparecerem. Ainda que o commercio, e as manufacturas faltassem em hum paiz, permanecendo todavia nelle o espirito de religião, e nobreza, os naturaes sentimentos da humanidade suppririão o lugar, e nem sempre o suppririão mal. Porém, se se perderem o commercio, e as artes, entretanto que se quer experimentar se pódem subsistir sem religião, e nobreza (que antes forão as suas antigas bases) que sorte de cousa se poderá achar para substituto a huma nação de grosseiros, estupidos, ferozes, pobres, e sordidos barbaros; destituidos de principios de piedade, honra, timbre varonil, e, em fim, de gente que nada espera na vida futura?

Já vai apparecendo nos escritos, e actos do povo, e governo da França a maior grosseria de conceito, e vulgaridade de obra. A sua liberdade não he liberal: a sua sciencia he presumpçosa ignorancia: a sua humanidade he salvagem, e brutal. Taes espectaculos nos dão melancolicos sentimentos sobre a incerta condição da prosperidade mortal, e tremenda inconstancia das grandezas humanas. Assim aprendemos grandes lições.

Em successos tão espantosos como temos visto, até as nossas paixões instruem a nossa razão; pois, quando os Reis são derribados de seus Thronos pelo Supremo director deste grande drama, e vem a ser objecto de insulto aos de vís sentimentos, e de piedade aos bons, olhamos para taes desastres no mundo moral, como se vissemos hum transtorno na ordem fisica. Somos logo assustados para fazer reflexão; e os nossos espiritos, com o nosso orgulhoso, e fraco entender, se humilhão debaixo das dispensações da mysteriosa Divina Sabedoria. Mas as lagrimas rebentão dos olhos, como aconteceria a cada espectador cheio de sensibilidade, se a scena se representase em hum theatro. Só espiritos pervertidos poderião exultar nella.

Os Authores, e espectadores da Tragedia politica devião bem pezar os crimes da nova democracia com os do que appellidavão *antigo despotismo.* Elles verião, que, logo que se tolerão modos criminosos para atalhar este mal, esses meios são sempre os preferidos, com o mais curto caminho, e que não haverá mais parcimonia na despeza de traição, e san-

gue. Justificando-se perfidia, e assassinato para beneficio público, logo o beneficio público será o pretexto á perfidia, e assassinato; até que a rapacidade, malicia, vingança, e o medo, ainda mais mortifero que a vingança, cheguem a fartar os insaciaveis appetites dos malvados. As consequencias serão perder-se todo o senso natural do justo, e recto no esplendor dos triunfos dos falsos direitos do homem.

Tremo pela causa da verdadeira, e racionavel liberdade, á vista do exemplo da França. Tremo pela causa da humanidade, á vista dos ultrajes feitos a huma Familia Real, pelos mais scelerados do genero humano. Desertores de bons principios não verão bem algum na *virtude soffredora*, nem crime algum na *usurpação prospera*. Elles só olharáõ com terror, e admiração para os Soberanos que souberem suster-se nos Thronos, e reprimirem com *mão forte* a seus vassallos, para assegurarem as suas prerogativas, defendendo-se por huma vigilancia sempre álerte do mais sevéro Despotismo, ainda contra a menor aproximação de racionavel liberdade.

Somos inimigos generosos; somos alliados fiéis. Temos cadêas, quasi tão fortes como a Bastilha dá França, para encarcerar os que não sabem fazer bom uso de sua liberdade, e divulgarem libellos contra as Pessoas Reaes, ainda estrangeiras. De cem pessoas entre nós talvez nem huma participou da alegria no triunfo da Revolução Franceza. Por huma duzia de capineiros do campo, que, com seus cestos de palhoça, fazem grande bulha na terra, ha milhares de bons lavradores, que meditão, trabalhão, e comem em descanço, deixando bisourar os importunos; e volateis insectos do tempo. Já ha quatrocentos annos tivemos em nossas mãos, pela fortuna da guerra, hum Rei, e Rainha de França, e seus filhos. Elles forão bem tratados. O nosso caracter nacional ainda não mudou desde esse tempo; ainda temos a boa estampa dos nossos antepassados. Não temos perdido a generosidade, e dignidade do nosso pensar do seculo decimo quarto, nem, á força de subtilizarmos, nos tornamos salvagens. Não somos proselytos de *Rousseau*, nem discipulos de *Voltaire*. *Helvecio* não fez progresso entre nós. Atheos não são nossos prégadores, nem loucos os nossos Legisladores. Não temos feito descobertas na moral, (nem creio que se possão fazer) nem tambem temos achado muitas nos grandes principios do governo, nem nas idéias da liberdade, que erão já assaz bem entendidas antes que nascessemos. Ainda não se arrancárão as naturaes entranhas da nossa Nação. Ainda sentimos, amamos, e exercemos os inatos sentimentos de humanidade, e religião, que são os fiéis guardas, e activos mestres do nosso dever, e os verdadeiros apoios de toda a moralidade liberal, e varonil. Ainda não somos convertidos em estufados passaros de musêo, para enchermos a nossa pelle vazia, e secca, com papeladas dos falsos direitos do homem. Conservamos todos os nossos sentimentos nativos, e inteiros, sem terem sido illudidos com pedantaria, e infidelidade. Temos real coração de carne, e sangue, batendo em os nossos peitos. Tememos a Deos: olhamos com acatamento os Reis; com affecto ao Parlamento; com respeito aos Magistrados; com reverencia ao Clero; com veneração á Nobreza. Todos os outros sentimentos são falsos, e espurios, e tendem a corromper os nossos espiritos, viciar a sá moral primitiva,

e constituir-nos inhabeis para a liberdade racional. Os Francezes revolucionarios só ensinão huma servil, licenciosa, desaforada, e insolente liberdade, que faz os homens perfeitamente proprios para terem bem merecida escravidão por toda a vida.

Os letrados, e politicos Francezes, e toda a corja dos illuminados, não dão attenção á sabedoria dos nossos antepassados, e só tem a mais presumida confiança no seu proprio juizo. Para elles, basta ser qualquer cousa velha; para se julgarem com direito, e boa razão de destruilla. Quanto ás suas obras novas, elles tambem não tem cuidado em que durem. O edificio foi feito á pressa; só a mudança, e não a duração, foi o seu objecto. Elles, por systema, pensão, que são prejudiciaes todas as cousas que trazem perpetuidade, e portanto estão em guerra eterna com todos os Estabelecimentos. Pensão que os governos podem variar como as modas de vestidos; e portanto não adoptão principio algum de affecto duravel, que nos vincule a Constituição do Estado, só applaudem as ideias de conveniencia do momento. Elles fallão de *Contrato Social*, suppondo que ha huma absurda especie de convenção entre elles, e os seus magistrados, que aliàs só liga aos mesmos magistrados, mas que nada tem de reciproco no ajuste; pois que sempre a *magestade do povo* tem direito de dissolvella, sem outra razão mais que a sua vontade.

Já tivemos em tempos escuros alguns letrados, e politicos deste calibre, que fizerão algum ruido nos seus dias; mas hoje repousão em perpetuo esquecimento. Não haverá talvez ninguem entre nós, dos nascidos ha quarenta annos a esta parte, que leia huma palavra das obras de Collins, Toland, Tindal, Chubb, Morgan, e mais Escritores da raça dos que se intitulavão *Livres-pensadores*. Quem agora lê a *Bolinbroke*? Quem nunca o pode ler todo? Pergunte-se aos Livreiros de Londres, que he feito dessas pertendidas luzes do mundo? A felicidade nacional consistio, em que taes Escritores não erão então animaes gregarios, que obrassem em Corpo; e por isso não tiverão influencia alguma na Constituição, e nos Estabelecimentos de Inglaterra. Se o nosso Estado tem recebido reparações, e melhoras, foi sempre debaixo dos auspicios da religião, e sempre a confirmárão com as suas sancções. Todo o bem emana da simplicidade do nosso caracter nacional, e de huma sorte de nativa candura, e rectidão de entendimento, que tem caracterisado os Estadistas do Paiz. Esta disposição ainda permanece no principal Corpo do povo.

Conhecemos, e (o que ainda he melhor) sentimos no intimo d'alma, que a *religião he o alicerce da Sociedade Civil, e a fonte de todo o bem, e de toda a consolação.* Em Inglaterra estamos convencidos, que não ha ferrugem de superstição, (com que os accumulados erros do espirito humano tem deslustrado as Nações,) que o povo não preferisse antes, do que o abandonar-se á impiedade. Não somos tão estultos que chamemos o atheismo (inimigo da substancia de todo o systema religioso) para remover algumas corrupções do nosso Symbolo, ou supprir os seus defeitos, e aperfeiçoar a sua estructura. Não queremos jámais que os nossos templos se allumiem com tão infernal fogo. Elles serão illustrados por outras luzes, e perfumados com outro incenso, mui distincto dos pestilentos fu-

mos dos Contrabandistas da adulterada metafisica do seculo presente. Se os nossos Estabelecimentos Ecclesiasticos precisão de revisão, não he á avareza, e rapacidade de gente sem religião alguma que haveriamos de encarregar o balanço da receita, e despeza. Não condemnando violentamente nem o Grego, nem o Armenio: se preferimos a Religião protestante ao Systema Romano, he só porque entendemos, que nella ha mais christianismo. Somos protestantes, não por indifferença da Religião Christã, mas por zelo de sua pureza (*).

Conhecemos, e he o nosso timbre confessar, que o homem he, pela sua constituição, hum *animal religioso*; e que o atheismo não só he contra a nossa razão, mas tambem contra os nossos instinctos. Se, em algum momento de delirio, rejeitassemos a Religião Christã, que até o presente tem sido o nosso brazão, e conforto, e huma grande fonte de nossa civilisação, e de outras Nações, temos justo temor, de que o vazio se encha, e substitua pela mais perniciosa, incoherente, e vil de todas as superstições.

Para preservar a Religião Christã, com a augusta fabrica do Estado, temos feito os Estabelecimentos da Igreja, como hum Sabio Arquitecto, e providente Proprietario, faria a respeito de seu Edificio, e Patrimonio. Em ordem a livrar aquella nossa *Grande Propriedade* de profanação, e ruina, desejando purificalla, como hum Templo, de todas as immundicias da fraude, injustiça, violencia, e tyrannia, temos solemnemente consagrado a Communidade, com todas as pessoas que officião nella. Todos que entrão no ministerio do Governo estão como em lugar de Deos, e devem ter altas, e dignas idéias de seu emprego, e destino: a sua esperança deve ser cheia de immortalidade, para, com os seus bons exemplos de virtude, deixarem huma rica, e perpétua herança ao mundo.

Taes principios sublimes se devem infundir nas pessoas de exaltadas situações, e se devem fazer Estabelecimentos religiosos, para que toda a sorte de instituições civis ajudem os naturaes, e racionaes vinculos, que ligão o entendimento, e affecto humano ás cousas divinas. Quanto hum homem he posto na ordem politica mais alto de outros homens, tanto deve fazer mais esforço de se aproximar á perfeição de seu Creador; estando certo, que *o seu poder* he *mero deposito*, de que deve dar conta ao grande Senhor, Author, Fundador, e Regedor da Sociedade.

Hum dos primeiros, e mais transcendentes principios, sobre que se tem consagrado o Estado, e as Leis, he, que os depositarios do poder politico se lembrem sempre do que recebêrão de seus antepassados, e do que devem á posteridade; e que não pensem jámais que tem direito de arruinar huma vasta herança, destruindo a seu arbitrio o original Edificio da Nação, e Sociedade, arriscando a deixar aos que vierem depois sómente ruina, em lugar de habitação; e ensinando tambem a seus successores, a não respeitarem os novos regulamentos, bem como elles não respeitárão

(*) Os Leitores cordatos bem hão de ver, que *Burke* não reprova a Religião Catholica, mas só falla politicamente da opinião do seu paiz sobre a pertendida mas fantastica refórma; porque os homens não pódem reformar o que he Divino

as instituições de seus maiores. Pela facilidade de mudanças no Estado; como nas fluctuações das modas, rompe-se logo a Continuação do Bem Público. Assim nenhuma geração se vincula á outra, e os homens vem a ser de pouco melhor condição que os insectos do verão.

A Sciencia da Jurisprudencia, que he o timbre do entendimento humano; que, com todos os seus defeitos, redundancias, e erros, vem a ser a colligida razão dos seculos; que combina os principios da justiça original com a infinita variedade dos negocios sociaes; não será daqui em diante estudada, sendo (como dizem os letrados, e politicos Francezes) hum montão de erros já abandonados. A presumpção, e arrogancia (que são os satellites inseparaveis dos que não experimentárão maior sabedoria que a sua propria) usurpará o tribunal do Direito; e consequentemente não haverão *leis constantes*, que estabeleção os invariaveis fundamentos de medo, e esperança, e dirijão as acções dos homens a hum certo curso, e fim estavel.

Ninguem com hum systema de Direito variavel poderia especular com segurança sobre a educação de seus filhos, e futuro estabelecimento no mundo. Nenhuns principios de conducta se formaráõ em habitos. Como se poderá segurar hum tenro, e delicado sentimento de honra, que sempre se excite aos correspondentes impulsos do coração, variando continuamente o padrão do seu cunho. Nenhuma parte da vida reterá as suas adquisições. Barbarismo a respeito da sciencia, e litteratura, impericia a respeito das artes, e manufacturas, infallivelmente se hão de seguir da falta de huma educação firme, e de bons *principios estabelecidos*; e assim a Sociedade civil em poucas gerações se dissolverá em solto pó de individuos sem communs laços sociaes, que a final se dissipará por todos os ventos do Ceo.

Para evitar pois os males da inconstancia, e versatilidade (dez mil vezes peior que os da obstinação de cégos prejuizos) temos consagrado o Estado, para que nenhuma pessoa se lhe avisinhe a olhar as suas chagas, e corrupções, senão com a devida circunspecção; e que não sonhe jámais de principiar a sua refórma pela subversão dos pilares do Edificio; que não se achegue a observar os defeitos do Soberano senão como as feridas de hum pai, com piedoso pavor, e sollicitude filial. Com este sábio perjuizo, temos recebido a doutrina de olhar com horror para os filhos, que estiverem promptos temerariamente a esquartejarem seus pais, na esperança de que, por antidotos vegetaes, e presumidas magicas dos salvagens, poderião regenerar a constituição, e renovar a vida daquelles a quem devem a existencia.

A Sociedade civil he na verdade hum contrato. Os contratos ordinarios sobre objectos de trivial interesse se pódem dissolver á vontade dos contrahentes. Mas não se deve considerar a hum Estado como huma sociedade de navio, para commercio de Pimenta, Café, Tabaco, ou outras drogas, e fazendas, para temporario interesse, e que se possa distractar conforme a fantasia das partes. Elle deve ser olhado com outra reverencia; pois não he companhia em cousas que servão unicamente á grosseira existencia animal, de transitoria, e mortal natureza. Elle he huma Companhia em toda a sciencia; companhia em toda arte; companhia em toda

a virtude, e em toda a perfeição. Como os fins de tal Companhia só se pódem alcançar em muitas gerações, vem a ser huma Companhia não só entre os actuaes contemporaneos, mas tambem entre os vivos, mortos, e vindouros. Cada contrato de cada particular Estado não he senão huma clausula no grande primitivo contrato da sociedade eterna, que liga as naturezas inferiores com as supersores, unindo o mundo visivel com o invisivel, conforme ao pacto fixo, e sanccionado pelo inviolavel juramento do Eterno, que sustenta todas as naturezas fysicas, e moraes, cada huma no seu assignalado lugar. Esta lei não he sujeita ao arbitrio dos que devem submetter a ella a sua vontade por huma obrigação, que está acima delles, e que lhes he infinitamente superior.

As Corporações municipaes deste Reino universal de Deos não tem moralmente a liberdade de fazerem fantasticas especulações de hum melhoramento contingente, de que aliàs possa resultar o separarem-se, e romperem-se os vinculos de sua communidade subordinada, e dissolvellos em anti-social, incivil, e desconnexo cáos dos principios elementares. Só a primeira, e suprema necessidade; necessidade que não he objecto de escolha, mas que faz tomar á força hum partido extremo, necessidade que não dá lugar á deliberação; he que póde, álguma vez rarissima, justificar o recorrer-se a grandes mudanças no governo. Esta necessidade não he a excepção da regra, pois que esta mesma necessidade faz tambem parte da disposição fysica, e moral das cousas, a que o homem deve consentir por força. Porém, se o que só he submissão á necessidade, se fizer objecto de escolha, então logo a Lei do Creador he quebrada, a natureza he desobedecida, e os rebeldes são proscriptos, e degradados do mundo da razão, ordem, paz, virtude, e fructifera penitencia, para o antagonista mundo de loucura, discordia, vicio, confusão, e inutil arrependimento.

Estes são os sentimentos de toda a gente da maior instrucção, e reflexão na Gram-Bretanha. Os das classes inferiores, a quem a Providencia tem decretado que vivão da authoridade dos entendimentos superiores, não se envergonhão de iguaes sentimentos, pela sua confiança nos mais sábios do paiz. Estas duas ordens de pessoas se movem na mesma direcção, ainda que em suas differentes orbitas; mas ambas se movem na ordem do Universo. Elles todos conhecem, ou sentem a grande antiga verdade, que ao Soberano, e Omnipotente Deos, que rege este mundo, nada he mais acceito na terra, do que as associações de homens que se chamão *Estados*, vivendo conforme ao que he direito. Elles recebem esta these tanto no entendimento como no coração; e esta prudente opinião, não recebe a sua sancção do nome, e authoridade de ninguem, mas se deriva da natureza commum, e das communs relações da humanidade. Persuadidos que todas as cousas se devem fazer com reverencia, e resignação ao Ente Supremo, a quem todas as cousas se dirigem, elles justamente pensão, que são obrigados, não só como individuos no sanctuario de seus peitos, mas como partes integrantes da Grande Congregação Social, a renovarem a memoria de sua alta origem, e casta, e no caracter, e corpo de Confraria, a executarem a homenagem nacional ao Instituidor, Author, e Protector da Sociedade civil; sem o que nenhum Estado poderia chegar

á perfeição de que a sua natureza he capaz, e nem ainda remota, e fracamente avisinhar-se a ella. Elles estão convencidos, que quem nos deo huma natureza capaz de se aperfeiçoar pela virtude, tambem nos deo os necessarios meios para a sua possivel perfeição nesta vida. Devia pois querer a existencia, e conservação dos Estados, e que estes tivessem connexão com a fonte, e archetypo de toda perfeição. Elles estão certos desta sua vontade (que he a Lei das Leis, e o Soberano dos Soberanos.) Por isso julgão necessario, que em Corpo social lhe prestemos fidelidade, e adoração, em reconhecimento do seu Imperio Omnipotente, e que lhe façamos oblação do proprio Estado, como digna offerta no altar do universal louvor, bem como usamos executar todos os actos solemnes em Templos com musica, ornato, falla, e dignidade de pessoas.

Para este fim entendem, que huma parte da riqueza do paiz deve ser empregada, o mais utilmente que possa ser, no Culto Divino, e que se obra nisso muito melhor, do que em fomentar o luxo dos individuos. A magestade do culto público vem a ser de consolação pública. Ainda os mais pobres achão a sua propria importancia, e dignidade nos Templos assim ornados, entretanto que a riqueza, e o orgulho dos individuos opulentos faz, que as pessoas das classes humildes sintão a sua inferioridade; o que abaixa, e humilha a sua condição. No esplendor modesto do culto público cessão os privilegios da opulencia: e mostrando-se por elle, que os homens são iguaes por natureza, e pódem ser ainda superiores pela virtude, huma porção da geral riqueza do paiz, vem por este expediente a ser bem empregada, e santificada.

Estes principios transcendem por todo o systema da Policia Britanica. Elles não considerão os estabelecimentos da Igreja só como convenientes, mas como essenciaes ao Estado, e os tem por fundamento de sua Constituição. *Igreja*, e *Estado* são cousas inseparaveis nos seus espiritos. A sua educação he formada para confirmar, e fixar esta impressão. Por isso ella he, quasi totalmente, entregue ás mãos dos Ecclesiasticos. Temos achado pela experiencia, que as antigas instituições (no total) são favoraveis á moralidade, e disciplina; e que são susceptiveis de maior pureza, e perfeição, sem se abalarem os alicerces; e que por este modo a mocidade póde receber todos os acerescimos, e melhoramentos das sciencias, e artes, que a Ordem da Providencia for successivamente produzindo. Com esta que alguns chamão *gotica*, *e monachal educação*, podemos reclamar mais ampla partilha de Sciencias, e Artes, que as outras Nações da Europa.

A nossa providente Constituição tem tido cuidado, de que os Ecclesiasticos (a quem desde a infancia até a adolescencia, he confiada a liberal educação, e que são destinados por seu alto officio a instruir a presumpçosa ignorancia, e serem os censores do vicio insolente) não incorrão no desprezo do povo, nem vivão de esmolas dos ricos, que serião tentados a desprezar a medicina de seus espiritos. Por essas razões, ao mesmo tempo que o Estado por Lei provê á mantença dos pobres com sollicitude paternal, não abandona a religião, e a subsistencia decente dos que vivem do seu ministerio, a escuras contribuições, e fallivel caridade das Cameras das Villas. Não: elle exalta as mitradas cabeças dos seus Pre-

lados nas suas Côrtes, e Parlamentos. Elle ordenou (e o povo vê com gosto) que hum Arcebispo preceda a hum Duque; e olha sem pena, e antes com toda a confiança, que os Bispos de *Durham*, e *Winchester*, tenhão dez mil libras esterlinas de renda annual, na certeza de que servirá para sustento dos filhos pobres do povo. He verdade que todas as rendas da Igreja não são sempre empregadas em caridade até a ultima moeda, mas o público está certo, que, no geral, esse he o seu uso. He melhor, para fomentar virtude, e humanidade, deixar nessa parte muito ao livre arbitrio do esmoler, ainda com alguma perda do objecto, do que tentar fazer os homens meras máquinas, e instrumentos de benevolencia politica. O mundo, quanto ao todo, ganha na liberdade das boas obras; pois, sem livre arbitrio, nenhuma virtude póde existir.

São despresiveis, pela fraqueza da razão, e só dotados de mortifera força, os argumentos da tyrannia, que na França confiscou os bens da Igreja, e os do Soberano, e deo miseravel estipendio ao Clero, com dependencia absoluta do Governo usurpador. Os sofisticos tyrannos de París, depois de tantos ultrajes a todos os direitos da propriedade, palliárão o seu systema de rapina com o mais estranho de todos os pretextos, a *Fé Nacional*.

Os inimigos da propriedade no principio affectárão a mais tenra, delicada, e escrupulosa anciedade de sustentar os empenhos, que o Rei havia contrahido com os Crédores do Governo. Estes professores dos Direitos do homem só são azafamados em ensinar taes direitos aos outros, e não tem descanço para elles mesmos aprenderem, em que taes genuinos direitos consistão. Se assim não fosse, terião conhecido, que a original fé da sociedade está empenhada, primeiro que tudo, á propriedade do cidadão, e não ao crédor do Estado. A demanda do cidadão he primeira em tempo, fundamental em titulo, e superior em equidade. As fortunas dos individuos, quer possuidas pelos ganhos de sua industria, quer por herança, ou em virtude de participasão nos bens de alguma corporação religiosa de *mão morta*, não fazem parte da segurança do crédor público, expressa ou implicita. Tal segurança jámais entrou nas cabeças dos contrahentes, quando fizerão o contrato com o Estado. Os que emprestão dinheiro ao Soberano, bem sabem, que o público, representado pelo Monarca ou Senado, não póde tambem empenhar senão os bens públicos; e não he licito considerar bens desta natureza, senão os de que se faz a collecta, por justos, e proporcionados impostos, sobre a massa geral dos cidadãos. Portanto só a renda dos impostos he que se póde empenhar ao crédor público. Nenhuma pessoa póde hypothecar a sua injustiça como penhor de sua fidelidade. Se algumas pessoas deverião soffrer na revolução, serião só os proprios crédores públicos, visto que forão os unicos que contratárão com o Estado, e não os Ecclesiasticos. He absurdo achar razão para se confiscarem os bens destes, por não sei que nova, e cerebrina equidade, quando aliàs não havião sido hypothecados no tempo dos empenhos contrahidos.

Esta laxidão de fé pública, he a que se propoz na França como boa regra de *filosofia*, *luz*, *liberdade*, e *direitos do homem*.

A Dívida Pública, e a falta na Renda Pública, forão só pretextos para a Revolução, e não causa que a podesse justificar; pois o seu Ministro de Finanças *Necker*, na Conta Geral que apresentou em Maio de 1787, fez ver, que a França tinha huma Renda de Erario fixa de mais de 475 milhões de libras tornezas; e que todos os encargos do Estado (incluindo o interesse de hum novo emprestimo de quatrocentos milhões,) não excedião de 531 milhões; vindo portanto, na balança da Receita, e Despeza, a ser o *deficit* unicamente de *dous milhões esterlinos.* Elle indicou certos artigos de economia, e melhora na Renda presente, que, sem mais algum novo imposto, poderião fazer desapparecer tal *deficit*, que (segundo diz com ironia) *tinha feito tão grande estrondo na Europa.*

Quando todo o trem de fraudes, imposturas, rapinas, incendios, assassinios, confiscos, moeda-papel forçada, emprestimos forçados, e todas as mais especies de tyrannias, e cruezas, que se empregárão para sustentar a revolução, produzio o seu natural effeito, o mal irreparavel que dahi resultou causou horror, não só a todos os espiritos virtuosos, mas tambem a todos que tinhão ainda algum resto de sentimento moral. Então os authores, e fautores de tão salvagem systema, se esganárão em declamações contra o velho governo Monarquico da França, e contra toda a casta de Monarquia. Depois de fazerem odioso com as mais negras côres o poder deposto, forão igualmente declamadores contra os que não pensavão tão negramente como elles; como se os que desapprovão os seus *novos abusos*, fossem partidistas dos *abusos velhos*; e como se os que execravão os seus crus, e violentos planos de liberdade, devessem ser tratados como os advogados da escravidão.

Não podem os partidistas Francezes capacitar-se, de que haja hum justo meio, e terceiro objecto de escolha, entre as desordens antigas, e os horrores da sua Revolução, de que não ha exemplo nos monumentos da historia, e que nem ainda forão excogitadas pela imaginação dos poetas. As suas arengas, nem merecem o nome de sofismas, mas sim de desaforos. Não ouvirão esses Senhores, que, em todo o circulo dos mundos de theoria, e prática, havia alguma cousa de differença entre o despotismo de hum Monarca, e o despotismo da gentalha? Nunca ouvírão fallar de huma monarquia dirigida por Leis, moderada, e balanceada por grande riqueza hereditaria, e grande nobreza hereditaria da Nação, e sendo tambem estas ordens do Estado, reguladas por judiciosa restricção da razão, e do senso do povo, obrando sempre por devido, e permanente orgão do poder politico? Deve-se qualificar de má intenção, e de miseravel absurdo, o preferir-se hum governo temperado, igualmente longe de dous extremos de tyrannia, e anarquia; e não póde pessoa alguma hesitar sobre os meritos da democrácia, sem cahir em suspeita de ser amigo do despotismo, e inimigo do genero humano?

Aristoteles, o grande Mestre de Politica, observa, que *democracia*, e *tyrannia* são mui semelhantes: o demagogo que adula o povo he do mesmo pessimo caracter, que o cortezão que lisonjeia o Despota: hum, e outro vem a ser os validos do poder arbitrario, para o atiçar ás maiores enormidades. O certo he que, se ha differença entre aquellas duas es-

pecies de despotismos, he para peior da parte do *governo popular.* Porque; na democracia, a parte maior dos cidadãos he capaz de exercer as mais cruéis oppressões sobre a parte menor, e mais sábia. Em tal governo, quando os partidos adquirem força, a oppressão se póde extender a muito maior número de pessoas, e com muito maior furia, do que se póde temer do dominio absoluto de hum só Despota. Nas perseguições plebeias, os individuos que soffrem, se reduzem á condição mais lamentavel, do que no estado de hum unico tyranno. No governo de hum Principe Cruel, ao menos o que padece innocentemente, tem por si a compaixão do genero humano, a qual vem a ser hum balsamo que conforta, e mitiga a dor das feridas, e os applausos do povo animão a sua generosa constancia em seus padecimentos: mas os que estão sujeitos ás vilanias do governo da canalha, são privados de todas as consolações, e perecem abandonados pelo genero humano, e esmagados pela conspiração de toda a sua especie.

He facil, e lugar commum dos ambiciosos, e descontentes, fazer longo catalogo dos erros, e defeitos dos Soberanos, e das grandezas decahidas. Pela revolução Franceza, os que antes erão vis lisonjeiros dos grandes, se convertêrão em austeros criticos das suas irregularidades. Mas os espiritos firmes, e independentes, que tem em seu entendimento hum objecto tão serio de meditação ao genero humano, como he o *governo*, desdenhão o tomar a farça de satyricos, e diffamadores. Elles julgão as instituições humanas, e os Administradores públicos, com a indulgencia que costumão prestar aos individuos. Elles reconhecem, que, nas cousas mortaes, sempre ha huma sorte de mistura de bem, e mal.

Havião abusos na Monarquia da França, accumulados pelo curso dos seculos. Não sou por natureza inclinado a fazer o panegyrico de cousa alguma, que seja natural, e justo objecto de censura. Mas a questão não he dos vicios da Monarquia, mas de sua existencia. Era por ventura a Monarquia da França incapaz de refórma? Estava-se em a necessidade de abater toda a fabrica della, e alimpar a área para a creação de hum Edificio theoretico em seu lugar?

Ao ouvir fallar algumas pessoas, imaginar-se-hia que a Monarquia da França estava nas mesmas circunstancias que a da Persia debaixo da espada do sanguinario, e feroz *Tahmas Kouli Kam*; ou era igual ao barbaro, e anarquico despotismo da Turquia, em que os mais bellos, e mais vividouros paizes do mundo são devastados pela paz, ainda peior que outros o são pela guerra, onde as artes são desconhecidas, onde a sciencia he extincta, onde a agricultura he decadente, onde a raça humana definha, e amortece aos olhos do observador. Era por ventura esse o caso da França? A sua Monarquia, temperada pelas varias ordens de Estado, era em si mesma hum bem, que muito emendava o mal que nella havia. Outros correctivos provinhão da religião, e das maneiras do paiz, que, supposto o não constituissem de boa constituição, todavia fazião que ahi o despotismo fosse mais na apparencia, do que na realidade.

Hum dos criterios mais seguros para se julgar da bondade do governo de huma Nação, he a sua *população.* Pelos bons effeitos, se conclue

sólidamente sobre a bondade das causas. De nenhum paiz, em que a sua população florece, e está em progressivo adiantamento, se póde dizer que está sob muito máo governo. No fim do seculo decimo setimo, se computava ter a França 18 milhões de habitantes. No meado do seculo decimo oitavo se dizia ter subido a sua população a 22 milhões: e o Financeiro *Necker* (boa authoridade na statistica do paiz) poucos annos antes da revolução, dava á França quasi 25 milhões de habitantes. Todavia a França não he em toda a parte hum paiz fertil, e tem além disto muitos naturaes descontos. O meio termo da sua população he quasi de novecentos homens por legoa quadrada. Não attribuo a grande população Franceza aos cuidados do seu antigo governo; pois não gosto de attribuir ás determinações dos homens o que, no maior grão, se deve á bondade da Divina Providencia. Porém, se o antigo desacreditado governo da França obstruisse, e não favorecesse as causas naturaes, que promovem a propagação da especie, e que se derivão da natureza do terreno, e habitos de industria dos habitantes, era impossivel verem-se no paiz os prodigios de população, que se observa em muitos lugares. Não se póde suppor que fosse totalmente má a fabrica de hum Estado, e de suas instituições politicas, que, pela experiencia, se acha conter em si hum principio favoravel ao augmento do genero humano.

A riqueza do paiz he outro criterio para se julgar, se, no geral, o governo he protector, ou destructivo. Sem duvida a riqueza da França não tinha tão igual distribuição, nem tão facil circulação, como a da Inglaterra. A differente fórma dos governos fazia, que este paiz tivesse essencial vantagem sobre aquelle. Mas o citado *Necker*, muito habil financeiro, em 1784 affirmou, que na França circulava *numerario*, isto he, *dinheiro*, ou *moeda metallica*, que montava a *oitenta e oito milhões de libras esterlinas*. Causas externas, e internas deverião haver para attracção de tão prodigiosa somma pecuniaria. Eu vi com os proprios olhos a magnificencia de suas cidades, e de seus canaes artificiaes, para navegação interior, e conveniencia das communicações maritimas; as estupendas obras dos seus portos, e todos os apparatos de sua Marinha para commercio, e guerra; as suas fortificações de atrevida grandeza, e magistral pericia, que apresentavão huma frente armada, e huma barreira impenetravel a seus inimigos: Vi as suas florentes culturas, e manufacturas, que só erão inferiores ás nossas: Vi em fim a multidão de seus Sabios, Estadistas, e Escritores sagrados, e profanos. Tudo annunciava huma Administração, que fomentava opulencia, artes, commercio, e litteratura. Não se póde condemnar temerariamente, no todo, hum governo, que he capaz de manter tão bellas cousas, ainda que tivesse alguns occultos defeitos, que todavia não o constituião incapaz de refórma, que exaltasse as suas excellencias, e corrigisse as suas faltas. Os Revolucionarios, em lugar de tudo isto, só assoalhárão violencia, ruina, e miseria aos olhos do observador; e para encubrirem ao povo a immensa desgraça, que lhe sobreveio com a revolução, e taparem a boca aos gritos da sua actual indigencia, acclamárão a França *Grande Nação*, que com os seus trapos affecta soberano desprezo do resto do mundo.

Os gritos contra a nobreza são meras obras da cabala. O ser honrado, e ainda privilegiado pelas Leis, opiniões, e antigos usos do nosso paiz, (o que já vem do prejuizo de todas as idades) nada tem que provoque horror, e indignação em qualquer pessoa. A pertinacia em manter qualquer os seus privilegios, não he absolutamente hum crime. O esforço de cada individuo em preservar a posse, do que entende ser a sua propriedade, e merecida distincção, he huma das seguranças contra a injustiça, e o despotismo; e tal expediente se vê em todo o paiz, e está plantado em a nossa natureza. Isto opéra como hum instincto, que fixa as propriedades, e perpetúa as Nações em hum estado firme.

A Nobreza he o ornamento, e a graça da Ordem Civil. Cicero, que foi Consul de Roma pela sua eloquencia, e virtude, sendo aliàs da classe plebéa, dizia, que *todos os bons favorecião a Nobreza.* (*) Ella he o capitel Corinthio da Sociedade polida. He na verdade hum signal de espirito liberal, e benevolo o inclinar-se decididamente qualquer pessoa civil á fidalguia. Não sente em seu coração nobres estimulos, o que deseja nivellar todas as instituições artificiaes, que tem sido adoptadas para dar corpo á opinião, e permanencia á estima fugitiva. He de huma disposição perversa, acre, e invejosa, inimigo da verdadeira virtude, e até da sua propria imagem, e representação, o que sente alegria na quéda, do que floreceo por longos tempos com honra, e esplendor. Não desejo ver destruida a nobreza: isso produziria hum vazio moral na Sociedade, e dahi viria ruina á face da terra. Merece em alguma parte refórma quanto aos abusos, mas não abolição.

A respeito do Clero da França, eu suspeito que o mal, que se disse contra elle, fôra fingido, ou exaggerado; pois os que fizerão a accusação, e condemnação, tinhão em vista aproveitarem-se do confisco dos seus bens. O inimigo sempre foi má testemunha, e o ladrão ainda he peior. Vicios, e abusos havião de haver nesta ordem do Estado, bem como em outras ordens. Isto era inevitavel em Estabelecimentos velhos, e não revistos frequentemente. Mas não vejo que se provassem contra o Clero crimes, que merecessem o espolio de toda a sua substancia; e menos ainda se mostrou, que os crueis insultos, e deshumanas perseguições a todo o Corpo, erão bons substitutos em lugar de regulamentos, que o melhorassem.

Os atheisticos diffamadores do Clero, que obrárão com os trombeteiros para animarem a canalha a roubarem os Ecclesiasticos, (seculares, e regulares) em nenhuma cousa insistírão com maior complacencia, do que na devassa, que tirárão dos vicios da gente consagrada ao Culto Divino. Com a mais vil industria revolvêrão, e esquadrinhárão toda a historia das antigas idades, para assoalharem os factos de oppressão, e perseguição, que fizerão os que abusárão da religião, e de seus preceitos, para favorecerem ao seu Corpo; a fim de com isso justificarem as actuaes perseguições, e crueldades, praticadas na revolução contra os Clerigos, e Frades, usando de iniquos, e anti-filosoficos principios da *Lei de talião.* Depois

---

(*) Omnes boni naturaliter favemus nobilitati.

de destruirem todas as outras geneologias, e distincções de familia, inventárão huma sorte de linhagem de crimes. Mas nunca foi justo castigar os homens pelos delictos de seus antepassados; e muito menos quando os descendentes não são de linha natural, e que só tem o nome commum da Corporação, que praticou a offensa. Este refinamento de injustiça só pertence á *barbara philosophia* deste, que se disse, *seculo illustrado.*

Os *Corpos de mão morta*, e, em geral, as *Associações incorporadas* são immortaes para o bem de seus membros, mas não para o castigo de todos. As Nações são Corporações desta natureza. Se o principio revolucionario fosse boa regra, Inglaterra poderia fazer guerra implacavel, e de exterminio, contra a França, e França contra Inglaterra, com o pretexto das innumeraveis, e mutuas hostilidades dos dous paizes, em varios periodos da historia.

A lição da historia não deve servir para corromper os nossos espiritos, e destruir a nossa felicidade. A historia abre hum grande volume para nossa instrucção, contendo os materiaes de futura sabedoria, pelo util exame dos nossos passados erros, e enfermidades do genero humano. Se se perverte o seu ensino, ella só serve de armazem de punhaes, para os partidistas contra a Igreja, e o Estado supprirem com os máos exemplos os meios de terem sempre vivas, ou de fazerem reviver as nossas dissensões, e animosidades, accrescentando maior fomento de incendio para a furia civil.

A historia, na maior parte, consiste na collecção das miserias, que tem vindo ao mundo pela soberba, ambição, avareza, vingança, lascivia, sedição, fanatismo, e por todo o mais trem de paixões desordenadas. Estes vicios são as causas das tempestades politicas. Religião, moral, leis, prerogativas, privilegios, liberdades, direitos do homem, são meros pretextos dellas: e sempre forão pretextos com apparencia de bem real. Os grandes actores, e instrumentos nos grandes males publicos são Reis, Padres, Magistrados, Senados, Juizes, Capitães. Porém não se cura o mal tomando-se a resolução politica de que não hajão Soberanos, Ecclesiasticos, Ministros de Estado, Conselhos, Tribunaes, e Generaes. Só podemos mudar os nomes, mas as cousas permaneceráõ sempre as mesmas, e unicamente em figura diversa.

Sempre algum poder se deve confiar á algumas mãos, dê-se-lhe o titulo que se quizer. Os verdadeiros Sabios só applicão os seus remedios aos vicios, e não aos nomes; ás causas que os occasionão, e não aos modos transitorios, em que elles apparecem. Pelo contrario, os pertendidos reformadores só se mostrão intelligentes em theoria, e fatuos na pratica. A malicia he mais inventora do que a sciencia humana. O mesmo vicio muda de modo, e toma novo corpo: mas o seu máo espirito transmigra; e longe de perder, pela mudança da apparencia, o seu malefico principio de vida, antes renova os seus novos orgãos com fresco vigor, e actividade juvenil.

Aterramo-nos com forjadas apparições de máos espiritos, e não advertimos, que a nossa casa está assaltada de verdadeiros ladrões. Attendendo só a casca da historia, pensa-se fazer guerra á intolerancia, soberba, e

crueldade; entretanto que, com o pretexto de se aborrecerem os máos principios dos violentos partidos (que aliàs já não existião) das antigas perseguições por causa de religião, se authorizão, e alimentão os mesmos odiosos vicios, e talvez peiores, nas differentes actuaes facções perseguidoras.

Os cidadãos de París se prestárão em outro tempo como instrumentos á matança dos sectarios de Calvino, e á infame carniçaria do celebre dia de S. Bartholomeu. Podem-se por ventura justificar os mesmos Parisienses, porque agora, em despique, representando as abominações, e horrores desses tempos, levando a sua extravagancia até o ponto de fazer em pantomina tragica, vir á scena o Cardeal de Lorena em vestimentas sagradas, dando ordem para geral assassinato? Avivando-se com tal espectaculo a salvagem disposição dos Parisienses, podia se fazellos execrar a perseguição religiosa, ou desgostallos da effusão de sangue? Antes isso servio de mais estimular-lhes o seu appetite Cannibal, que tão brutamente cevárão, até beberem o sangue das victimas de seus furores. Porque o antigo Cardeal de Lorena foi hum rebelde, e assassino, póde-se agora lêr sem horror a perseguição feita a tantos Arcebispos, e Bispos da França assassinados, ou fugitivos, que só erão conhecidos pelo povo pelas suas orações, bençãos, esmolas, e nobre uso das riquezas, e que procurárão asylo em Inglaterra, e entre os quaes não sería difficil achar hum Fenelon?

Os que lerem a historia com elevados sentimentos da razão, pondo os seculos diante dos olhos, e trazendo as cousas ao verdadeiro ponto da comparação, para ver-se o espirito, e a qualidade moral das acções humanas, só podem dizer aos presumidos *Mestres* do *Palais Royal* — o Cardeal Lorena foi hum assassino do seculo decimo sexto; e vós tendes a gloria de serdes iguaes assassinos no seculo decimo oitavo. — Esta he a unica differença, que ha entre ambos.

Mas a historia no seculo decimo nono deve ser mais bem entendida, e melhor empregada. Confio que ella ensinará á posteridade civilisada aborrecer os attentados desses seculos barbaros. Ella ensinará aos futuros Ecclesiasticos, e magistrados o não se despicarem, por vingança, contra os especulativos quietos athêos dos futuros tempos, pela representação das enormidades commettidas pelos athêos praticos, e furiosos enthusiastas dos nossos dias. Ella ensinará á posteridade a não fazer guerra contra a *religião*, e *philosophia*, pelo abuso, que hypocritas tenhão feito destes dous preciosos donativos, que nos são conferidos pelo Pai Universal.

Talvez alguns Ecclesiasticos, pelos seus partidos, e alguns excessos, se terião mostrado viciosos além dos limites, em que se deve ter indulgencia com as fraquezas humanas. Concedo tudo isto: mas sou homem, e tenho a tratar com homens; e provando a falta da racionavel tolerancia de opiniões religiosas, não desejo cahir no extremo da maior de todas as intolerancias. Supporto as fragilidades, em quanto não degenerão em crimes. Sem duvida o natural progresso das paixões, pela inclinação dos homens aos vicios, deve ser prevenida por olhos vigilantes, e mãos firmes. Os revolucionarios pintão o Clero da França como se fossem monstros. Mas ha nisso verdade? He crivel que o lapso de tempo, a cessação dos

interesses rivaes, a lastimosa experiencia dos males, que resultárão da raiva dos partidos, não hajão tido influencia alguma em melhorar os seus espiritos? Tem os Ecclesiasticos opprimido os Seculares com mão de algozes, e accendido em todos os lugares as ardentes fachas de salvagem perseguição? Erão por ventura inflammados, como antigamente, com violentas dissensões, e contendas, por fogoso espirito de controversia? Levados de ambição de soberania intellectual, procuravão pôr fogo ás Igrejas heterodoxas, e assassinar as pessoas de diverso Credo, para sobre as ruinas das outras seitas, e dos governos subvertidos, firmarem o imperio da sua doutrina, forçando as consciencias dos homens pela sua pessoal authoridade, reclamando ao principio liberdade para si em opiniões religiosas, e rematando em abuso de poder? Certamente não.

Tanto na França, como nos outros paizes civilisados, era visivel o grande abatimento desses vicios, e excessos, que fazião odioso o caracter dos tempos passados. Antes, considerando-se as cousas na equidade commum, o Clero era digno de louvor, respeito, e patrocinio; por ter abandonado o espirito violento, que deshonrou em outras idades a alguns dos seus predecessores, que perseguírão os povos, em lugar de mostrarem a moderação de animo, e doçura de maneiras, que erão proprias de suas funções sagradas.

Os revolucionarios preferírão o atheismo a qualquer fórma de religião; e o *atheismo triumphante os destruio.* Ainda os fanaticos de qualquer seita não se esquecem de todo, que justiça, e misericordia fazem partes substanciaes da religião. Os impios, para fazerem proselytos, jámais se recommendarão pelas iniquidades, e cruezas, que praticárão no fim do seculo decimo oitavo com os seus semelhantes, affectando chamallos livres, e iguaes, para os tratar como escravos, e brutos.

He cousa espantosa vêr aos novos *Mestres da razão* continuamente jactando-se de seu espirito de tolerancia. Não ha nisso materia de merecimento para as pessoas, que tolerão todas as opiniões religiosas, em razão de pensarem, que nenhuma he digna de estimação. Hum desprezo igual de todas as opiniões, e seitas não vem a ser huma candura imparcial. A especie de benevolencia, que nasce do desprezo, não he verdadeira caridade. Em Inglaterra ha muita gente, que tolera as differentes seitas, e fórmas religiosas, no *verdadeiro espirito da tolerancia.* Elles pensão, que todos os dogmas da religião são de momento, ainda que em differentes gráos; e que entre elles ha alguns (como em todas as cousas de valor) que tem justo fundamento de preferencia. Os Inglezes pois favorecem a estes, e tolerão a todos. Elles os tolerão, não por desprezarem as opiniões differentes, mas por terem o devido respeito á justiça. Elles com reverencia, e affeição protegem todas as religiões, porque venerão, e amão o *Grande Principio*, em que todas concordão, e o *Grande Objecto* a que todas se dirigem. Elles, na maior parte, cada vez melhor, e mais claramente conhecem, que nós todos temos huma *Causa Commum.* Por isso não são arrebatados por espirito de facção. Para elles, o sacrilegio não faz parte da *doutrina das boas obras*; e detestão a pratica de proscrever homens innocentes, e não restituir os bens roubados aos Ecclesiasticos.

Os novos Legisladores da França, (que se valerão das circunstancias para se apoderarem do poder do Estado) reprovão a doutrina da *prescripção*, que aliàs he huma das melhores de seus antigos Jurisconsultos. *Domat* disse a grande verdade, que *tal doutrina faz parte da Lei da natureza.* Elle nos ensina, que a positiva demarcação de seus limites, e a segurança de não se fazer invasão contra tal direito, he huma das causas para que se instituio a sociedade civil. Se a *Lei da prescripção* (*) for huma vez abalada, não fica segura especie alguma de propriedade, e se franqueia huma grande porta a insaciavel cobiça do povo indigente. Vemos na França a pratica perfeitamente corresponder ao desprezo desta grande fundamental parte da Lei Natural. Vimos os seus Confiscadores principiarem por sequestrar a Propriedade dos Bispos, Cabidos, Mosteiros, Principes de sangue, Nobres; e desde então não houve mais fim a confiscos de toda a sorte de Proprietarios. Infatuados com a insolencia das proscripções, e infames victorias, sempre apertados de miserias, causadas pelo seu lascivo, e execravel appetite do ganho, a final se aventurárão a subverter toda a propriedade de todos os estados, e classes de gente por todo o Reino; e forçárão a todos os homens, em todas as transacções do commercio, e tratos da vida civil, a acceitar em pagamento papel sem credito de hum governo fallido, e fatuo, fazendo circular seus infinitos *Assignados*, que erão meros hieroglíphicos ridiculos, e nullos de suas especulações de rapinas.

Que vestigio restou de liberdade, e propriedade em tão grande Paiz? Sem cerimonia, ou menor escrupulo os levantados Legisladores violárão os Direitos da Propriedade, da Prescripção, da Moeda, da Fé Publica, e estabelecêrão o mais inaudito despotismo. Assim o Corpo Legislativo da Nação, que dizia querer ser livre, assenhoreou-se, não para segurança, mas para destruição, da Propriedade Nacional, e não só da propriedade, mas tambem de toda a regra e maxima que lhe póde dar estabilidade, e de todos os solidos instrumentos que lhe podem dar circulação. Os seus projectos forão ainda ávante, até o ponto de quererem, com o mais violento fanatismo, fazer proselytos de taes horrores em todos os paizes, que recebião, por cabalas insidiosas, os signaes de confraternidade, e as senhas de revolução, consagradas entre seus nefandos ritos, e mysterios, com ligas federativas de perpetua amizade.

Os presumidos Politicos, e Economistas da França nem ao menos, advertírão, que, confiscando-se tão immensa propriedade, e vindo ella de subito para a cruel Hasta Publica, a sua violenta, e repentina entrada no mercado faria logo abater immenso o seu valor, resultando dahi permanecer sempre o Estado sem os recursos, que se havião especulado, e venderem-se os mais inestimaveis bens por vil preço, e a vís pessoas, que as adquirirão com lesão enormissima dos donos legitimos, tirando-se dos melhores, e immemoriaes possuidores? Que equidade (disse o Consul de Roma) se póde considerar em se tirarem as terras aos senhorios de muitos

(*) Esta Lei he a que dá estabilidade aos dominios das Propriedades possuidas trinta annos pacificamente, por titulo legitimo.

annos, e ainda de seculos, para se traspassarem a injustos compradoses? Valem por ventura estes mais que os outros? Melhorou a Nação? Cessárão as discordias civis? Pelo contrario, as desordens se propagárão até huma extensão incalculavel.

A segurança das Dividas Publicas foi hum dos pretextos, e estimulos para taes desordens. As Nações estão 'a submergir-se cada vez mais no fundo do Oceano de sua Divida Publica sem limites. As Dividas Publicas, que ao principio erão seguranças para o Governo, fazendo, por meio dellas, interessar a muita gente na tranquillidade publica, vão, pelo excesso, a ser os meios de sua subversão. Se os Governos providenceião ao pagamento destas dividas impondo pezados tributos, hão de perecer, fazendo-se assim odiosos ao povo. Se não providenceião ao seu desempenho, serão destruidos pelos esforços dos mais perigosos de todos os partidos, isto he, do partido dos capitalistas prejudicados, e não extinctos. Os homens desta classe ao principio olhão, (como segurança do seu capital emprestado,) para a fidelidade do Governo, e depois para o seu poder. Se vem o seu Governo velho, cançado, esteril, com as molas frouxas, e sem o sufficiente vigor para satisfazer os seus empenhos, procurarão novo governo que possua mais energia, e energia tal, que lhes possa pagar não por novos recursos legitimos, mas pelo desprezo da justiça. Revoluções são favoraveis aos confiscos. Estes principios que predominão na França vão-se disseminando por todos os paizes, e por todas as classes de pessoas, que estão olhando para a propriedade, e indolencia dos ricos, como para a sua segurança. A indolencia dos grandes proprietarios se arguirá de inutilidade, e esta inutilidade logo se representará como nociva ao Estado. Muitas partes da Europa estão em desordem clara: sente-se já confuso movimento, que ameaça geral terremoto no Mundo Politico.

Alguns dizem, que os confiscos da França não devem assustar as mais Nações; pois que não se fizerão por extravagante rapacidade, mas por grande medida de Politica Nacional, a fim de se removerem extensas, e inveteradas desordens. Por isso muita gente approvou o confisco feito dos bens dos Mosteiros, e a abolição das chamadas *Corporações de mão morta etc.*

Jámais separarei a Justiça da Politica. A Justiça deve ser sempre a Estrella Polar de todos os actos do Governo na Sociedade civil. Toda a grande aberração della, em quaesquer circunstancias, faz suspeitar que não he a Politica que obra, mas a cubiça de dominação.

Quando os homens são animados a entrar em certo modo de vida pelas leis existentes, e são protegidos nesse modo de vida como emprego legitimo de sua industria; quando elles accommodão todas as suas idéas, e todos os seus habitos ás occupações respectivas; quando a policia publica tem feito, que a conformidade a essas regras seja o fundamento de reputação, e o desvio dellas o fundamento de deshonra, e pena; certamente he injusto o fazer qualquer Legislador violencia aos espiritos, e sentimentos de seus subditos, e o derriballos do seu estado, e condição, e ainda demais accrescentar vergonha, e infamia ao caracter dos individuos, e aos costumes do paiz, que antes tinhão sido a medida de sua felicidade, e hon-

ta. Não he preciso ser mui sagaz para descobrir, que este brinco despotico, feito com os sentimentos, consciencias, prejuizos, e propriedades dos homens, não se póde distinguir da mais atroz tyrannia.

O homem encarregado de saudaveis reformas, que não obra debaixo do influxo das paixões, que em seus projectos não tem em vista senão o bem publico, vendo que ainda as instituições originalmente viciosas, depois de tomarem raizes profundas, se misturão e entrelação com muitas cousas boas, e que por isso não se podem desarreigar, sem ao mesmo tempo notavelmente se destruirem essas boas cousas, não deve estar disposto a abolillas de repente. Ha em tudo justo meio. Recebendo alguem o governo de hum Estado, deve compollo, e ornallo, corrigindo, e não destruindo. *Spartam accepisti, hanc exorna.*

Esta regra de profundo senso jámais deve estar fóra do espirito de hum reformador honesto. Não posso conceber como hum homem chegue a subir a tal presumpção, que considere o seu paiz como nada mais que huma *Carta branca*, para escrever nella, o que lhe der na vontade. Hum homem cheio de benevolencia especulativa póde desejar, que a Sociedade fosse constituida do modo differente do que a acha; mas o bom patriota, e o verdadeiro politico sempre considerarão o como se poderão melhor aproveitar das materias, que achão no proprio paiz, para as reformas indispensaveis. Disposição a conservar, e habilidade a melhorar serão sempre os padrões do Estadista. Tudo que he fóra disto, he vulgar no conceito, e perigoso na execução.

Ha momentos na fortuna dos Estados, em que certos homens são chamados a fazer melhoramentos, por grandes esforços mentaes. Nesses momentos, ainda quando gozem da confidencia de seu Principe e paiz, e sejão revestidos de plena authoridade, nem sempre achão instrumentos idoneos para a obra. O verdadeiro politico, para fazer grandes cousas, deve então procurar descobrir a grande mola do mechanismo da benevolencia civil, para saber extrahir o bem ainda do mal.

Tem-se declamado muito contra as Corporações religiosas. Mas as suas rendas tinhão direcção publica. Os seus membros erão dedicados a objectos publicos, e por principios publicos. Ainda que as suas instituições ao principio fossem obras de enthusiasmo, todavia forão depois os instrumentos da sabedoria. Não mereceria ser havido por Homem de Estado de alta ordem, quem destruisse temerariamente a riqueza, disciplina, e os habitos de taes Corporações, e não achasse expedientes de as converter em grande, e permanente beneficio de seu paiz. Só politicos destituidos de fundos mentaes, e que não entendem do officio, podião achar utilidade em extinguillas.

Estas instituições (dizem) favorecem a superstição pelos seus mesmos principios, e a alimentão pela sua constante, e inexterminavel má influencia. Não entro nesta questão. Mas não he menos certo, que derivamos solidos beneficios de muitas disposições, e de muitas paixões, que, aos olhos da moral, são, pelo menos, de côr tão duvidosa como a superstição. A superstição he a religião dos espiritos fracos. Se inteiramente se lhes arranca, sem se darem logo melhores substitutos aos que não concebem as cou-

sas melhor, tambem arrancamos os recursos necessarios a soster as cousas mais essenciaes.

A base da verdadeira religião consiste, em estar o Corpo do povo sempre seguro na idéa, e pratica da obediencia á Vontade do Eterno Soberano do Mundo, ter confiança nas suas revelações, e aspirar á imitação de suas perfeições. Os homens sabios não são violentos em condemnar a fraqueza do entender humano. A Sabedoria não he o mais severo censor da ignorancia. As loucuras rivaes são as que se fazem mutuamente implacavel guerra; e a que chega a predominar, logo se prevalece de suas vantagens para pôr no partido de suas censuras os espiritos vulgares. Pelo contrario, a prudencia he hum mediador neutro. Se na contenda entre o afferro immoderado a certas instituições, e a orgulhosa antipathia a causas, que, por sua natureza, não são proprias a produzir effervescencias de indignação, o homem prudente he obrigado a fazer escolha, comparando erros, excessos, e enthusiasmos, pelo menos, julgará mais toleravel a superstição, que edifica, do que aquella, que destroe; a que orna o paiz, do que a que o deforma; a que o dota, do que a que espolia; a que dispõe das riquezas para benevolencia, ainda que aliàs menos bem entendida, do que a que estimula os homens á real injustiça; a que recusa a si propria ainda os prazeres legitimos, do que a que rouba dos outros até a modica subsistencia. Certamente este se achará ser o estado da questão entre os fundadores das Ordens Monasticas, e os pertendidos reformadores da supersticiosa philosophia do seculo presente.

Em toda a Nação prospera, alguma parte do producto dá terra e industria sempre excede as necessidades do consumo do productor respectivo. Este excedente fórma o redito do senhor da terra, e dos capitalistas, que adiantão o fundo para a producção. Este excedente será despendido por estas duas sortes de proprietarios, que aliàs não trabalhão directamente para a producção. Mas a sua arguida preguiça, (que he mera isenção de obra mechanica) vem a ser o estimulo do trabalho dos que não tem terra capital, e o seu descanço he o incitamento á industria do principal corpo do povo. O interesse do Estado só he que os capitaes empregados para fazer render a terra, tornem outra vez para as mãos industriosas, donde elles vierão, e que a despeza dos fundos da natureza, e arte seja dirigida com o menor possivel detrimento da moral, tanto daquelles, que a fazem, como dos obreiros, para quem os capitaes tornão, a fim da renovação dos trabalhos, e constante reproducção dos fructos da terra, e industria.

Em todas as considerações de receita, despeza, e emprego pessoal, hum Legislador prudente deve cuidadosamente comparar os caracteres do possuidor dos fundos, a quem se aconselha expellir, e do estrangeiro, que se prepõem para substituir o seu lugar. Além dos inconvenientes que resultão das violentas revoluções da propriedade por extensos confiscos, deve-se estar certo, que o novo possuidor será mais trabalhador, mais virtuoso, mais sóbrio, e menos disposto a extorquir irracional proporção dos ganhos do lavrador, ou a consumir comsigo mais quantidade do que a ordinaria medida do consumo de qualquer individuo, ou a despender de modo mais

firme, e igual, que melhor corresponda á util despeza politica, que os antigos instituidores haviáo destinado. Quem demonstrou que estas vantagens estáo da parte dos que adquirírão os bens da Igreja, e das Ordens religiosas?

Os frades (dizem) são inertes. Sejáo. Supponha-se que não se occupáo senão em cantar no côro. Pelo menos são táo utilmente empregados como os que cantão no theatro. Incomparavelmente peior he a occupação de milhares de individuos de condição servil, empregados pelos grandes ricos seculares em vís, e pestiferos ministerios. A humanidade, e a politica antes justificarão o livrar a estes de seus máos, e inuteis empregos, do que o perturbar o tranquillo repouso da morada monastica. Ora quando as vantagens da posse estão *ao par*, não ha motivo para mudança de possuidores.

Compare-se porém a vá, e perniciosa despeza, que os grandes proprietarios seculares frequentemente fazem, com a que a maior parte dos Prelados, Cabidos, e Mosteiros fazia em accumulação de vastas livrarias, que contém a historia da força, e fraqueza do espirito humano; de grandes collecções de manuscritos, medalhas, moedas, que attestão, e explanão as leis, e costumes da antiguidade; de nobres pinturas, e estatuas, que, imitando a natureza, parecem extender os limites da creação; dos grandes monomentos dos mortos, que fazem continuar as lembranças, e connexões da vida ainda além do sepulchro; dos variados musêos, que assoalhão as maravilhosas amostras da opulencia da natureza, e que são a assemblea representativa de todas as classes, e familias do mundo, que, pela sua disposição scientifica, e excitando a geral curiosidade, abrem as estradas da Sciencia. Se por grandes estabelecimentos permanentes todos estes objectos de despeza estão mais seguros do inconstante jogo do capricho, e da extravagancia pessoal, póde-se crer que estarião peior nas mãos dos que tinhão feito, e accumulado táo uteis trabalhos, do que nas de individuos separados, e sem o espirito preservativo das Communidades, ainda que nelles prevalecesse hum gosto igual ao dellas?

Por ventura o suor do pedreiro, e carpinteiro não corre táo aprazivel, e salutiferamente na construcção, e reparo dos majestosos edificios da religião, como na fabrica de casas de opera, officinas de jogo, e obras de phantasia, para nutrir o luxo, e o orgulho, como v. g. obeliscos no Campo de Marte etc? O producto superfluo de vinho, e azeite do paiz será peior empregado na frugal sustentação de pessoas, a quem as ficções de piedosa phantasia derão a dignidade de estarem sempre em louvor, e serviço de Deos, do que em innumeravel multidão de criados, que são mantidos com desperdicios, só para nutrirem a soberba de seus amos? Os ornatos dos templos serão despezas menos dignas de hum homem sabio, do que as festas com laços nacionaes, e innumeraveis fofices, com que a opulencia dos seculares alardêa a enorme carga de suas superfluidades? Toleramos estas cousas, não por amor dellas, mas pelo receio de que em seu lugar entre ainda cousa peior. Toleramo-las, porque a propriedade, e a liberdade até certo gráo, requerem a tolerancia de taes usos nas sociedades. Como se poderia logo com razão proscrever os estabelecimentos, e dispendios, que em todos os pontos de vista, são do mais louvavel uso

dos Estados? Pode ser justo fazer violação de toda a propriedade, e, por ultraje de todo o principio de liberdade, muda-los á força do melhor para o peior? As corporações da Igreja no uso de sua propriedade são os objécios mais susceptiveis de direcção publica da parte do poder do Estado: o regulamento dos modos, e habitos de vida dos seus membros vem a ser mais facil do que he, ou deve ser, a respeito da economia dos cidadãos particulares. Esta consideração he muito essencial para se tentar alguma cousa, que mereça o nome de *empreza politica.*

Nenhum excesso he bom. Assim como não convém, que desproporcionada quantidade de terras esteja em poder dos Corpos de mão morta, e dos grandes Prelados, tambem não se mostra razão, porque a posse de algumas se traspasse violentamente do poder de alguns, que muitas vezes, de facto, tem feito bom uso de antigas propriedades, que passárão successivamente a pessoas de eminente virtude, e sabedoria; que dão ás mais nobres familias renovação, e mantença, e ainda ás das classes infimas os meios de dignidade, e ellevação; propriedades, a cuja posse he annexa a obrigação de executar algum dever moral, e que, posto os seus possuidores não cumprão perfeitamente os seus encargos, que se exigem delles, com tudo lhes fazem ter hum caracter de, ao menos, exterior decoro e gravidade, e que, de ordinario, são applicadas á hospitalidade generosa, considerando-as habitualmente os possuidores como hum deposito confidencial para exercicio da caridade. As pessoas, cujo destino, e onus publico no uso de taes propriedades he ostentar virtudes, naturalmente as administrarão melhor, e serão mais comedidos, e regulados na sua economia, do que os seculares, que não tem regra, e direcção de suas despezas senão as suas vontades.

Sempre olharei com piedade, e reverencia para os erros daquelles reformadores, que são timoratos nos pontos, que implicão com a felicidade do genero humano. Só Politicos máos, e ignorantes são nisso ousados, assemelhando-se aos Cavalleiros de industria, que nada tem a perder, e não sentem paternal sollicitude do bem publico; que não temem fazer a amputação n'huma creança, só para tentarem huma experiencia perigosa. Estes taes, na vastidão de suas promessas, e na confianca de seus prognosticos, excedem todas as jactancias dos charlatães.

Estou convencido que na Assemblea Nacional da França entrárão homens de muita habilidade, e alguns desenvolvêrão eloquencia em suas fallas e escritos, o que se não podia executar sem grandes, e cultivados talentos. Mas a eloquencia póde existir sem proporcional grão de sabedoria. Com tudo, no systema que propozerão para segurança, e prosperidade dos cidadãos, e para se promover a força, e grandeza do Estado, confesso não ter achado huma só cousa, que denotasse obra de espirito comprehensor, e providente, e nem ainda de entendimentos capazes das provisões de prudencia vulgar.

A gloria de todos os grandes Mestres em todas as artes consiste em confrontar, e vencer as difficuldades; e quando tem vencido a primeira, a convertem em instrumento para vencer novas difficuldades; e assim adquirem a possibilidade de extender o imperio da sua sciencia, e ainda trans-

pollo além do alcance de seus originaes pensamentos, transcendendo até fóra dos marcos da intelligencia humana. A difficuldade he hum instrumento severo, estabelecido por suprema ordenança do Pai, e Legislador Omniscio, que nos conhece melhor do que nós nos conhecemos. O que luta comnosco, fortifica os nossos nervos, e aguça a nossa perspicacia. O nosso antagonista vem a ser o nosso auxiliar. O amigavel conflicto com a difficuldade nos obriga a adquirir mais intimo conhecimento do objecto proposto, e nos impelle a considerallo em todas as suas relações, não soffrendo que sejamos superficiaes. O que foge de tal luta mostra não ter nervos do entendimento para a sua tarefa.

O degenerado appetite de fazer tudo em pouco tempo com enganosas facilidades, e (como dizem os francezes) *golpes de mão*, tem sido em muitas partes a causa de se crear no mundo governos de poder arbitrario. Então as faltas de sabedoria são suppridas pela plenitude de força, e os povos nada ganhão na mudança. Começando taes reformadores os seus trabalhos por principio de preguiça (que não medita, nem combina) tem a fortuna commum da gente preguiçosa. As difficuldades, que elles mais illudírão, do que resolvêrão, tornão a apparecer no curso do edificio, e são involvidos n'hum labyrintho de confuso manejo, e n'huma industria estouvada, e sem direcção. Assim fazem a sua obra viciosa, e sem segurança.

A Assemblea Nacional só ladeou pelas difficuldades, sem as resolver, nem evitar; e por isso, começou os planos de reforma com a *abolição* e *destruição*. Em demolir a picarête, e arrazar hum edificio, mostra-se habilidade? O mais rude entendimento, e a mão mais salvagem he capaz de tal obra: raiva, e phrenesi póde derribar em huma hora mais, do que prudencia, deliberação, e pericia podem edificar em cem annos.

Os erros, e defeitos dos estabelecimentos velhos são visiveis, e palpaveis: não he precisa muita sagacidade para apontallos: e onde se estabelece poder arbitrario, basta huma palavra para destruir vicios, e juntamente os estabelecimentos uteis. A mesma preguiçosa, e inquieta disposição, que ama a inercia, e aborrece o socego, dirigio os politicos da França para abater a sua Monarchia, com tudo o que tambem havia de bom nella, sem aliàs supprir devidamente o lugar das cousas destruidas. Hum dos do Corpo Legislativo, que ali tinha ascendente, exprimio assim o seu *Grande Principio destructivo*: nada he mais simples. „ Os estabelecimentos „ da França coroão a infelicidade do povo. Para o fazer feliz, he necessa„ rio renovallo: mudar suas ideas; mudar suas leis; mudar seus costumes; „ mudar os homens; mudar as cousas; mudar as palavras.. destruir tu„ do.. sim tudo destruir, pois que tudo se deve tornar a crear. „ Se este arengueiro fosse escolhido para Presidente da casa dos orátes, poderia ser havido por ente racional?

Preservar e reformar he cousa mui diversa desta Proposta. Quando se pertende concertar, e accrescentar hum grande edificio, sem destruir as partes uteis, deve-se ter hum espirito vigoroso, de perseverante attenção, dotado de talentos para comparar, e combinar, e hum entendimento fertil em expedientes vigorosos, que entre em conflicto com a confederada força

dos vicios oppostos, a saber, da obstinação, que rejeita todo o melhoramento, e da leveza, que se fatiga, e desgosta até com o bem, de que está de posse. Mas este processo he lento, e não he proprio para phantasticos Legisladores, que se glorião de executar em poucos mezes a obra, que requer seculos. Huma das prorogativas, que deve acompanhar o methodo de reformar com prudencia, he, que hum dos seus assistentes seja o tempo, que faz a sua operação, quazi imperceptivel.

Se a circunspecção, e cautéla são partes da sabedoria, ainda quando a obra he só de materia desanimada, sem duvida mais constituem parte do nosso dever, quando o objecto da demolição, ou construcção não he obra de pedra, e páo, mas de racionaes sensiveis, que se podem fazer miseraveis em grande multidão, pela repentina alteração de seu estado, condição, e habitos de vida. Com tudo em París a predominante opinião he, que hum coração insensivel, e huma presumpção illimitada são as unicas qualificações para hum perfeito Legislador. Porém mui differentes devem ser as idéas deste alto officio.

O verdadeiro Legislador deve ter hum coração cheio de sensibilidade: deve amar, e respeitar a sua especie, e tremer de seu amor proprio. Regulamento politico he obra para entes sociaes. Nelle o espirito deve conspirar com os outros espiritos. A nossa paciencia póde melhor acabar a obra, do que a nossa força. A experiencia tem mostrado, que não ha plano, que não tenha sido melhorado pelas observações dos que aliàs em entendimento erão mui inferiores ás pessoas, que havião dirigido o negocio. Pelo lento, e bem sustentado progresso do exame o effeito de cada passo he observado; o bom ou máo successo do primeiro dá-nos luz ao segundo; e assim de luz em luz somos conduzidos com segurança por toda a série das operações. Por este modo attendemos a que as partes do systema não combatão entre si. Os males escondidos nas mais especiosas apparencias são remediados logo que se divisão. Cada vantagem he assim menos sacrificada á outra. Compensamos, conciliamos, balanceamos. Deste modo somos habilitados a unir em hum todo coherente as varias anomalias, e principios contradictorios, que se achão nos espiritos, e regulamentos dos homens. Dahi se origina não a excellencia na simplicidade, mas (o que lhe he superior) *a excellencia na composição.* Como os interesses do genero humano se transmittem por longa successão de gerações, tambem a successão de reformas se deve transmittir por meditadas resoluções, que profundamente combinem seus interesses.

Por isso os melhores Legisladores tem muitas vezes achado mais conveniente conservar o estabelecimento de algum seguro, e solido principio de governo, que reja a Policia publica, do que adoptar Planos de perfeição ideal, que podem ser falliveis na pratica. Proceder assim, he proceder com principio previdente, e energia prolifica, que he o criterio da verdadeira sabedoria. O que os politicos francezes pensão ser os signaes de hum genio activo, e transcendente, são só provas de deploravel falta de habilidade. Pelos seus violentos processos, com desvio dos processos da natureza, vierão a abandonar-se cegamente a qualquer projectista, e aventureiro, empirico, e alchymista. Elles na sua medicina do Estado affectárão não em-

pregar ingrediente, que fosse commum. Diéta não lhes he nada no systema dos remedios. A sua desesperação de curar por methodos regulares procedeo ainda menos de falta de comprehensão, do que de malignidade de temperamento. Taes legisladores formárão suas opiniões a respeito das profissões, e ordens, e officios dos homens, pelas declamações, e chocarrices dos satyricos. Olhárão para as cousas unicamente da parte dos defeitos, e vicios, e ainda a estes debaixo da côr da exaggeração.

Em geral he huma verdade, que os habituados a não verem senão as faltas dos outros, são incapazes da obra da reforma; pois que os seus espiritos não estão bastantemente suppridos com padrões do bom e bello, e só se deleitão na contemplação da malicia; e por isso aborrecem os homens. Dahi nasce a maliciosa propensão, que taes reformadores tem para destruir tudo com a sua actividade quadrimania. Elles intentárão reformar tudo pelos paradoxos de enthusiastas eloquentes, e loucos, como *Rousseau*, o qual todavia, ainda, nos seus lucidos intervallos, se espantaria da rematada loucura dos seus estudantes, e servís imitadores, que se lembrárão de applicar á Sociedade extravagancias, que só forão escritas para excitar as phantasias com idéas maravilhosas, em lugar dos antigos romances de magicos, e fádas; descobrindo taes discipulos assim fé implicita, ainda na sua incredulidade.

As pessoas, que emprehendem cousas de importancia, ainda por methodos regulares, devem dar fundamento para se presumir nellas habilidade superior. Com maior razão o medico do Estado, que, não satisfeito de pertender curar enfermidades parciaes, emprehende regenerar constituições, deve mostrar talentos extraordinarios, principalmente quando se jacta de não recorrer á pratica dos outros, nem ter modêlos, que imite. Os antigos estabelecimentos são experimentados pelos seus effeitos. Se com elles os povos são felizes, unidos, opulentos, guerreiros, e poderosos, bem podemos daqui presumir o resto. Com razão concluimos, que he boa a causa, donde se deriva bom effeito. Nos estabelecimentos antigos, tem-se achado varios correctivos para as suas aberrações da theoria. Elles são resultado de varias necessidades, e conveniencias: não são construidos em consequencia de theorias; antes as theorias se tem formado em virtude das experiencias de seculos no governo humano. Os meios ensinados por estas são melhor accommodados aos fins politicos, ainda que ás vezes não pareção perfeitamente consiliaveis com o Plano original. Isto se póde curiosamente exemplificar na Constituição Britannica.

Mas os edificadores Francezes não se embaraçárão com isso, nem fizerão esforços de adaptar o novo edificio ao velho, quer nos alicerces, quer nas muralhas. Praticárão como os jardineiros vulgares, que formão tudo em hum exacto nivel, propondo levantar a architectura do Estado sobre tres bases, *geometrica*, *arithmetica*, e *finanças*, a que chamárão 1.ª *base do Territorio*, 2.ª *base da População*, 3.ª *base do Imposto.*

Na *base geometrica*, dividírão a area de seu paiz em 88 quadrados regulares, que chamárão *Departamentos*, tendo cada hum 720 districtos, que chamárão *Communs*, e subdividindo estes em medidas quadradas, a que derão o titulo de *Cantões*. Nesta vista geometrica não se achão grandes ta-

lentos legislativos. Com olho, cordel, e theodolito, qualquer trivial medidor desempenharia a tarefa. Neste novo pavimento de quadrados, feita a organisação pelo systema de *Empedocles*, e *Buffon*, e não sobre principio politico, he impossivel, que dahi não resultassem innumeraveis inconvenientes locaes, a que os homens não estavão habituados. A bondade do terreno, numero de gente, sua riqueza, mais ou menos facilidades de contribuição, e infinitas outras circunstancias, fazem a medida do quadro hum ridiculo padrão do poder de qualquer Estado. A igualdade em geometria he a mais disigual de todas as medidas na distribuição dos homens.

A sublime sciencia Franceza, que assim se introduzio pelo campo da geometria, manifestou a sua ignorante methaphysica juridica na arithmetica da População. Dizendo, que os homens são inteiramente iguaes, e que por isso tinhão iguaes direitos ao governo, decretárão, que todo o homem podesse votar em pessoa, que o representasse no Corpo Legislativo, com tanto que pagasse ao Estado o valor de tres dias de trabalho. Como ha innumeraveis pessoas das infimas classes, que podem viver de seu escaço jornal, que apenas lhes dá mingoada subsistencia de cada dia, ficárão excluidos de votar os que tinhão mais necessidade de protecção, e defeza. Tambem excluírão de voto os criados. Eis logo de hum golpe subvertido o inculcado principio da igualdade dos Direitos, que dizião ter a natureza dado gratuitamente em o nascimento a cada individuo, e de que nenhuma authoridade legitima o podia privar.

Na *base do Imposto* perdêrão inteiramente de vista os direitos do homem. Esta base he inteiramente estabelecida na propriedade. Ora esta he incompativel com a pertendida igualdade. Os novos legisladores, vendo-se embaraçados com suas idéas contradictorias, dizião que, destruindo-se a igualdade pessoal, se estabeleceria a *aristocracia dos ricos*; e todavia dizião, que os ricos devem ser respeitados, e que tem titulo a mais larga partilha na administração dos negocios publicos. Sem duvida, elles são sujeitos á inveja, e a inveja conduz ao ataque da propriedade. Por isso, dando-se-lhes o direito de terem mais votos, e de escolherem mais membros para a Representação Nacional, tambem sujeitárão a maiores *impostos directos* as que chamarão *massas aristocraticas*.

Mas nada he mais desigual que os *impostos directos*. A *contribuição indirecta*, que provém dos Direitos exigidos sobre os *artigos de consumo*, he na verdade a melhor medida dos impostos: ella descobre e segue a riqueza mais naturalmente, do que a contribuição directa. Na verdade he difficil fixar a medida da preferencia local; pois que algumas provincias podem pagar mais, não por causas intrinsecas, mas pelas que se originão dos mesmos districtos, sobre que tem alcançado preferencia. Huma grande Cidade, como París, deve pagar incomparavelmente mais direitos, que as Cidades das provincias interiores; visto que attrahe os productos, que vem destas, e que dalli se exportão. Os Proprietarios ricos das provincias, que gastão na Côrte as suas rendas, e que são os creadores das Cidades respectivas, contribuem para París com parte dos productos das suas provincias, na proporção das rendas, que dellas lhes vem. A contribuição directa he assentada sobre a riqueza real, ou presumida, e a riqueza local póde

provir de causas não locaes; e por tanto, em regra de equidade, não devem produzir preferencia local.

O espirito de destribuição geometrica, e de regulamento arithmetico induzio aos reformadores Francezes a tratarem o seu paiz como a hum paiz de conquista, subjugado pelos mais salvagens conquistadores, que desprezárão o povo submettido, insultando os seus sentimentos, e destruindo todos os vestigios de sua religião, policia, leis, e maneiras, produzindo geral pobreza. Fizerão a França livre, da maneira que os outros (tão sinceros como elles) amigos dos direitos do homem, os Romanos, fizerão livre a Grecia, e as mais Nações, destruindo os vinculos da sua união, com o pretexto de segurar a independencia de seus governos.

Taes Legisladores se arrogárão a ardua tarefa da reforma, sem mais preparativo, e apparato do que a methaphysica de Graduados, e a mathematica, e arithmetica de Dizimeiros, Doutores de Taboada. Elles não considerárão, em cousa alguma, a natureza do homem, e do cidadão, nem estudárão os effeitos dos habitos, que são communicados pelas circunstancias da vida civil, que constitue outra natureza, e produzem huma artificial combinação, donde nascem muitas diversidades entre os homens conforme a seu nascimento, sua educação, suas profissões, suas differentes idades, suas residencias em cidade ou no campo, seus varios modos de adquirir, e fixar a propriedade, e conforme a qualidade das mesmas propriedades; o que tudo os fórma artificialmente como differentes especies de creaturas. Dahi resulta a necessidade, que tem o Legislador de dispor os cidadãos em taes classes, e situações do Estado, para que os seus particulares habitos melhor os qualifição, e de lhes conceder privilegios apropriados, que lhes dem segurança, protecção, e força, no conflicto e contenda, que se occasiona pela diversidade dos respectivos interesses, que sempre existem, e não podem deixar de existir em toda a sociedade complexa.

Sería cuberto de vergonha o Lavrador, que fosse tão grosseiro, e tão destituido de senso commum, que, tendo variedade de carneiros, bois, e cavallos, pertendesse igualar todos, como pertencendo á especie geral de animaes, sem provêr a cada hum delles com o respectivo apropriado sustento, curral, e emprego. Mas os Economistas da França, dispondo a arbitrio da sua propria especie em methaphysica aérea, não se cançárão em considerar particularidades de classes, e calculárão sómente a *grége civil*, como só composta de homens em geral. Estes Legisladores methaphysicos, mathematicos, e chimicos, tentárão confundir todas as sortes de cidadãos em huma massa homogenea, e dividírão o seu montão, assim amalgamado, em incoherentes republicas. Nem ao menos attendêrão ás melhores lições da *Methaphysica racional*, que justamente estabeleceo varias Cathegorias, e diversos predicamentos das cousas, bem distinguindo substancias, e quantidades, ordenando, que, em complexas deliberações, se attendesse á qualidade, relação, acção, paixão, lugar, tempo, circunstancias, e habitos. Quizerão estabelecer huma liberdade compulsoria; e corrompêrão o exercito para desertar, e trahir a seu Soberano: depois ordenárão que esse exercito fizesse fogo contra o povo: o seu máo exemplo induzio a insurreição das colonias, e a dos negros contra os colonistas. Quizerão contradictoria-

mente, e com força armada continuar o systema Colonial. Em que capitulo do Collegio dos Direitos do homem se lê, que he parte dos Direitos do homem poder huma parte da Nação monopolisar, e restringir o commercio da outra parte, para beneficio da que faz essa violencia? Ha opposição: a resposta he tortura, violencia, tropa, matança.

Eis os fructos de declarações metaphysicas, extravagantemente feitas, e vergonhosamente retractadas! Como podia haver liberdade sem sabedoria, sem virtude, sem inviolavel guarda do direito da propriedade? Sem isso, ella he o maior de todos os males possiveis; e vem a ser sandice, vicio, e demencia sem tutela, nem restricção.

As reformas em Finanças acabárão de mostrar a incapacidade das cabeças Francezas; ellas destruírão completamente o seu paiz. Os revolucionarios, presumidos de Financeiros, não virão nada mais no Redito publico senão Assignados, Mandados Territoriaes, Annuidades, Ordenadas &c., sem perceberem que prudentes *operações de credito* são boas cousas, quando são effeitos da boa ordem civil. Elles affectárão copiar nesses expedientes a pratica de Inglaterra; mas contradictoriamente tentárão estabelecer o *credito publico* com exemplos de rapina, e estrago de toda a fé humana. Quizerão forçar a receber o seu *papel do governo*, sem saberem, que a *liberdade de acceitar taes cedulas* he a que as constitue *moeda corrente*. O papel francez não foi (como devia ser) o representante da opulencia Nacional, mas sim da penuria publica; elle não foi a creatura do credito publico, mas só do poder revolucionario. Imaginárão que o florente Estado de Inglaterra era devido ao papel do Banco, e não que o credito do papel do Banco fosse o effeito da florente condição do Commercio Nacional. Não advertírão, que na circulação não se recebe hum só *shellin*, senão por livre escolha das partes contrahentes, e que por isso facilmente se converte em dinheiro. O nosso papel tem muito valor no Commercio, porque a lei não lhe dá algum no foro. He poderoso na Praça, e impotente na Côrte. Cada credor de dez shellins póde recusar o seu pagamento em todo o papel do Banco de Inglaterra. Por isso ahi a riqueza em papel de credito facilita a entrada, sahida, e circulação do oiro, e prata, e tende a augmentalla na quantidade.

Os objectos do Financeiro são: segurar amplo credito ao Estado; estabelecer impostos com discrição e igualdade; empregallos economicamente, e, quando a necessidade o obriga a fazer uso do credito, *segurar os fundamentos do mesmo credito*, *logo no primeiro emprestimo publico*, e sempre sostello pela clareza, e candura nos seus procedimentos, exacção do seus calculos, e solidez dos seus fundos. Grandes expectações se excitárão em toda a Europa a este respeito da França pela sua Revolução; porém mallográrão-se.

A dignidade de cada emprego depende da quantidade, e especie de virtude, que se póde exercer nelle. Todas as grandes qualidades do espirito, que operão no publico, e que não são meramente passivas, e soffredoras, requerem força para o seu desenvolvimento. Como a Renda do Estado he o movel de todo o seu poder, a sna administração vem a ser huma esphera de toda a virtude activa. Sem tal virtude, he impossivel boa administra-

ção. A virtude publica, sendo de natureza activa e esplendida, e destinada á grandes cousas, e exercida sobre grandes interesses, requer grande espaço para as suas oprações, e não se póde desenvolver, e diffundir achando-se apertada em circunstancias estreitas, e sordidas. O Corpo politico só póde por meio de justa Renda do Estado obrar conforme o seu genio, e caracter, desenvolver a sua virtude collectiva, e caracterisar bem os que movem, e que são, por assim dizer, a sua vida, e principio director. Dahi he que, não só a magnanimidade, liberdade, beneficencia, fortaleza, providencia, e a tutelar protecção das boas artes, derivão o seu sustento, e a força de seus orgãos; mas tambem o trabalho, vigilancia, frugalidade, continencia tem o seu proprio elemento na provisão, e distribuição da riqueza publica.

Por isso com razão a Sciencia das Finanças especulativa, e prática (que se ajudão por muitos ramos auxiliares dos conhecimentos humanos) he tida em alta estima pelos mais sabios, e melhores homens: e como esta sciencia cresce com o augmento do seu objecto, tambem a prosperidade, e melhora das Nações tem geralmente crescido com o augmento de sua justa Renda Publica, quando a balança dos esforços dos individuos, e do Estado em fazer adiantar tem proporção reciproca, e se achão em harmonia e correspondencia. Mas os sophistas francezes, só declamando vagamente contra Estancos Reaes, em lugar de algumas justas refórmas nos objectos, e modo da collecta das Rendas do Estado, em breve tempo fizerão desapparecer, a que antes existia, e destruirão a força do Reino, perdendo juntamente a sua phantastica Republica. Os seus Financeiros forão crueis, e não economicos. Ao principio pertendêrão supprir o Estado só com voluntarias contribuições do povo: e logo depois recorrêrão á emprestimos forçados, confiscos, assignados, mandados territoriaes, e á todos os mais absurdos, e horrores, que são notorios, com infernal confiança na omnipotencia do roubo, e assassinato; descompondo a natureza das cousas, convertendo á indigencia em recurso, pagando o interesse com trapos, e provendo o Credor publico á ponta da baioneta.

Os Revolucionarios da França, por incomprehensivel espirito de delirio e engano, jogárão o mais desesperado jogo. Tendo destruido todas as seguranças de huma liberdade moderada, e as indirectas restricções do despotismo absoluto, se a Monarchia for estabelecida outra vez na França, na mesma ou n'outra dynastia, provavelmente, se não for voluntariamente regulada pelos sabios, e virtuosos conselhos do Principe, firmar-se-ha o mais completo poder arbitrario que jámais appareceo na Terra. Tal será o fim do Monstro da Revolução. Os enganosos sonhos da regeneração, com as visões da igualdade, liberdade, e direitos do homem, se submergirão no sorvedouro *Serbonio*, (*) com profundo abysmo de miseria, e escravidão, para sempre.

Humanos olhos não se pódem levantar para ver os grandes peccados, que bradárão da França ao Ceo, o qual a castigou com tão vil cativeiro

(*) Este he o celebrado horrivel pantano d'Asia, onde o Imperador Romano Decio se atolou, e submergio com todo o seu exercito.

e tão infame dominação, em que não se encontra conforto, nem ainda a compensação, que ás vezes se acha nos falsos esplendores de algum doce despotismo estabelecido, que, fazendo a sua brilhante pantomina theatral sobre as outras mais escuras tyrannias, obsta que o genero humano se sinta deshonrado; ainda quando he opprimido.

Boa ordem he o fundamento de todas as boas cousas. O verdadeiro politico, na reforma dos Estados; deve sempre ter em vista fazer, que o povo, sem ser servil, seja sempre tractavel, e obediente. Jámais se deve por arte desarraigar dos seus espiritos os essenciaes principios da subordinação civil. Deve-se habituallo a respeitar as propriedades, de que não pódem participar. Deve-se-lhe permittir, que alcancem, por meio de seu trabalho, tudo que se póde obter pela energia da industria honesta; mas deve-se-lhe sempre ensinar o religioso sentimento, de que achando (como he mais commum) os seus esforços desproporcionados a conseguir melhor sorte, esperem para consolação de suas fadigas o obterem na vida futura as proporções compensatorias da Divina Justiça. Os que privão o povo destas consolações não fazem senão amortecer a sua industria, e cortão pela raiz os meios legitimos de toda a adquisição, e de toda a conservação. O que assim pratica, he o mais cruel oppressor, e implacavel inimigo dos pobres, e miseraveis; e ao mesmo tempo expõe os fructos da industria feliz, e as accumulações da fortuna aos ataques dos individuos indigentes, e desditosos, que mallográrão os seus projectos de melhorarem de condição.

Embora se escrevão lances generosos, e illustres sentimentos de virtuosa liberdade, que servem a dar calor ao coração, alargar os espiritos com liberdade de pensamentos, e animar o valor em tempos de conflicto. Eu mesmo leio com prazer os sublimes extases dos Poetas Lucano, e Corneille sobre esse assumpto. O bom politico deve sacrificar ás Graças, e comprazer com a razão.

Fazer governos he cousa que não requer grande sciencia: estabelecendo-se o poder em hum lugar, e forçando-se á obediencia, a Obra está feita: mas, para fazer o que se diz *governo livre*, requer-se espirito reflexivo, combinador, e poderoso, para conciliar os oppostos elementos de liberdade, e restricção em huma Obra coherente.

Os aduladores do povo jámais pódem ser seus Legisladores, e guias. Se algum mais intelligente delles propõe hum systema prudente de liberdade, contida nos justos limites, immediatamente os rivaes lanção maior preço na Praça, e promettem licenças, e felicidades maiores. Immediatamente se levanta suspeita de infidelidade á sua causa contra os mais sabios; a moderação hé sentenciada por virtude de cobardes; e a concordata se julga prudencia de traidores. Assim ou os bons são sacrificados á ignorancia do povo, e á rivalidade dos competidores; ou, com vilania, e tortura das proprias idéas seguem a torrente do partido mais iniquo, e consumão pelos proprios talentos a ruina da Nação.

Eis os naturaes resultados das Revoluções, principiadas com falsos pretextos, ou zelos indiscretos de subitas reformas. Não nego que entre o infinito numero de actos de violencia, e loucura dos Reformadores Francezes não fizessem estes algum bem, e não removessem algum abuso. Os que fi-

zeráo tudo de novo, não he maravilha que tambem fizessem alguma cousa benefica. Porém os seus melhoramentos foráo superficiaes, e os seus erros foráo fundamentaes.

Não obremos jámais como os Francezes, que, presumindo-se superiormente illuminados, procedêrão a fazer reparações do Estado, sem ter por *principios rectores* a *cautela politica*, a *circunspecção philosophica*, e a *timidez moral*, procedendo sem a devida, e forte convicção da ignorancia, e fallibilidade do Genero Humano. Accrescentemos novos bens, se for possivel; mas conservemos o solido, que gozamos, sobre a constante, e firme base da Constituição Nacional, e não siguamos os desesperados vôos dos aeronautas da França. Do contrario passaremos (como diz hum dos nossos Poetas) por grandes variedades de cousas não experimentadas, as quaes, em todas as suas transmigrações, só serão depois purificadas por *fogo* e *sangue*.

OBSERVAÇÕES

Sobre o genio e caracter da revolução Franceza, e sobre a necessidade da guerra contra a Facção Usurpadora.

As minhas idéas, e os meus principios me conduzem a considerar a França, não como Estado, mas como huma Facção. A vasta extensão territorial deste Paiz, a sua immensa população, as suas riquezas naturaes, e industriaes, e os seus bens de Commercio, e de Convenção, todo o aggregado desta grande massa de cousas, que, nos casos ordinarios, constituem a força dos Estados, são para mim objectos de consideração secundaria. Elles tem sido muitas vezes balanceados pela Gram Bretanha, e sobejamente contrapezados. Ainda que sejão grandes aquelles meios de ataque, com tudo não fazem a Facção formidavel. O que a constitue tal, he o máo espirito que possue o Corpo da França; que informa a sua alma politica; que dá a estampa á sua ambição; que distingue os seus habitantes dos outros homens, e dos outros póvos. Aquelle espirito he o que lhe sopra huma nova, pernicioza, e destructiva actividade. Segura destruição está imminente sobre os infatuados Principes no conflicto, em que se achão, se se deixão illudir pelos Facciosos. Seguir a estrada batida, he ir direito ao precipicio.

A Facção não he local, ou territorial, he hum mal geral. Onde parece estar menos em acção, sempre está em vigor de vida. O seu espirito está na corrupção da nossa natureza. Ella existe em todos os paizes da Europa, e entre todas as ordens de homens de qualquer paiz, que olhão para a França como a *Cabeça commum*. O centro ahi está. A circunferencia abrange qualquer região onde exista Europeo. Em toda a parte a Facção he militante; na França he triumphante. A França he o Banco do depo-

sito, e o Banco da circulação de todos os perniciosos principios, que estão fermentando em cada Estado.

A verdadeira natureza da guerra jacobina foi, no tempo da declaração, bem sentida, reconhecida, e declarada pelos Principes Confederados de huma maneira a mais exacta. No Manifesto publicado juntamente pelo Imperador da Allemanha, e Rei da Prussia, estes Monarchas expressárão pelos mais claros termos os seus principios. Se tivessem sido bem seguidos, e executados, elles não deixarião de elevar a taes Soberanos a par dos primeiros bemfeitores do Genero Humano. Aquelle Manifesto foi (dizem) publicado para fazer certos á presente geração, como tambem á posteridade, os seus motivos, e intenções, e o seu desinteresse de quaesquer designios pessoaes; declarando, que tomárão as armas para o *fim unico de preservar a Ordem social, e politica* entre todas as Nações civilizadas, e assegurar a cada Estado a sua religião, felicidade, independencia, territorio, e legal constituição. Com este fundamento esperavão, que todos os Imperios, e Estados fossem unanimes na Confederação, e viessem a ser os firmes Guardas da felicidade do Genero Humano, unindo seus esforços para livrar a huma tão populosa Nação, como a França, da sua propria furia, e salvar a Europa do retorno ao barbarismo, e o Universo da anarchia, e subversão, com que estava ameaçado. Esta declaração foi tão generosa, e heroica, como era sabia, e politica a empreza da guerra, pela total renuncia de todos os projectos de engrandecimento. Por estes principios, e não por outros, desejava, que o nosso Soberano, e Paiz accedesse á Communidade da Europa. Assim pensei, que se faria a guerra entre os partidistas da antiga, civil, e moral ordem da Sociedade, contra huma seita de fanaticos, ambiciosos, e infieis, que aspiravão ao Imperio Universal, começando pela conquista da França.

Infelizmente os Confederados recusárão tomar o passo, que podia fazer o assalto logo no coração dos negocios. Parecião não querer ferir o inimigo em parte alguma vital. No todo obrárão, como se realmente desejassem a conservação do Governo Revolucionario. Só tiverão em vista pequenos objectos. Sempre estiverão na circumferencia; e quanto mais largo, e remoto era o circulo da Confederação, mais anciosamente o escolhêrão para esféra da acção nesta guerra centrifuga. Elles deixárão ao inimigo todos os meios de destruir a sua extensa linha de fraqueza. Neste plano, ainda com melhor fortuna, enfraquecendo-se sempre o vencedor, se punha longe de alcançar o seu objecto. Logo que houve alguma apparencia de felicidade, o espirito de engrandecimento, e consequentemente o espirito de mutuo ciume, se apoderou das Potencias Alliadas. Algumas procurárão augmento de territorio á custa da França; varias á custa de algum Alliado; e diversas á custa de terceiro Estado; e quando desandou a roda da fortuna, e sobrevierão desastres, julgárão, que o infortunio commum procedia dos vinculos da fé, e amizade. Foi só *em nome, guerra de alliança.* Não póde haver verdadeira companhia em sociedade de pilhagem. Não póde haver commum interesse, onde cada Socio não espera huma tal partilha, que lhes dê forte ardor para os ganhos respectivos. Desde que a guerra se considera meramente *guerra de proveito*, não vem mais a ser *guerra de alliança.*

Que equivalente poderião dar, ou esperar os Principes da Confederação fazendo paz separada? Que obteve com isso a Hespanha? Ah! Hespanha, já está fóra da questão: ella he agora provincia do Imperio jacobino: ella fará paz ou guerra, segundo a ordem dos assassinos francezes. Quanto ao effeito, e a substancia, a sua Coroa he *feudo dos regicidas* (*).

Ou devemos entregar a Europa com pés e mãos ligadas á França, ou devemos resgatalla do seu poder, mudando o plano da guerra. Se, em lugar de attacalla no cemiterio das Indias Occidentaes, desembarcassemos hum *exercito de cem mil homens* de Infanteria, Cavallaria, e Artelharia no proprio territorio da sua usurpaçã na Europa, a nossa gente, animada por principio, por enthusiasmo, e por vingança, achando cooperação proporcional d'Austria, teria feito prodigios para desconcertar o systema atheistico dos Revolucionarios da França, levando logo as nossas armas á *Capital da Injustiça.* Se fossemos desfeitos, tomando-se antes as precauções, seria segura a retirada. Ficando estacionarios, e só sustentando os Realistas, impenetravel barreira, e inexpugnavel baluarte se formaria entre o inimigo, e o seu poder naval. Então a guerra teria systema correspondente, e direcção certa. Porém por desgraça, as duas Corôas, Britannica, e Austriaca não mostrerão ter relação, e harmonia. O terror dos Cannibáes foi mais poderoso, que a influencia. Austria, e Hespanha, com tantos vinculos de sangue, apostatárão da causa commum, e tudo foi perdido. Guerras duvidosas sempre terminárão em pazes humilhantes.

Na Revolução da França, duas sortes de homens derão principalmente impulso, e caracter ás suas determinações, a saber, os que presumião de *philosophos, e politicos.* Elles tomarão diversas verédas, mas todas forão convergentes ao mesmo alvo. Os philosophos tiverão o predominante objecto (que proseguirão com a mais fanatica furia) da total extirpação da religião. A questão do Imperio lhes era subalterna. Elles antes quererião dominar em huma aldêa de atheos, do que ser os regedores do mundo christão. A sua ambição temporal era subordinada ao seu espirito de proselitismo, em que nem Mahomet os excedeo.

Os que mal tem feito superficiaes estudos na historia natural do espirito humano, considerão as opiniões religiosas como as unicas causas do zelo enthusiastico dos propagadores de qualquer seita. Não tem advertido, que não ha doutrina, que os homens queirão espalhar com ardor, que não tenha o mesmo effeito. *A natureza social do homem o impelle a propagar os seus principios com igual força, que os impulsos physicos o estimulão á propagar a sua especie.* O entendimento para designio, e systema, e as paixões dão zelo, e vehemencia. Todos os homens se movem sob a disciplina de suas opiniões.

A religião, sem duvida, he huma das causas mais poderosas do enthusiasmo. Quando alguma materia sobre este ponto vem a ser objecto de muita meditação, ella não póde ser indiffente ao espirito. Os que não amão a religião, tem-lhe odio. Os rebeldes á Deos tem perfeito odio ao Author

---

(*) Que espirito presago de Mr. Burke em 1795! Que diria hoje se vivo fosse, vendo a sua prophecia tão fatalmente completa?

do seu ser. Elles o aborrecem de todo o seu coração, de todo o seu espirito., de toda a sua alma, e com todas as suas forças. Deos não se lhes aprezenta aos seus pensamentos senão com ameaça, e terror. Elles não pódem tirar o Sol do Ceo, mas forcejão, quanto pódem, para fazer na terra fumaças, com que o obscureção, e apartem dos proprios olhos. Não tendo a possibilidade de se vingarem de Deos, deleitão-se em arrancar do coração dos homens sua imagem, ou ao menos em a offuscar, confundir, e desfigurar. Não se julgue do que farião os Atheos pelo que não fizerão em quanto não estavão incorporados, e com Chefe. Então não tinhão esperanças de dar hum universal curso ás suas opiniões, e erão levados na orbita geral da religião, e da sociedade, sem o sentirem. Mas logo que tiverão possibilidade de dominação, e de poderem propagar as suas impiedades sem resistencia, tirada a mascara da hypocrisia, e tendo mais a ganhar que perder na atrevida confissão de seus principios, então a natureza deste espirito infernal, que tem o mal por seu bem, appareceo em toda a perfeição. Então fallarão com todo o rancor, e malicia de suas linguas, e de seus corações, e ostentarão verdadeiro frenesí contra a religião, e contra todos os que a professavão. O seu atheismo foi fanatico, e homicida.

A outra sorte de homens que promoverão a Revolução Franceza, forão os *politicos*. Para os que tinhão meditado pouco sobre a religião, esta não lhes era objecto de amor, ou odio. Elles não crião em nenhuma, e isto era todo o seu fundo de saber. Sendo neutraes sobre esta parte, considerárão o aspecto dos negocios politicos pelo lado que melhor poderia corresponder á sua combinação. Logo virão, que nada podião obrar sem os philosophos; e estes assentarão, que a destruição da religião era o grande suppridor de tudo. O curso dos successos produzio entre os philosophos, e politicos renhidas contendas, mas todos concordárão no fundo dos objectos dos seus destinos, isto he, *irreligião*, e *ambição*.

Nesta estupenda obra não se deixou de empregar principio algum de acção, com que ao mesmo tempo se vigorasse, e corrompesse o espirito humano; mas o seu pensamento transcendente foi o *engrandecimento exterior do poder Francez*. Já antes de Revolução todo o systema Official da parte Diplomatica do Governo, desde os Ministros d'Estado até aos Amanuenses das Secretarias, cooperava para esse fim. Todos os intrigantes nas Côrtes Estrangeiras, todos os espiões assalariados, e todos os candidatos para empregos, obravão por este principio. Isto se patenteou sem a menor replica nos livros publicados da Correspondencia secreta de *Mr. Favier*, intitulados *Conjecturas Raciocinadas sobre a situação da França no systema politico da Europa*, cuja copia se achou no Gabinete de Luiz XVI., e que na França se proclamou ser *Novo Beneficio da Revolução*. Inextricavel cabala se tinha formado de pessoas das altas ordens, e das classes inferiores, que de dia a dia augmentou hum corpo de politicos, activo, aventureiro, ambicioso, e descontente, cujos membros desprezavão a Côrte, que os empregava, e as em que erão empregados. Aquelle bom Soberano veio a ser a victima da falsa politica de seu Antecessor, que foi a causa da negra, e tortuosa intriga, que preparou tamanha desgraça á Europa, pondo em movimento as paixões da Nação Franceza, a mais energica, e activa de todas as Nações, ainda antes da sua Revolução.

O Governo da França agora differe essencialmente de todos os Governos, que estão formados. Ainda que o seu designio seja immoral, impio, e oppressivo, he com tudo espirituoso, audaz, intolerante, e systematico: he simples no seu principio, e tem unidade, e coherencia. O systema de engrandecimento se desenvolve em todos os espiritos; as paixões violentas só disputaráõ nos meios. Pertenderáõ atacar a Inglaterra no seu elemento, isto he, no seu Commercio, e Marinha. Para obter isto, não lhes custa o menor momento de anciedade cortar hum inteiro ramo de seu proprio Commercio, extinguir huma manufactura, destruir a circulação da moeda, violar o credito publico, suspender o curso da agricultura, ainda queimar huma Cidade, e até devastar huma sua provincia inteira. A esta casta de gente, as necessidades, dezejos, liberdade, trabalho, industria, e sangue dos seus semelhantes, são nada. Cada cousa he referida ao *systema de força*. Tal systema de guerra he militar nos seus principios, nas suas maximas, e em todos os seus movimentos. O Estado tem a dominação, e conquista por unicos objectos da sua Politica; imperio sobre os espiritos pelo proselytismo, e imperio sobre os corpos pelas armas. Com immenso reservatorio de meios naturaes de fazer mal a França tem plena unidade na sua direcção. Assim destruio no Estado todo o recurso, que depende da opiniao, e boa vontade dos individuos. Na falta de moéda metallica, se fizerão *assignados*, e outras especies de falso *papel-moeda*. Estas imposturas expiráráõ, ficando sem menor credito, e valor, e nós nos rimos.

Mas que significa o fado destes bilhetes de loterias, e papeladas do despotismo? O despotismo logo achou outros meios despoticos de supprir o seu lugar. Elles achão sempre com seus *golpes de mão* as producções da natureza, que os outros povos são obrigados a adquirir pelo labyrintho do intrincado estudo, e da complexa industria da sociedade. Não se contentão com roubar o fructo do trabalho alheio, mas tambem dispoem á seu arbitrio da pessoa do trabalhador.

Nunca faltaráõ recursos a Conquistadores taes como *Gengiskam* e *Mahomet*, tendo unidade de designio, e perseverança. Os Regedores da França acharáõ os seus recursos nos crimes, e na tremenda energia, com que o Governo não respeita sorte alguma de propriedade. Quando o Estado tem a propriedade particular, e publica em completa sujeição, não ha mais regras para os espiritos de homens desesperados. Esta descoberta he horrivel, e vem a ser para malfeitores huma mina inexgotavel: elles tem tudo a ganhar, e nada a perder. *Tem huma herdade infinita em esperança*: não ha meio para elles entre a mais alta elevação, e a morte com infamia.

Ou o novo systema da França deve ser destruido, ou elle destruirá a Europa. He geral loucura, e perdição deixallo estabelecer no meio da Europa, e em hum posto, onde a França commandando a todos os outros Estados, eminentemente confronta, e ameaça a todos os Reinos, com a sua *central geographia*, e sua *fronteira de ferro*. (*).

(*) Expressão do celebre Frederico o Grande, Rei da Prussia, o qual dizia, que era vão esperar debellar a França, em quanto tivesse a *fronteira de ferro* de tantas linhas de Praças fortes.

Na França todás as cousas estão postas em hum universal fermento, e na decomposição da sociedade. Se nos não animarmos a arrostar a portentosa energia Gallica, que se não embaraça com as cousas de Deos, ou dos homens; que está sempre vigilante, e sempre em ataque, que não permitte a si mesma repouzo, e que não soffre, que pessoa alguma fique impune; se intentármos resistir a esta energia com pobres maximas vulgares, e lugares communs da Politica velha, sempre com medos, duvidas, suspeitas, com languida, e inerte hesitação, e meramente com espirito official, e carregado de formalidades, que abandona o proposito a cada obstaculo, e que não vê as difficuldades senão para ceder a ellas, até se precitar no profundo abysmo, só a Omnipotencia nos póde salvar.

Temos a combater com hum inimigo de viciosa, e destemperada actividade: a virtude he limitada nos seus recursos: somos obrigados a obrar dentro do circulo da nossa Moral. Como somos os principaes no perigo, devemos ser os principaes nos esforços. A Europa não póde ser salva sem a nossa intervenção.

PENSAMENTOS

Sobre a Proposta de Paz entre a Inglaterra e França, que Burke intitulou Paz Regicida *em 1796.*

OS desgraçados successos, que se tem seguido huns apoz d'outros, em longo e não interrompido trém funeral, movendo-se em procissão, que parece não ter fim, não são as principaes causas do nosso descorçoamento. Mais devemos temer o que nos ameaça no interior da Nação, do que os desastres exteriores, que se receão nos hajão de opprimir. A hum povo, que chegou a ser altivo e grande; e grande porque he altivo, a mudança no espirito nacional he a mais terrivel de todas as revoluções.

Já não viverei para ver o desenvolvimento da intrincada conspiração, que faz escuro, e perplexo o pavoroso drama, que agora se está representando no theatro moral do mundo. Estou no fim da minha carreira, e mal posso discorrer, e trabalhar. Em que parte da sua orbita a Nação actualmente se mova, não he facil conjecturar. Talvez tenha chegado ao seu *aphelion* (*).

Sem nos perdermos no infinito vacuo do mundo conjectural, pode-se dizer, que os nossos negocios irão a peior, ou melhor, conforme a sabedoria, ou fraqueza dos nossos planos.

Em todas as especulações sobre homens, e negocios humanos, he de

---

(*) Na Astronomia se chama *aphelion* o ponto mais remoto do Sol, a que chega a terra na sua orbita.

não pequeno momento distinguir as causas de accidente das suas causas constantes, e dos effeitos, que não podem ser alterados. Alguma irregularidade em os nossos movimentos não he total desvio da nossa carreira. Não sou do espirito desses especuladores, que parecem estar seguros, que necessariamente, e pela constituição das cousas, todos os Estados tem os mesmos periodos de infancia, adolescencia, e velhice, que se achão nos individuos, que os compõe. Parallelos desta sorte apenas fornecem semelhanças para illustrar, e ornar conjecturas, mas não para nos supprir com argumentos de solido raciocinio. Os objectos, que se tem tentado forçar por analogia, não se achão nas mesmas classes de existencia. Os individuos são entes physicos, sujeitos ás Leis universaes, e invariaveis. A immediata causa, que obra por estas Leis póde ser escura, mas os resultados geraes são objectos de calculo certo. As Nações porém não são entes physicos, mas essencias moraes. Ellas são combinações artificiaes; e, na sua proxima efficiente causa, vem a ser as arbitrarias producções do espirito humano. Não estamos ainda instruidos das Leis, que necessariamente influem na estabilidade deste genero de obra, feita por esta especie de agente. Não ha na Ordem physica huma causa, pela qual algumas destas fabricas hajão de necessariamente brotar, florecer, e decahir. Duvido se a historia do Genero Humano he, ou jámais foi, assás completa, para dar fundamentos a huma theoria segura sobre as causas internas, que necessariamente alterão a fortuna dos Estados. Estou longe de negar a operação destas causas; porém ellas são infinitamente mais incertas, e muito mais escuras, e difficeis de se investigarem, do que as causas externas, que tendem a levantar, deprimir, e ás vezes subverter a huma Nação.

He muitas vezes impossivel nestas investigações politicas achar alguma proporção entre a força apparente de algumas causas moraes, que possamos assignar, e a sua conhecida operação. Somos pois obrigados a attribuir a sua operação ao mero acaso, ou, fallando mais piedosamente (talvez mais racionavelmente) á intervenção, e irresistivel mão do *Grande Regente*, que dispõe de todas as causas. Temos visto Estados, que durárão por seculos quasi estacionarios, sem fluxo, nem refluxo de prosperidade. Alguns parecêrão exhaurir o seu vigor logo no seu começo. Varios brilhárão em gloria pouco antes da sua extincção. O meridiano de alguns tem sido o mais esplendido. Outros, em maior numero, tem fluctuado, e experimentado, em differentes periodos de sua existencia, grande variedade de fortuna. No mesmo momento, em que alguns parecião submergir-se em insondaveis abysmos de desgraça, tem de subito exaltado a cabeça sobre o pelago do infortunio, e principiando nova carreira, parecem abrir nova conta, e, ainda nas ultimas ruinas de seu paiz, tem posto os fundamentos de huma firme, e duravel grandeza. Tudo isto tem acontecido sem alguma apparente prévia mudança nas geraes circunstancias, que occasionárão a sua infelicidade. A morte de hum homem em conjunctura critica, seu desgosto, sua retirada, sua desgraça, tem feito sobrevir innumeraveis calamidades á sua Nação (*). A's vezes hum soldado razo tem de repente mudado a face da sua fortuna, e quasi da sua natureza.

(*) Ainda que a historia faça menção de grandes guerras, e até de ruinas de

Por estas causas algumas Monarchias de longa duração tem commummente experimentado este fado. Assim aconteceo á França. Poucas tem apparecido com maior gloria. Algumas vezes muito elevada, outras vezes abatida, teve sempre mais crescimento, que diminuição, e continuou não só a ser poderosa, mas formidavel, até a hora da sua total ruina. A queda desta Monarchia esteve mui longe de ser precedida por alguns symptomas exteriores de declinação. Mui pouco tempo antes da sua mortifera catastrophe havia hum genero de esplendor extrinseco na situação da Corôa, que de ordinario dá força á authoridade do Governo no interior da Nação. Elle parecia ter alcançado alguns dos mais esplendidos objectos de ambição dos Estados. Nenhuma das Potencias do Continente da Europa era inimiga da França. Todas ellas tacitamente se achavão dispostas em seu favor, ou publicamente se lhe tinhão confederado. A Nação Britannica, que era a sua preponderante rival, tinha sido por ella humilhada; e, quanto ás apparencias, se tinha enfraquecido; e certamente foi assás posta em perigo pelo grande córte, que soffreo, de huma parte do seu Imperio na America do Norte, a qual de dia em dia cada vez mais se augmentava em gente, e riqueza.

Deste auge de prosperidade, e grandeza humana a Monarchia da França cahio por terra sem resistencia. Ella cahio sem algum daquelles vicios do Monarcha, que têm sido ás vezes as causas das quédas dos Reinos. Elle apenas tinha leves nodoas no seu caracter. As faltas no Thesouro Publico forão só os pretextos, e instrumentos dos que maquinárão a ruina desta Monarchia, mas não as suas reaes causas. A França, privada de seu antigo Governo se mostrou aos especuladores vulgares mais objecto de dó, ou insulto, conforme a disposição das Potencias vizinhas, do que o flagéllo e terror de todas.

Porém do Sepulchro da assassinada Monarchia surgio hum vasto, tremendo, e informe Espectro, na mais terrivel fórma, que jámais tão pavorosamente assustou a imaginação, ou subjugou a fortaleza do homem. Avançando em linha recta ao seu fim, não amedrontado por qualquer perigo, não retido por algum remorso, desprezando todas as maximas ordinarias, e todos os meios communs, este horrendo Fantasma aterrou a todos, que não crião que elle fosse possivel, ou que jámais existisse. O veneno dos outros Estados he o alimento deste novo governo. *A bancarrota*, cujo receio foi huma das causas, que se assignou para a quéda da Monarchia,

---

Nações, que procedérão de causas insignificantes, com tudo não se póde contestar que ha causas regulares, e constantes, que minão a constituição dos Corpos politicos, e preparão a sua ruina, como no corpo humano, que tambem, por unanime reconhecimento dos Medicos, tem causas predisponentes de molestias, que de repente arrebentão em symptomas mortaes. A França estava nestas circunstancias: tres grandes causas se pódem assignar: I. corrupção da moral publica, pelos devassos escritos impios, e costumes sobremaneira licenciosos, que já não se olhavão ahi com a divida detestação, mas antes erão objecto de riso, e passatempo: II. a guerra em favor dos Anglo-Americanos, impolitica, deshumana, e dispendiosa, que occasionou atrazos no Redito, e Credito Publico: III. contagio de vagas idéas republicanas de enthusiastas vindos dos paizes transatlanticos.

veio a ser o *fundo capital*, com que ella abrio o seu trafico com o mundo.

O Governo dos regicidas, depois de aniquilar a Renda Publica, destuir manufacturas, arruinar o Commercio, deixar sem cultura os campos, despovoar ametade do paiz, descontentar, empobrecer, reduzir á escravidão, e esfaimar o povo, passando com rapida, excentrica, e incalculavel carreira, desde a mais salvagem anarchia até o despotismo o mais feroz, tem actualmente conquistado as mais bellas partes da Europa, e ao mesmo tempo aflicto, desunido, desconcertado, e feito em postas todo o resto da Europa; havendo de tal modo subjugado os espiritos dos Regedores de cada Nação, que já não descobrem presentemente outro recurso em si mesmos, mais do que o ficarem com titulos pela insultante mercê d'aquelle Monstro, ostentando a sua propria franqueza, e humilhação. A unica ambição destes consiste em serem admittidos á mais favorecida classe na *Ordem da escravidão á Potencia Dominante*. Parece que os Soberanos só são emulos em Hasta Publica, dando lanços á porfia contra a sua propria estima. Parecem ter reconhecido a preeminencia dos regicidas, e que de bom animo tacitamente descem abaixo da cathegoria dos seus assassinios sacrilegios, como se fossem os seus naturaes Magistrados, e Juizes. A dignidade agora só he a prerogativa do crime. He porém do interesse do Genero Humano, que *a destruição da Ordem civil não seja o titulo da Realeza, nem o crime a base da honra.*

Aquelle parece agora ser o modo de pensar do dia. No principio da Revolução, a força da França foi muito desprezada; agora he em extremo temida. Como huma coragem inconsiderada foi seguida de hum medo irracional, deve-se esperar, que, por meio de huma deliberação prudente, cheguemos á huma fortaleza solida. Quem sabe, se a indignação não succederá ao terror, e a reprodução de altos sentimentos, desvanecendo a illusão de huma segurança comprada á custa de gloria; não arrojará á desesperação generosa, que muitas vezes tem obstado á dissolução dos Imperios, a que antes se não achava remedio em conselhos sabios? Não devemos abandonar a Nação ao seu fado, ou proceder, e aconselhar, como se não tivesse remedio. Não ha razão de temer, que, por faltarem os meios ordinarios, não se possão apresentar outros, que sustentem o espirito publico, e a fortuna publica. Quando o coração está inteiro, acharemos, ou faremos taes meios. O coração do Cidadão he a perenne fonte da energia do Estado. Porque o pulso ás vezes parece intermittente em enfermidade perigosa, não se deve concluir, que terminará logo a vida. O Publico não se deve considerar incuravel.

No principio da que se chama a *guerra de sete annos*, succedendo alguns revezes, parecemos abandonar a nós mesmos, e até fazer directa confissão de nossa inferioridade á França; e quando já muitas pessoas estavão promptas a proceder na Carreira da Administração conforme ao senso desta inferioridade, poucos mezes bastárão para effeituar mudança nos espiritos; pois, dos gritos do descorçoamento especulativo, a Nação se elevou ao mais alto cume de vigor pratico. Jámais, como então, se manifestou com maior energia o espirito masculino de Inglaterra, nem o Genio Nacional voou com mais altiva preeminencia sobre a França,

Não desespero da fortuna publica, nem do espirito publico. Devemos caminhar por novas estradas: sem isso, não encontraremos o nosso inimigo na sua carreira extraviada. Não nos enganemos a nós mesmos. Estamos no principio de grandes desordens. Reconheço, que o actual estado dos negocios publicos he infinitamente menos esperançoso do que o mencionado, e que a salvação de todas as Potencias da Europa he mais intrincada, e critica, e acima de toda a comparação. Ha porém huma sabedoria animosa, como tambem ha huma falsa, e reptil prudencia, que he o resultado, não da cautela, mas do medo sob o pezo de infortunios. Então os nervos do entendimento são tão relaxados, e o perigo tão urgente, que absolutamente confunde todas as faculdades racionaes, e não deixa providenciar devidamente aos riscos futuros, nem justamente avaliallos, ou cabalmente vêllos. Como os olhos do espirito são deslumbrados, e amortecidos com abjecta desconfiança de nós mesmos, e extravagante admiração do inimigo, não se nos apresenta outra esperança senão a de hum compromisso com o seu orgulho, e inteira submisão á sua vontade. Submergimo-nos em o negro fundo do desmaio com toda a temeraria précipitação do terror. A natureza da coragem he (sem duvida) o familiarizar-se com o perigo; e, por seguro instincto, ainda em a palpavel noite dos seus terrores, os homens chamão a sua coragem a resistir-lhe. Os fracos procurão o refugio dos proprios medos nos mesmos medos, e considerão a cobardia, que contemporiza, como o unico recurso de segurança.

As regras da prudencia raras vezes podem ser exactas, e universaes. Não nego, que pequenos Estados devão fazer temporario compromisso com a Potencia, que tem os meios de fazer desapparecer a sua insignificante existencia; porém hum grande Estado, sendo muito invejado, e muito temido, não póde achar segurança na humilhação. Poder, eminencia, e consideração não são cousas que se peção por esmolla. Ellas devem ser imperiosamente sustentadas; e os que supplicão mercê de outros, não podem esperar justiça. A Justiça, que se póde obter da caridade do inimigo, depende do caracter deste, e o devem conhecer bem, os que confião nelle com fé implicita.

Temos vastos interesses a salvar, e grandes meios para os manter; porém devemos lembrar-nos, que tambem o artifice póde ser mui sobrecarregado com os proprios instrumentos, e que os nossos recursos nos podem servir de embaraços.

Quando a riqueza he o obediente e laborioso escravo da *virtude*, e da *honra publica*, então a riqueza está no seu lugar, e tem o seu devido uso; mas se esta ordem he mudada, e a honra he sacrificada á conservação das riquezas, as riquezas que não tem olhos, nem mãos, nem alguma cousa verdadeiramente vital em si mesmas, não podem muito sobreviver á existencia daquellas duas potencias vivificantes, que são os seus legitimos Senhores, e os seus poderosos protectores. Se temos imperio sobre a nossa riqueza, seremos ricos, e livres; se a nossa riqueza tem imperio sobre nós, seremos verdadeiramente pobres. Seremos comprados pelo inimigo com os thesouros dos nossos proprios cofres. Grande juizo do valor de hum interesse subordinado póde ser realmente a fonte do nosso real perigo, e igual-

mente a ruina certa dos interesses de huma ordem superior : muitas vezes os homens tem perdido todos esses interesses, por não quererem arriscar tudo por defendellos.

A ostentação de nossas riquezas diante de Ladrões não he o meio de restringir a sua ousadia, ou de minorar a sua rapacidade. Temos a tratar com hum inimigo, que não olha para a contenda como negocio de medir, e pezar bolsas. He o *Gallo*, que põe a espada na balança. Elle he mais tentado com a nossa riqueza, como despojo, do que amedrontado com ella, como poder. Onde a essencial força publica (de que o dinheiro faz parte) está em algum gráo ao pár na contenda entre as Nações, o Estado que se tem resolvido antes a arriscar a sua existencia, que abandonar os seus grandes objectos, tem infinita vantagem sobre o que está decidido á ceder, antes do que levar a sua resistencia além de certo ponto. Humanamente fallando, o povo que regula os seus esforços até os limites da propria existencia, deve dar a Lei á Nação, que não leva a sua opposição ávante da sua conveniencia.

Se não olharmos mais do que á nossa condição interior o estado da Nação está vigoroso, e ainda cheio; mas, se imaginarmos, que o nosso paiz póde por muito tempo manter o seu sangue, e alimento, separando-se da Communidade do Genero Humano, tal opinião não merece refutação, por absurda, não menos que insana. Tão improvidente, e estupido egoismo não *vale* a menor discussão. Nós não podemos na presente conjunctura fazer paz com o inimigo, sem abandonarmos os interesses do Genero Humano.

Se olharmos sómente para o nosso tenue peculio adquirido na guerra, sem duvida já obtivemos algumas pequenas vantagens, mas ambiguas em sua natureza, e a muito custo compradas. Não temos porém, ainda no mais leve gráo, diminuido a força do inimigo commum em alguns dos pontos, em que a sua particular força consiste; e ao mesmo tempo se levantárão contra nós novos inimigos, e alliados dos regicidas, por estranhá Confederação formada dos fragmentos da antecedente nossa geral Alliança. Quanto a nós, considerados como partes da Communidade da Europa, e interessados no seu fado, o estado das cousas não póde ser mais duvidoso, e perplexo.

Quando Luiz XIV. se fez Senhor das mais extensas, e importantes provincias da Hespanha, correo a Lombardia, bateo ás portas de Turim, e invadio os territorios d'Alemanha, o estado da Europa era verdadeiramente pavoroso. Então o grande recurso da Europa foi Inglaterra; não a Inglaterra destacada do resto do Mundo, e divertindo-se com a ostentação theatral de sua Marinha (que não póde ser de gloria, quando são precarias as fontes deste poder, e de toda a outra especie de poder) mas a Inglaterra incorporada á Europa, que sympathizava com a sua adversidade, e com a felicidade do Genero Humano, reconhecendo, que nada nos negocios humanos lhe he estrangeiro.

Devemos considerar como seguro axioma, que nenhuma Confederação póde existir contra a França, com effeito, ou duração, de que Inglaterra não só seja parte, mas tambem a cabeça; e nem Inglaterra póde perten-

der debellar a França, senão confederando-se com o *Corpo da Christandade*.

Em a nossa conta de guerra com a França, como *Guerra de Communhão*, no instante em que principiarmos a fazer acções, e insinuações de paz, vem a ser *guerra de desgraça*. As vantagens independentes, que temos obtido á custa da causa commum, se ellas nos enganão sobre os nossos mais importantes, e seguros interesses, devem-se contar entre as nossas maiores perdas.

Os Alliados da Gram-Bretanha tem sido miseravelmente illudidos, por hum grande erro fundamental, isto he, que está em nosso poder fazer paz com hum *Monstro*, cujos designios o fazem formidavel. Muitos Estadistas imaginão, que o cessar de resistir-lhe, he o certo expediente de segurar os Governos. Este pallido pensamento tem enfraquecido todas as suas emprezas, e desconcertado todas as suas tortuosas politicas. Não podérão, ou antes não quizerão, ver nas mais explicitas declarações do inimigo, e no seu uniforme procedimento, que maior segurança se póde achar na mais ardua guerra, do que na amizade desta casta de gente. A sua amizade hostil não póde ser alcançada em outros termos, que não involvão a impossibilidade de resistir-se depois a seus designios. Este grande prolifico erro foi a causa de fazer os nossos Alliados indifferentes na direcção da guerra. Os revezes, que o Estado dos assassinios soffrêrão, tem uniformemente occasionado novos esforços, com que não só repararão as suas perdas, mas tambem os prepararão a novas conquistas. Os revezes dos Alliados, pelo contrario, só forão seguidos por deserção, desmaio, desintelligencia, abandono da sua politica, desvio de principios, admiração do inimigo, mutuas accusações, e reciproca desconfiança da propria causa, e de seu poder, e valor.

Grandes difficuldades nos apertão de toda a parte em consequencia desta erronea politica. Longe de palliar o mal na sua representação, desejo para meu fundamento firmar a verdade, de que *nunca existio maior mal do que o que temos a combater*. No momento, em que se receia algum subito terror panico, póde ser prudente occultar por algum tempo algum grande desastre publico, e ir revelando-o por grãos, até que o espirito do povo tenha intervallo para resurgir, e o seu entendimento tenha descanço para se reanimar, e tambem para que mais firmes conselhos possão prevenir algum acto desesperado, estando-se debaixo das primeiras impressões de raiva, e terror. Mas a respeito do geral estado das cousas, que procedem dos successos, e causas já conhecidas em grosso, não ha piedade nessa especie de fraude, que encobre a verdadeira natureza de taes successos, e de suas causas; pois só resoluções erroneas podem resultar de representações falsas. As providencias, que nos desastres ordinarios são proveitosas, não são, nas grandes desgraças nacionaes, outra cousa senão entrar em farça com o mal. O peior phenomeno he vêr-se, que tudo he seguro, excepto o que as Leis tem feito sagrado; tudo he vilania, e languidez, onde não ha mais que furia, e facção.

He impossivel não observar que, á proporção que nos avizinhamos ás peçonhentas garras da anarchia, o encanto parece irresistivel. A' proporção que somos attrahidos para o frio o mais enregelado da irreligião, e immoralidade, logo todos os venenosos, e phosphoricos insectos do Esta-

do se levantão para ostentar a sua vida. Está em a natureza destas enfermidades eruptivas do Estado o apparecerem, e desapparecerem taes excrescencias; mas o fermento da molestia remanece, e não mitiga a sua malignidade; e só se espera por mais livre communicação com a fonte do regicidio, para desenvolver, e augmentar a sua força.

Estamos em guerra de particular natureza. Não se trata com huma Nação ordinaria, que he inimiga, ou amiga, que, segundo a paixão, ou o interesse, possa dictar as hostilidades; nem ainda com hum Estado, que faz guerra por extravagancia, e que a abandona depois de cançado. *Temos guerra com hum systema*, que, pela sua essencia, he inimigo de todos os Governos, e que faz guerra ou paz, conforme a guerra, ou a paz póde melhor contribuir á subversão dos mesmos Governos.

Temos guerra com Doutrina armada. Ella vem a ser, por sua natureza, huma facção de opinião, de interesse, de enthusiasmo, em todos os paizes. Para nós he como o Collosso de Rhodes, que aspira a cavalgar o nosso canal. Elle tem hum pé na praia do Continente, e outro no Solo Britanico. Nada póde tão completamente arruinar a qualquer dos antigos Governos, e o nosso em particular, do que o mostrarmos reconhecimento (claro ou implicito) de algum genero de superioridade deste novo poder.

Isto funda-se na inalteravel Constituição das cousas. Ninguem póde esperar cousas grandes, senão o que tem força de soffrer grandes perdas. Os que fazem seus ajustes logo no principio da desventura, põem o sêllo ás proprias calamidades. Huma sorte de coragem pertence ás Negociações dos Gabinetes, como ás operações do Campo. Hum Negociador Politico deve muitas vezes mostrar, que arrisca todo o exito do Tratado, se elle o deseja segurar em algum ponto principal.

Aos que não podem contemplar com prazer a quéda das grandezas humanas não conheço mais mortificante espectaculo, do que o verem a reunida Magestade das Testas Coroadas da Europa esperando, como criados na antecamara de regicidas, que, quando lhe apraza, abrão as portas aos seus altos, e poderosos Clientes, repartindo favores de etiquetas aos Plenipotenciarios da Real Impotencia, concedendo-lhes precedencias conforme a antiguidade de sua degradação, apresentando os murchos restos das graças da antiga Côrte com insultante, feroz, e sardonico rizo de hum sanguinario amotinador, que talvez ainda lhes esteja medindo com os olhos a estatura proporcionada para a guilhotina. Estes Embaixadores poderão voltar como bons Cortezãos, porém nunca tornarão com verdadeira affeição a seu Soberano, e á Constituição, Religião, e Legislação do seu paiz. Ha grande perigo, que elles entrem rindo-se nesta cova de Throphonio. Elles virão a ser os verdadeiros conductores do contagio a todos os paizes, que tiverem o infortunio de envia-llos á matriz de tal electricidade. Pelo menos, se farão indifferentes á huma Constituição, ou á outra, e não se poderão elevar ao nivel da verdadeira dignidade, e da casta estimação das proprias pessoas, contaminando-se pelo contacto, obsequio, e affabilidade com tanta gente nefaria.

Os regicidas forão os que primeiro nos declarárão a guerra. Nós agora somos os primeiros a solicitar a paz. Em proporção da humildade, e

perseverança, que mostrámos em as nossas propostas, cresceo a obstinação de sua arrogancia em rejeitallas. A paciencia do seu orgulho se cançou com a importunidade da nossa cortezia, e redobrou os insultos. Muitas vezes acontece, que por timbres dos Governos se rejeitão offerecimentos publicos do inimigo, quando aliàs o interesse bem entendido secretamente dicta a acceitação da vantagem. He o caracter da humanidade submetter-se á força das cousas. Ha consanguinidade entre benevolencia, e condescendencia em justos termos. São virtudes do mesmo fundo. A dignidade he de boa prosapia; mas pertence á familia da fortaleza. No espirito desta benevolencia procurámos obter paz do Directorio dos regicidas, para poupar as vidas de infelizes pessoas da primeira distincção, e que estando sob a protecção e no serviço da Gram-Bretanha, por desastres do mar forão lançados sobre a praia Franceza, mais barbara, e deshumana, do que o inclemente Oceano na mais cruel de todas as tempestades. Deo-se então a opportunidade de exprimir as miserias da guerra, quando a fortuna da guerra se declarou pelos regicidas.

Não digo que os procedimentos diplomaticos devão ser como os processos parlamentarios, ou judiciaes, exactamente conformes aos Arestos precedentes. Mas hum grande Estado deve sempre ter em vista as *antigas maximas*, principalmente onde he necessario mostrar toda a dignidade nacional, e aliàs concorrem tambem aos bons propositos as regras da prudencia; e sobre tudo quando as circunstancias do tempo requerem, que se resista ao espirito de innovação, que tende a humilhar as Potencias Soberanas.

A proposta da paz foi da parte da Gram Bretanha hum acto voluntario, procedido do desejo de accommodação, e da geral pacificação da Europa. A repulsa dos regicidas em não quererem tratar com a Gram Bretanha em Congresso das Potencias Alliadas, dá materia para a mais seria reflexão. Desunindo-se assim cada Estado huns dos outros, como a Côrsa ferida separando-se das companheiras, toda a Potencia he tratada conforme ao grão de seu merecimento, em qualidade de desertora da causa commum. Nesta Diplomacia de traição, os regicidas, achando a cada Soberano solitario, e desprotegido, vem a dar-lhe a Lei com a maior facilidade. Por tal systema, irremediavel desconfiança se disseminou entre os Conferados; e, para o futuro, toda a Alliança se faz impraticavel. Assim tratárão com a Prussia, Hespanha, Sardenha, Estados Ecclesiasticos, e outros; e estes Estados recusárão tratar de outro modo, apostatando da Gram Bretanha. Peiores que cegos, não virão, que, desviando-se da regularidade do systema, neste caso, e em todos os outros, elles adoptárão o mais terrivel plano para total destruição da propria independencia; não advertindo, que não poderião achar refugio senão ligando-se immovelmente á causa commum.

Os regicidas respondêrão cathegoricamente affectando sinceridade, e dizendo que „ o Acto Constitucional não lhes permittia consentir em alienação alguma dos paizes conquistados, que, conforme as Leis existentes, constituem o territorio da Republica; que sobre outros interesses politicos, e commerciaes, estarião promptos a receber as proposições que fossem justas, racionaveis, e compativeis com a dignidade da Republica. „

Nos Annaes do orgulho não existio jamais tão insultante declaração,

Ella he insultante nas palavras, nas maneiras, na substancia, e he, em cima disso, pavorosa. He huma amostra do que se póde esperar dos Senhores, que estamos preparando para o nosso humilhado paiz. A sua affectada candura consiste em directo Manifesto do seu Despotismo, e Ambição. Na sua unidade, e indivisibilidade da posse do que roubárão, e se apropriárão dos Estados de seus vizinhos, elles amalgamão, e submergem immensas, e ricas provincias, cheias de praças fortes, e de populosas, florentes, e opulentas Cidades. Tudo isso não he já materia de discussão diplomatica. E porque Lei? He a Lei das Nações? He alguma reconhecida publica Lei da Europa? Ha alguma prescripção de posse immemorial de sua parte? Não. He huma declaração feita *pendendo a lide*, e no meio de huma guerra, cujo principal objecto foi, na origem, a *defensão natural das Nações* contra huma Nação, que adoptou furiosos principios anarchicos, para destruição de todas, e desorganização da Ordem civil.

A estranha Lei dos anarchistas não foi feita para hum objecto trivial; nem para hum porto, ou para huma fortaleza; mas para hum grande reino, e para a religião, moral, leis, liberdade, vida, e fortuna de milhões de creaturas humanas, que, sem consentimento proprio, ou do seu legitimo Governo, sem ceremonia, e sem mais cumprimento, só por Actos arbitrarios de hum Governo, á que humicidas, e regicidas chamão Lei, são incorporadas na sua tyrannia. Elles com hum feixe de Leis, e Legisladores de seu molde dissipárão todas as Constituições, e Leis reconhecidas, e até não escrupulizárão em profanar os *fundamentaes sagrados direitos do homem*, reduzindo a nada, e com ignominia, o Santo Codigo da Lei da Natureza, pertendendo, que só a sua forjada Lei despotica, e revolucionaria seja invulneravel, impreterivel, e immortal. Arrogando-se o Magisterio, e o Senhorio de todas as cousas divinas, e humanas, só na sua omnipotente legislatura se achão sem o poder de fazer paz compativel com a tranquillidade, e honra de seus vizinhos. Só são poderosos em usurpar, mas impotentes em restituir. Pela sua potencia, e impotencia igualmente se engrandecem, enfraquecendo, e empobrecendo todas as outras Nações.

Con razão pois o Governo Britannico respondeo, que, em quanto persistissem estas disposições no Governo Francez, nada restava ao Rei, senão proseguir em huma guerra igualmente justa, e necessaria.

Depois desta resposta, os Regicidas devastárão toda a Europa, e *até Portugal se curvou ao seu jugo*. Toda a demonstração de implacavel rancor, redobrada animosidade, e indomito orgulho, forão os unicos estimulos, que recebemos das nossas supplicas. Quando a guerra se fez dez vezes mais necessaria, a nossa resolução de proseguir nella se amolgou com o calor da estação.

Se a humilhação he o elemento, em que devemos viver, confesso, que não me enamoro da idéa de expor as nossas chagas lazaras á porta de cada soberbão servidor da França. O caliz d'amargura não tem ainda sido bebido a tão grandes tragos, como em se propor paz á França. Procurámos Mediador em hum Ministro de Dinamarca, em cuja pessoa a dignidade Real tinha sido insultada, e envilecida a Séde do orgulho plebeo, com o atrevimento o mais insolente de levantados proclamadores, e missiona-

tios de geral Rebellião. Experimentámos outra repulsa, com a sua ordinaria invectiva contra o Ministro Inglez, arguindo-o da proverbial *perfidia punica*, eaffirmando-se, que não podia ser de boa fé o desejo de paz da parte do Governo Britannico; visto que esta lhe arrancaria a sua Preponderancia Maritima, restabeleceria a Liberdade dos Mares, e daria novo impulso ás Marinhas de França, Hespanha, e Hollanda, e elevaria ao mais alto grão de prosperidade a industria, e o Commercio destas Nações, em que aliàs sempre Inglaterra tinha encontrado rivaes, considerando-as como inimigas do seu Commercio. Accrescentavão o insulto dizendo „ He preciso, que o Governo Britannico abjure o injusto odio que nos tem, e que a final abra os ouvidos á voz da humanidade. „

Jámais em Diplomacia appareceo papel tão incendiario, como Preliminar de negociação de paz. Poucas declarações de guerra tem manifestado mais atroz malevolencia. Omitto a afronta dessa rhapsodia. Não fallo mais de dignidade nacional: o timbre Inglez está a expirar. Só farei observações politicas sobre este negocio baixo, com que os algozes regicidas quizerão lançar o baraço á garganta da Gram Bretanha.

A idéa de Negociação de paz suppõe sempre alguma confiança na fé das propostas do Negociador: deve-se-lhe dar credito nesse tempo, e acto. Aliàs os homens recalcitrão com triplicada força contra o estimulo, que os fere. Suppor traição por base do trato de paz, he excluir toda a esperança, e seguridade da transacção amigavel. Isto he o mais fatal agoiro de eterna hostilidade. Insistir em novas propostas, quando o inimigo attribue perfidia até nas Credenciaes, he dar fraqueza aos plenos poderes concedidos ao caracter do Embaixador.

A França requer, que se ouça a voz da humanidade. He extraordinaria demanda: he pôr-nos cêra nos ouvidos, como o astuto Ulysses ordenou a seus marinheiros contra as Sereias do Oceano. Que terno, affinado, e affectuoso canto he este da *douce humanité* (doce humanidade) do Chôro dos confiscadores, e assassinos, que estabelecêrão hum systema destructivo de toda a ordem publica, e o mantiverão por meio de proscripções, exterminios, sacrilegios, matadouros, e huma rebellião, que se não póde recordar sem horror, e pavor, pelo execravel parricidio do mais justo, e benefico Soberano da propria Nação, e de huma illustre Princeza, que com immovel animo tinha participado dos mesmos infortunios, e soffrimentos de seu Real Consorte; que abertamente confessárão o proposito de subverter todas as instituições da Sociedade, e porfião em espraiar sobre todas as Nações a mesma confusão, que produzio a miseria da França!

Com toda a justiça pois o Governo Britannico pela ainda restante energia do Governo proclamou á Europa, que, não podendo existir o presente estado das cousas, sem arrastar a hum perigo commum todas as Potencias circumvizinhas, a justa prevenção de tal desastre lhe dava o direito, e impunha o dever, de fazer parar o progresso deste mal, que existia sómente pela successiva violação de toda a Lei, e de toda a Propriedade, e que atacava os fundamentaes principios, pelos quaes o Genero Humano he unido em os laços da Sociedade Civil. Com toda a razão o Ministerio Inglez declarou á face do Mundo, que Sua Magestade Britannica nada dese-

java mais sinceramente do que terminar huma guerra, que em vão se esforçou evitar, e que todas as calamidades, que se tem seguido, se devião unicamente attribuir á ambição, perfidia, e violencia daquelles, cujos crimes involvêrão o seu paiz em miseria, e descompozerão todas as Nações civilizadas.

Esta Declaração fez valer os sentimentos da *verdadeira humanidade.* Taes sentimentos não se podem extrahir da Cirurgia da morte, em que he eminente a Diplomacia regicida, nem as ulceras, que ella fez arrebentar com seus cauterios, se podem adoçar por cataplasmas emollientes dos seus roubos, e confiscos, que constituem a quinta essencia dos amores, e curativos republicanos.

Por estranhas revoluções, que tem sobrevindo pelo modo de pensar dos homens, tem-se suggerido, que, por bons termos de huma capitulação, se póde ceder em hum tempo, para depois fazer-se em melhores dias reviver o espirito nacional com duplicado ardor. He ás vezes necessario *recuar para melhor saltar* conforme o adagio francez.

Porém forçar á dieta a hum doente até o ultimo grão de fraqueza, e langôr, he mais de hum Medico empirico, e charlatão, que de hum Medico racional. Essa não he a melhor disciplina para formar homens destinados á lutta heroica, delicado senso de honra, e vivo resentimento das injurias (*). Longo habito de humilhação não he bom preparatorio para se conservar varonil, e vigoroso sentimento; e muito menos quando se ensina a considerar o poder do inimigo como irresistivel, e o povo de Inglaterra se agrada das mercês de hum systematico inimigo estrangeiro, combinado com perigosa facção no interior do Estado, sem pôr o fundo de sua segurança no proprio patriotismo, e valor.

He absurdo confiar a garantía do Imperio Britannico da compaixão dos regicidas; empenhar a sua religião á impiedade de athêos; implorar a clemencia de calejados assassinios; e entregar a sua propriedade á salva-guarda de ladrões por inclinação, por interesse, por habito, e por systema. Se o nosso animo assim está deliberado, verdadeiramente merecemos perder o que, com tal abatimento, he impossivel conservar, o *Nome de Nação.*

Não póde haver unanime zêlo na causa da salvação geral, e resistencia ao inimigo commum, onde se tem de combater no interior do Paiz com huma continua desdita, repugnancia, e trapaça.

França, a Mãi de monstros, e mais prolifica em prodigios monstruosos que o antigo fabuloso paiz chamado *Ferax Monstrorum*, manifesta já os symptomas de estar exhaurida em todo o genero de maldades, se a paz não renova a sua infernal fertilidade. Para que por nossa leveza (não por nossa depravação) lhe deixaremos recrutar os seus brutaes restos de vida monstruosa, que ainda não estão destruidos? Os homens bons não suspeitão, que haja gente atraiçoada, que attente á ruina da Nação por meio das virtudes da mesma Nação. Os turbulentos não escrupulizão em abalar a tranquillidade do seu paiz até o centro, levantando continuo clamor de paz com a França, assemelhando-se ás importunas gallinhas de Guiné, que gritão

---

(*) Ut lethargicus hic, cum fit pugil, et medicum urget — Horat.

em huma só aspera e continua altisona até nóta, dia e noite. O seu mote he *paz com os regicidas*, pensando que vem a ser paz com todo o mundo.

Os Jacobinos são mui habilidosos: nas convulsões politicas, as paixões fortes exaltão as faculdades: elles gritão por paz, porque, conseguido este ponto, estão certos, que o resto virá por si mesmo. Como póde ser bom, e fundado em a natureza, que os homens se rejão pelos conselhos de seus inimigos? Não se deve antes tremer, quando se quer persuadir, que se deve viajar pela mesma estrada, e pousar no mesmo lugar, que elles dictão?

Em 1739 o Governo Inglez foi forçado pelo povo, e pelos politicos, e até pelos poetas do tempo, a declarar guerra á Hespanha: e póde-se dizer, que então essa guerra foi *guerra de roubo*. No presente conflicto com regicidas, he forçado por gritos vulgares a fazer huma paz dez vezes mais ruinosa que a mais desastrada guerra, e quando aliás ha todos os motivos de appellar para a nossa Magnanimidade, e Razão. Os Ministros, que cederem por fraqueza, devem ser condemnados pela Historia. Então a contenda era sobre *Guardas-costas*, e a *Convenção de Madrid*. Agora trata-se da nossa existencia politica, e da causa da civilização, em que se precisa de espirito forte, e perseverante, o qual só he capaz de supportar as vicissitudes da fortuna, e os encargos de huma longa guerra: digo emphaticamente *longa guerra*; pois, sem tal guerra, nenhuma experiencia historica nos diz, que huma Potencia perigosa podesse ser reduzida á razão, e justa medida de poder. Não he preciso subir á antiguidade, e trazer á memoria a guerra do Poloponeso de 27 annos; nem as duas guerras Punicas, a primeira de 24, e a segunda de 18 annos; nem a mais recente dos tempos modernos concluida pelo Tratado de Westphalia, que continuou por 30 annos. Só fallo da que toca mais immediatamente ao nosso paiz desde 1689 até 1713; nesse intervallo quasi que não houverão 5 annos de paz.

Neste periodo, nas pazes de *Ryswich*, *Gertrudemberg*, e *Utrecht*, sempre as proposições de accommodação vierão da parte do inimigo. Em taes guerras a Revolução do povo fez sempre a sua força. Então os nossos recursos erão incomparavelmente menores que hoje. Não tinhamos exercito consideravel. As nossas Finanças achavão-se, se he possivel, em peior estado. O nosso credito publico, na verdade já então grande, ambiguo na opinião de muitos, que nos prognosticavão muitas vezes que elle sería a causa da nossa ruina (o qual todavia já por hum seculo tem sido o constante companheiro, e, ás vezes, o meio da nossa prosperidade, e grandeza) teve a sua origem, por assim dizer, na pobreza, e quasi na bancarrota.

Presentemente, Capitalistas offerecêrão, á porfia, adiantar ao Governo o fundo de 18 milhões esterlinos, á juro moderado. Mas naquelle tempo, ao Ministro *Montagu*, o pai do nosso Credito Publico, para alcançar incomparavelmente menores sommas, afiançando elle o Estado, em companhia do Lord Mayor de Londres, foi necessario andar, como o Mordomo do Hospital, solicitando, com o chapéo na mão, de loja em loja, o emprestimo de cem libras, e ainda de menos, a interesse de doze por cento. Até o *Papel do Banco* (hoje ao pár do dinheiro corrente, e geral-

mente preferido á elle) soffria o desconto de vinte pôr cento. Por isto só, bem se póde julgar sobre a fraqueza dos nossos meios de guerra naquella epocha. As nossas exportações, que ora sobem além de 46 milhões esterlinos, não montavão então a dez. Quanto ao credito particular, não havia nesse tempo em Londres 12 Bancos de Capitalistas; mas *estas machinas de credito nacional* são vistas agora em quasi todas as cidades e mercados; o que demonstra o assombroso augmento da confiança particular, da geral circulação, da concurrencia interna, e o proporcional accrescimo do Commercio estrangeiro. Não obstante as expostas desvantagens do Estado ha hum seculo, nunca o Espirito Nacional desmaiou com a fortuna adversa; e resistindo ás imperiosas propostas do inimigo, veio a concluir paz honrosa. A Politica, destreza, e perseverança do Rei, fizerão consolidar a independencia, e gloria da Nação: elle propoz ao Parlamento o conservar á Gram Bretenha a preponderancia, e influencia, que gozava nos Conselhos, e Negocios estrangeiros, para que visse a Europa, que os *Inglezes não faltarião a si proprios.*

O Equilibrio dos Estados da Europa então se fixou com hum grão, antes desconhecido, de coherencia, firmeza, e fidelidade. O Architecto desta immensa e complicada machina morreo logo depois de a fabricar. A obra foi formada sobre os verdadeiros principios da *Mechanica Politica*: ella continuou em movimento pelo impulso recebido do primeiro Motor, que bem mostrou ser a *Nação Britannica* hum *Povo Grande.* Elle apontou como, e porque meios, devia ser exaltado sobre o seu nivel, e proseguir no ascendente, que já tinha tomado na ordem dos Estados independentes.

Nesta guerra, continuada 14 annos contra Luiz XIV., o Governo não poupou trabalho algum para satisfazer á Nação; a qual, ainda que animada com desejo de gloria, todavia não tinha a gloria por seu ultimo objecto, mas sim o que lhe era mais caro, isto he, a sua *religião*, *lei*, *liberdade*, e tudo o que está no coração dos Inglezes como homens livres, e como Cidadãos da grande *Republica da Christandade*, sempre circunspectos, e animosos para prevenirem perigos, e proverem ao futuro. Isto era conhecer a verdadeira arte de ganhar os affectos do povo, isto era entender a natureza humana.

As paixões das ordens inferiores são famintas, e impacientes; só aspirão á guerra mercenaria. O calculo do proveito em taes guerras he falso. Balanceando-se as contas de taes guerras, mostra-se, que mil caixas de açucar são compradas a preço dez vezes maior do que ellas valem. O sangue do homem não deve ser derramado senão para remir o sangue injustamente desparzido. Convem que só o dêmos por nosso Deos, nosso Paiz, nossa familia, nossos amigos, nossa Especie: só isto he virtude; tudo o mais he crime.

Guerra para prevenir que assassinios de Luiz XVI. nos imponhão a sua irreligião, he guerra justa. Guerra para prevenir a operação de hum systema, que faz a vida sem dignidade, e a morte sem esperança, he guerra justa. Guerra para preservar a independencia politica, e a liberdade civil das Nações, he justa guerra. Guerra para defender propriedade, vida, honra, da certa e universal carnificina, a que Francezes condemnão o mun-

do, he guerra justa, necessaria, piedosa, varonil, e somos obrigados a persistir nella por todo o principio divino, e humano; pois que se trata da existencia de todos contemporaneos, e vindouros.

A França he a unica Potencia da Europa, pela qual he possivel que sejamos conquistados. Viver em continuo medo de tal mal (que he sem medida) he a mais tormentosa calamidade. Viver sem medo, he convèrter o perigo em desastre. A influencia da França he igual á guerra; e o seu exemplo he mais devastador, que huma irrupção hostil. Ella está em essencial, e habitual hostilidade comnosco, e com todo o Povo civilizado.

Governo de huma natureza tal como existe na França, não foi jámais visto, ou imaginado na Europa. He cousa mui séria ter connexão com hum povo, que só vive de instituições positivas, arbitrarias, mudaveis, e não sostidas, nem explanadas por alguma reconhecida regra da sciencia moral. Elle destruio os elementos, e principios da Lei das Nações, que he o grande ligamento do Genero Humano. Com ella destruírão todos os Seminarios, em que se ensinava a Jurisprudencia, e igualmente todas as Corporações estabelecidas para a sua conservação. Elles tem posto fóra da Lei a si mesmos, e tem igualmente proscripto do fôro das Leis Naturaes a todas as Nações.

Jacobinismo he *rebellião dos talentos ousados, emprehendedores de hum paiz contra toda a Propriedade.* Quando os homens fazem revoluções para destruir todas as antecedentes leis, e instituições do seu paiz; quando elles segurão para si hum exercito, dividindo entre o povo, que não tem propriedade, as herdades de seus antigos, e legitimos preprietarios; quando o Estado reconhece, e ratifica taes actos; quando o Governo não faz confiscos para os crimes, mas os crimes para confiscos; quando os seus principaes recursos são *offensas da propriedade*, e *assassinatos de todos*, que resistem, e combatem pelo seu antigo legal governo, e suas legaes, heriditarias, e adquiridas possessões, eu chamo isto *Jacobinismo por estabelecimento.*

Os que estabelecêrão tal lei viciárão, e inflammárão a imaginação, e pervertêrão o senso moral dos homens, e levárão o delirio a ponto de fazer vir aos seus Tribunaes a alguns scelerados, que se dizião Pais, a pedirem o assassinato de seus filhos, jactando-se de que Roma téve hum Bruto, o qual poz á morte ao proprio filho, mas que os Francezes poderião mostrar centenares de Brutos. Foi igual, e reciproca a maldade dos filhos contra os pais. O fundamento de tal Estado foi estabelecido em paradoxos; o seu patrimonio he prodigio. Todos os exemplos, que se achão na historia, reaes, ou fabulosos, de duvidoso espirito publico, em que a moralidade fica perplexa, a razão se assombra, e a natureza estremece, são os seus escolhidos, e quasi os unicos modelos para instrucção da mocidade.

Todo o trem das instituições dos Francezes he contrario aos dos mais Sabios Legisladores de todos os paizes, que destinárão a perfeiçoar os instinctos, para constituir a moral pura, e enxertar as virtudes sobre o tronco das affeições naturaes. Elles não omittírão trabalho algum para extirpar todas as benevolas, e nobres propensões do espirito dos homens. Elles pensão, que he indigno do nome de virtude publica tudo o que não indica violencia nos particulares. As suas novas Leis cortão pela raiz a nossa natureza social.

Todos os Legisladores, conhecendo ser o casamento a origem de todas as relações, e em consequencia o elemento de todos os deveres, esforçárão-se, por todos os meios, em fazello sagrado. A Religião Christã, limitando o matrimonio aos pares, e constituindo-o indissoluvel, tem, só por isso, feito mais para a paz, felicidade, firmeza dos Estados, e civilização do mundo, do que talvez por todos os outros preceitos da Sabedoria Divina. Porém a Synagoga do anti-Christo da França tomou o curso contrario; e forjou na manufactura de todo o mal, a *Assemblea Constituinte* de 1789, a obra (por assim dizer) de profanar, e deshonrar o estado do matrimonio, (que todos os Legisladores tem constituido sancto, e honorifico) fazendo a mais estranha declaração, de não ser o casamento senão hum contrato civil, e hum trafico commum; permittindo ás filhas-familias as uniões mais licenciosas, e ás mulheres casadas o divorcio arbitrario, sob pretexto de libertallas da tyrannia dos pais, e maridos. Por taes infames actos, de tão horriveis consequencias, pôz-se o sexo feminino fóra da tutela, e protecção do sexo masculino, com evidente transgressão da ordem da natureza.

A pratica do divorcio, ainda que permittida em alguns paizes, foi sempre mal vista, e desacreditada em todos. Felizmente hoje em as Nações civilizadas o divorcio não he frequente artigo de registo publico. Mas na França não só he artigo regular, mas até já se acha posto em honra. Em Inglaterra, por Exame decretado pelo Parlamento, mostrou-se, que, em cem annos, apenas se contão cincoenta divorcios (que aliàs são mais *separações de thoro*, do que absolutas dissoluções dos vinculos do matrimonio.) Em París, só em tres mezes, em 1793 houverão 562 divorcios.

A esta pratica se accrescentou a do *cannibalismo*, com que os Jacobinos até bebião o sangue das victimas da sua ferocidade, e commettião os mais atrozes, infames, e nunca ouvidos actos de obscena salvajaria sobre os cadaveres. A muitas victimas não concedêrão ao menos o gozarem das ultimas consolações do Genero Humano, e dos direitos da sepultura, que indicão a esperança da vida eterna, e com que a natureza ensina em todos os paizes a allivar as afflicções, e soffrer, com resignação á Providencia, as enfermidades da nossa sorte mortal. Procurando persuadir ao povo, que os homens não são melhores que as bestas; todo o corpo de suas instituições tende a fazellos tigres furiosos. Para esse fim forão disciplinados a ostentar huma ferocidade sem parallelo (*).

A certa, e tremenda operação destes perigosos, e seductores principios, e exemplos, nos obriga a recorrer aos verdadeiros Canones Sociaes. Não obramos com sabedoria, quando nos fiamos nos interesses dos homens, como unicos e seguros penhores dos seus negocios. Os interesses muitas vezes quebrantão as justas convenções, e as paixões pizão frequentemente quaesquer interesses, e convenções. Entregarmo-nos inteiramente a huma, e outra cousa, he não conhecer o Genero Humano.

(*) Ainda peior de tudo, ostentavão a mais feroz alegria no meio de suas matanças, e horribilidades divertindo se em theatros, e até fazendo ao mesmo tempo pantomimas nas praças das execuções para tornar mais crueis, sensiveis, e dolorosas as angustias das victimas da guilhotina.

Os Homens não se ligão huns aos outros por papeis, e sellos. Elles são insensivelmente conduzidos a se associarem por semelhanças, conformidades, e sympathias. As Nações obrão como os individuos. Não ha tão forte vinculo de amizade entre Nação, e Nação, como o da correspondencia em leis, costumes, maneiras, e habitos de vida. Estas causas tem mais força, do que quantos Tratados haja. São obrigações escritas no coração. Ellas aproximão o homem ao homem, sem hum conhecer a outro, e sem terem a intenção de se unirem. O secreto, invisivel, mas firme laço do trato habitual os tem em harmonia, ainda que a sua perversa, e litigiosa natureza os incite a contender, esgrimir, e guerrear sobre os termos das obrigações escritas.

Quanto á guerra, ella he o unico meio de sustentar a justiça entre as Nações contra a injuria, e violencia reciproca. Nada póde banilla do mundo. Os que dizem o contrario, mentem a si, e aos outros. He hum dos maiores objectos da sabedoria humana mitigar os males, que ella não tem a potencia de remover. A conformidade, ou a analogia da religião, leis, e maneiràs, de que tenho fallado, ainda que seja impotente para preservar perfeita confiança, e tranquillidade entre os homens, tem com tudo a tendencia mui forte de facilitar a accommodação, e produzir geral esquecimento do rancor em seus queixumes. Pela diversidade de leis, religião, e maneiras, muitas Nações, que estão apparentemente em paz, estão na realidade mais separadas humas das outras, do que as Nações da Europa, ainda no curso das mais longas, e sanguinosas guerras. A causa disso se deve procurar na semelhança de religião, leis, e maneiras. Os Escritores da Lei das Nações tem por essa razão chamado *Republica da Europa* o aggregado de taes Nações. Ella he virtualmente hum *Grande Estado*, que tem a mesma base da legislação geral, só com leve diversidade de costumes provinciaes, e Estabelecimentos locaes.

As Nações da Europa tem a mesma Religião Christã, concorde nas partes fundamentaes, variando pouco em ceremonias, e doutrinas subordinadas. (*) Desta fonte emanou hum systema de maneiras, e educação, que as constituia quasi semelhantes nesta porção do Globo, e que sostinha, unia, e reunia as diversas côres de toda a população. Pouca differença ahi havia na fórma das Universidades para ensino da mocidade, e tambem quanto ás Faculdades Sciencias, e mais generos de erudição liberal. Por isso, sahindo qualquer pessoa da sua Nação, não se podia chamar inteiramente hum estrangeiro, e desterrado. Só se encontrava huma aprazivel variedade, para recrear, e instruir o espirito, enriquecer a phantasia, e melhorar o coração. O viajante sensato não parecia sentir-se fóra de seu paiz.

Mas o systema da Revolução Franceza veio perturbar toda esta harmonia, e conformidade. Nem se póde assignar outra razão, senão esta para os Francezes alterarem todas as idéas, nomes, usos, leis, e religião do mundo civilizado. Com estudada violencia tiverão em designio pôr-se em apostasia da Humanidade, e fizerão scisma com o Universo; e a quebra

(*) Todavia a Religião Catholica tem artigos dogmaticos essenciaes, que differem dos de alguns ramos heterodoxos do Christianismo.

da união foi tão completa, que *impossibilitárão o commercio social*, tendo-o corrupto, e destruido no seu principio. Assim fizerão por attrahir a todo o Genero Humano ao seu systema, e o forçárão a viver em perpetua inimizade com o Estado o mais poderoso, que jámais se vio. Póde-se imaginar que, offerecendo elles ao Genero Humano esta desesperada alternativa, não tenhão sempre hum espirito hostil, contra todos os povos, e governos, estando com tantos meios de força para offender sem responsabilidade?

Ha leis civis, que não são totalmente positivas, mas simples conclusões da *razão natural*, e pertencentes á *Universal Equidade*, as quaes por isso são applicaveis em todas as partes. Tal he a *Lei da Vizinhança*, que não deixa a cada individuo mostrar-se inteiramente o absoluto Senhor do seu proprio terreno. Quando hum vizinho vê fazer á sua porta huma nova obra, que seja de natureza prejudicial, tem direito de representar ao Juiz o seu gravame, e justo receio de damno, e este tem o direito *de embargar a obra*, para não se continuar, e ainda para se demolir depois de já feita, mostrando-se o mal, ou o imminente perigo de sua existencia. Ninguem póde fazer *innovação a risco do vizinho*. Toda a doutrina da lei civil sobre a *denunciação da nova obra* (*) he fundada nesta justa razão, que *não he licito a huma pessoa fazer uso da liberdade natural* para fazer obra em sua propriedade, donde com razão se possa recear detrimento, e prejuizo grave do vizinho. A denuncia então he *prospectiva*, e olha ainda para o damno futuro, e anticipa por prudencia a *prevenção do mal, ainda não feito*. Este direito he igualmente favoravel a ambos os vizinhos. Por elle se acautela, e remove, em tempo opportuno, hum damno, que, depois de feito, talvez seja irreparavel, ainda que aliàs o não seja destinado pelo architecto da *nova obra*.

As regras da equidade, e a urgencia do caso justificão o remedio. A's vezes a prevenção do mal precisa de celeridade, e a dilação he perigosa. Os vizinhos se presumem saber os factos dos seus vizinhos, como se diz em huma regra de Direito Civil. São pois todos mui interessados, que huns não abusem das suas faculdades com injuria alheia, e com perigo da existencia dos outros.

Este principio he ainda mais verdadeiro a respeito das Nações. O Direito pois da *Grande Vizinhança da Europa* concede a cada Estado hum dever, e hum claro titulo de prevenir qualquer capital innovação em outro Estado, que possa equivaler á formação de *obra nova prejudicial* á tranquillidade, e independencia dos mais circumvizinhos. Aquella regra justifica a Declaração cathegorica do Governo Britannico de 26 de Outubro de 1793, que o estado de cousas, que existe na França não póde continuar, sem involver todas as Potencias da Europa em commum perigo, e sem lhes dar o direito, e impôr o dever, de fazer parar o progresso de hum mal, que ataca os principios fundamentaes, pelos quaes o Genero Humano he unido em sociedade civil.

O que em sociedade civil he *fundamento de lide*, na sociedade politica

(*) Vejão-se as Leis do Digesto de *Novi operis nunciatione*, e de *Damno infecto*.

he *fundamento de guerra.* Quando todas as combinações de atrozes factos de vizinho injusto, e innovador de más obras, tirão toda a esperança de cessar elle de tal novidade, e violencia começada, as regras da prudencia não restringem, mas ordenão a guerra.

A obra Franceza não he huma má obra velha, cuberta com prescripção; he nova demolição, e decomposição de todo o Edificio da sociedade civil, e infame architectura de covil de ladrões, assassinos, e atheos: obras de rapina, matança, e impiedade, longe de serem titulos a cousa alguma, são por isso só publicas declarações de guerra ao Genero Humano.

Esta guerra porém não he feita á França, mas á cafila dos salteadores, que exterminarão de suas casas os respectivos proprietarios; pois as *Nacões* são *Essenciaes moraes*, e não *Superficies geograficas.*

Supponha-se, (o que Deos não permittá) que o nosso amado Soberano fosse sacrilegamente morto; a sua exemplar Rainha, a Cabeça das matronas da Terra, tivesse o mesmo fado; as suas Princezas, que pela sua belleza, e modesta elegancia, são as flores do paiz, e os modelos das virtudes do seu sexo, soffressem igualmente cruel, e ignominiosa traição, com cem outras mãis, filhas, e senhoras da primeira distincção; os Principes de Galles, e York, esperanças, e timbres da Nação, com todos os seus Irmãos, fossem obrigados a fugir dos punhaes de assassinos; todo o corpo do nosso excellente Clero fosse assassinado, roubado, e desterrado; a Religião Christá, em todas as suas communhões, prohibida, e perseguida; a Lei da Terra, fundamental, e totalmente abrogada; os Juizes conduzidos ao cadafalso por Tribunaes revolucionarios; os nobres, e plebeos esbulhados de suas possessões até a ultima geira de terra, e em cima empobrecidos, e aviltados; todos os Officiaes do Serviço Civil, Militar, e de Marinha sujeitos aos mesmos desterros, confiscos, e perigos; os principaes Banqueiros, e Commerciantes arrastados ao patibulo, para o matadouro geral dos que não tinhão outra culpa senão o ter dinheiro e fazer Commercio; os Cidadãos das Cidades mais populosas, e florentes encadeados, e juntos em huma Praça, e ahi destruidos a milhares com metralha de artilheria, e descargas de canhonada, por não se acharem patibulos, machinas, e algozes sufficientes para expeditas execuções capitaes; trezentos mil outros sentenciados a huma situação peior que a morte, prezos em pestilentes, e infernaes calabouços; em taes circunstancias calamitosas chamariamos por ventura Inglezes a *Facção dos malvados*, que praticassem taes desordens, e horrores? Seria o paiz, onde se vissem taes tragedias, a Inglaterra, tão admirada, honrada, amada, e querida? Não reputariamos antes por unicos compatriotas os fugitivos leaes deste paiz? A terra de seu temporario asylo não se deveria considerar a *verdadeira Gram-Bretanha*? Poderia eu ser considerado como traidor a meu paiz, e digno de perder a vida com infamia, se andasse por todas as Nações da Europa batendo a todos os Paços e Corações dos Principes da Christandade, para soccorrer os meus amigos, e vingallos dos seus inimigos? Podia nunca mostrar-me melhor Patriota? Que se deveria pensar dos Principes, que insultassem a seus Irmãos perseguidos pelos rebeldes, e que os tratassem de vagabundos, e mendigantes? Que generosos sentimentos se poderião considerar nos que mostran-

do-se Geographos, em lugar de Reis, reconhecessem como os identicos paizes nacionaes as cidades assoladas, os campos dezertos, e os rios manchados de sangue, só por terem a mesma medida geometrica, depois de taes cruezas, para continuarem com os usurpadores, e malvados as mesmas antecedentes relações politicas? Que juizo fariamos da barbara protecção dos que, attendendo ás cabalas, e intrigas; e *declarações dos levantados*, lhes entregassem as victimas da Lealdade de seu paiz, que lhe tinhão ido supplicar refugio no *Altar da Compaixão*, para serem sem misericordia abandonados aos Tribunaes dos bebedores de sangue, e parricidas de seu Soberano?

A oppressão, e sensibilidade fazem loucos os homens sabios; mas, ainda assim mesmo, a sua loucura he melhor do que o juizo dos nescios. O seu brado he a voz sagrada da humanidade, e miseria, exaltada no santificado phrenesí da inspiração, e prophecia. Na amargura d'alma, na indignação da virtude soffredora, no parocismo da desesperação, no espirito da lealdade Britannica, não clamaria eu por cem bocas, e denunciaria a imminente destruição, que espera os Monarchas, que considerão a fidelidade do Vassallo como torpe vicio, e que tolerão, que ella seja punida como delicto abominavel, e que só se tenha veneração aos rebeldes, traidores, regicidas, e furiosos escravos, que quebrárão os grilhões, e correm a redea solta a devastarem a terra, deixando-nos adormentar por dormideiras de aduladores, que nos allicião a descançar nos braços da morte?

Alguns citão o exemplo da paz, que temos feito com os Barbarescos. Os que fizerão essa descoberta, e dão igual conselho, querem preparar-nos para a escravidão. Ha (dizem) cousas, que os homens não approvão, mas que a ellas se submettem, por se precaver maior mal. Respondo.

Por isso mesmo que já temos feito hum acto de humilhação, devemos ter cautela em não tolerar segundo, a fim de que a humilhação não venha a ser o nosso estado habitual. Materias de prudencia são do imperio das circunstancias, e não de analogias logicas. Porém, ainda que a Constituição de Alger se assemelhe á da França, com tudo, pela nossa respectiva situação, Alger não nos dá perigo de existencia. Não he assim a França como hoje está, revoltada, e regida por Atheos fanaticos. Sou seu vizinho: posso vir a ser seu escravo. Os que pertendem ter achado o feliz parallelo, não advertem na infinita distancia de quem *está á porta*, ou de quem está em mui remota distancia, e sem iguaes meios de mal fazer. Alem disto. Em Alger ha huma barreira de idioma, e costumes, que preveniria a corrupção das horriveis novidades da França. Posso contemplar sem medo o Tigre Real, ou Nacional das regiões do Pegú: até o posso olhar com a curiosidade dos que vão a ver animaes carniceiros na casa das feras. Tenho mais susto de hum gato do mato na minha antecamera que de todos os leões, que urrão nos desertos da Mauritania. Alger não he vizinho de Inglaterra, e não faz obra nova. Esse Estado, bem que barbaro, não está infectado de principios da desorganização Social: o seu governo he de antiga origem, e os seus damnos se podem calcular com certeza. Quando Alger se traspassar a *Calais*, verei então o que se deva pensar, e fazer. Entretanto, o Aresto da paz com Alger não faz *authoridade de causa julgada*.

Os Homens de Estado são postos em eminentes atalaias para verem dalto hum mais vasto horizonte, sobre que possão dar Ordens. Elles são os nossos naturaes regedores. Sem duvida *Razões de Estado* exigem ás vezes modificação das geraes *Maximas de Governo*: porém nunca poderão seguir desejos, e conselhos de nossos implacaveis inimigos, sem serem responsaveis a Deos, e á Nação: fazer paz só em nome, e com precipitação, he a maior calamidade, que póde sobrevir ao Publico. He nada o exemplo da França? He tudo. O exemplo he a escola do Genero Humano: elle não tem outra. Esta guerra he guerra contra tal exemplo. He guerra por toda a dignidade, propriedade, honra, virtude, e religião de Inglaterra, e de todas as Nações.

Direi huma palavra em minha apologia. Porque não me converto com tão grandes Potencias, e tão grandes Ministros, que tem feito a sua paz com os regicidas? He porque estou em 1796 com os mesmos sentimentos, em que todos os Soberanos da Europa estavão em 1793. Não me posso mover com esta *anticipação de equinoxios*, que nos está preparando o retorno da *idade de oiro*, ou de alguma nova era; que terá o nome de algum novo metal. Nesta crise, ou devo reter a minha lingua, ou fallar com franqueza. Falsidade, e illusão nunca são permittidas; mas ha tambem economia da verdade, como no exercicio de todas as virtudes. Ha huma sorte de temperança, pela qual os homens devem dizer a verdade com medida, para que se possão depois melhor explicar. O que disse, direi sempre. O que escrevo he de natureza testamentaria. Póde nos meus escritos haver fraqueza; mas elles tem a sinceridade de declaração de moribundo; visto que poucos dias me restão, e em breve serei separado da tumultuosa scena do mundo.

APOLOGIA

De Edmund Burke, por si mesmo, sobre a sua Pensão do Governo. (*)

SEr maltratado em qualquer congresso, ou escripto, pelos enthusiastas da nova seita de falsa politica, de que algumas nobres pessoas pensão com tanta caridade, e outras julgão com tanta justiça, não he materia de angustia, ou admiração. Ter incorrido no desagrado de taes pessoas, he receber a unica honra, que ellas podem dar; e he prova de haver eu obtido huma parte dos meus esforços na Causa da Humanidade. Não dei de modo

(*) Deo motivo a esta Apologia o publico ataque, que no Parlamento, e por escrito, fez o D. B. contra Mr. Burke, sendo o Chefe do Partido da oppozição na Camera Alta, e o mais rico Proprietario de Inglaterra por antigas doações da Coroa.

algum offensa pessoal a esses, que se intitulão *patriotas* : a parte que tomão contra mim, he só por zêlo do seu partido.

Retirado, como estou, do mundo, e de todos os seus negocios, e prazeres, aquelles Senhores soprárão em mim a faisca dos sentimentos quasi extinctos, dando-me viva satisfação de ser assim por elles atacado. He algum lenitivo ás dores do meu espirito o ter sido recommendado á Beneficencia do Throno por hum habil, vigoroso, e bem instruido Homem d' Estado, digno de si mesmo, e de sua causa, pelos serviços, que fiz á salvação da Pessoa, e do Governo do nosso Soberano, e consequentemente para segurança das Leis, liberdade, moral, e vidas do seu povo. O ser unido a tão grandes objectos, na verdade he distincção. A melancolia não póde deprimir-me tanto, que me faça insensivel a tal honra.

Porque me não deixão os partidistas da Revolução Franceza na escuridade e inacção? Receão, que, se me restar hum atomo de vida, a Seita ainda tenha alguma cousa a temer? Mas quando eu fosse aniquilado, deixaria, como o antigo João Zisca, a minha pelle, para se fazer hum tambor, que com seus golpes retumbasse bem ao longe, a fim de animar a Europa á *guerra eterna* contra a tyrannia, que ameaça esmagar o Continente, e a toda a raça humana.

A materia he de tremenda meditação. Os annaes historicos ainda não tem fornecido hum exemplo de completa revolução como a da França. Esta revolução parece haver-se estendido até a constituição do espirito humano. Ella tem em si o prodigio, que *Bacon* diz das operações da natureza: he perfeita, não só nos seus elementos, e principios, mas em todos os seus orgãos, e membros. O phenomeno moral da França dá hum padrão unico no seu genero, e nunca visto no mundo; e he, que *todos*, *que o admirão*, *logo se lhe assemelhão*. Elle vem a ser o inexhaurivel repertorio de toda a casta de máos exemplos. Até na minha miseravel condição, ainda que já apenas me possa classificar entre os vivos, não estou seguro. Os Sectarios do *Partido Francez* tem tigres para cahirem sobre qualquer força animada: tem hyennas para preiarem os cadaveres. A collecção de feras he completa, e feita pelos primeiros physiologistas do seculo, e só he defeituosa na sua natureza salvagem. Elles me assaltão ainda no mais escuro retiro, e urrão perante os Tribunaes revolucionarios. Nem sexo, nem idade, nem o santuario da sepultura, he para elles cousa sagrada. Elles negão ainda aos mortos a immunidade do tumulo. São capazes de vexarem o sepulchro dos que predisserão o seu fado, ainda que lhes bradem — *deixem-me*, — *deixem-me repousar* —.

A minha *Penção mortuaria* (*) não foi o fructo da venalidade, nem a producção da intriga, nem o resultado de compromisso, nem o effeito de solicitação ao Soberano, ou a seus Ministros. Bem lhes era conhecido, que eu estava resolvido a total retiro. Executei este designio. Estava intei-

(*) He a que se chama Pensão do *otium cum dignitate* de 3 mil libras esterlinas cada anno, que o Governo dá aos grandes Servidores no ultimo quartel da vida.

ramente fóra do estado de servir ou empecer a algum Estadista, ou Partido, quando os Ministros tão generosa, e espontaneamente me impetrárão o beneficio da Corôa. Quando não podia mais ser-lhes de prestimo, elles contemplárão a minha situação; quando não podia mais incommodar a ninguem, os do Partido Revolucionario espezinhárão a minha enfermidade. A minha gratidão foi igual ao beneficio conferido. Elle me veio em hum tempo de vida, e em estado de espirito, e corpo, que nenhuma circunstancia de fortuna me podia dar prazer. Não tive culpa, em que o Bemfeitor Real, e os seus Ministros, dignando-se reconhecer o merito de hum Servidor Publico invalido, adoçassem as afflicções de hum homem desconsolado.

Não me está bem o fazer jactancia de cousa alguma: porém ficar-me-hia mal desapreciar o valor de huma longa vida, consumida com exemplar trabalho no serviço do meu paiz. Pois que os meus serviços, em razão da industria, que nelles mostrei, e firmeza de minhas intenções, tem conseguido a acceitação de meu Soberano, seria absurdo pôr-me á par dos Cabeças, Membros, e Protectores da *Sociedade correspondente* (*), ou, quanto em mim está, permittir disputa sobre a taxa da recompensa, que foi fixa pela Authoridade Suprema, estabelecida pela Contituição do Paiz para avaliar taes cousas.

Libellos solios devem-se deixar passar em silencio, e desprezo. Quem serve ao Publico, está sujeito ás calummias da malicia, e aos juizos da ignorancia. Mas alguns adquirem importancia pela nobreza das pessoas, que os fazem, e pelo lugar onde se divulgão. He então necessario tomar conhecimento delles. Justificar-me não he vaidade, e arrogancia; he demanda da justiça; he demonstração de gratidão. Se sou indigno da remuneração, os Ministros forão peiores que prodigos. Deve-se-me conceder neste ponto huma liberdade racionavel; pois estou em necessidade de defeza: nem a hum réo ordinario se impede defender a sua causa em ferros. Desejo guardar a possivel decencia. De qualquer modo que eu seja visto aos olhos das nobres pessoas dos meus accusadores, a sua situação me impõe profundo respeito. Se passar as balizas, como elles quizerão abaixar-se ao meu nivel, a confusão dos caractéres póde produzir alguns erros, e ainda fazer prescindir de privilegios.

Com esse protesto, já dou de suspeitos a todos os Tribunaes revolucionarios, onde se tem posto homens á morte, sem outra razão mais, do que o terem recebido favores da Corôa. Reclamo, não a letra, mas o espirito da velha Lei Ingleza, de *ser sentenciado pelos meus pares*. Por isso interponho Declinatoria á Jurisdicção dos que são de ordem superior. Além de que, no Coryphêo do partido, quaesquer que sejão as suas habilidades, não posso reconhecer, pelos seus poucos, e inertes annos, a legal competencia para julgar da minha longa, e laboriosa vida. Pobre ricaço! Elle apenas póde saber alguma cousa da industria publica nos seus esforços de avaliar

---

(*) Assim se chamava o Clube ou Congresso Inglez em Londres presidido por Priestley; e que tinha aberta, e notoria correspondencia com a Revolucionaria Assemblea da França.

o salario dos seus obreiros mechanicos, quando a obrá está feita. Não duvido da sua destreza em todos os calculos de *Arithmetica vulgar*; mas su peito, que he pouco estudante na *theoria das proporções moraes*, e que não tem aprendido a regra de tres na Arithmetica politica.

Pensa o meu Censor que tenho alcançado muito. Respondo, que os meus esforços, quaesquer que sejão, forão taes, que nenhuma esperança de premio pecuniario poderia jámais recompensar. Entre dinheiro e taes serviços, sendo feitos por homem mais habil do que eu, não ha principio commum de comparação: são quantidades incommensuraveis. Dinheiro serve para conveniencia da vida animal. Porém não póde haver remuneração de dinheiro para obras, que a mera vida animal só póde manter, mas nunca póde inspirar. Poderei sustentar diante de Sua Magestade, que não tenho recebido mais do que mereço! Não: mui longe isso de mim. Na Real Presença, não reclamo absolutamente direito algum. Tudo para mim foi favor, e bondade. O estilo para o Magnifico Bemfeitor he hum, e para o orgulhoso, e insultante inimigo he outro.

Pertende-se aggravar a minha culpa, increpando-se-me pela acceitação que fiz do donativo de Sua Magestade, como aberração das minhas idéas, e do espirito do meu anterior procedimento official, e systema de Economia Publica. Mas eu não contradigo as minhas idéas de economia, mas sómente as idéas de economia do meu Censor. Tal acceitação não traz incoherencia alguma á letra, e espirito dos meus Actos do Parlamento, quando em 1780 propuz a *Reforma Economica do Paiz*. O primeiro systema custou-me trabalhos incriveis. Se o systema Militar, ou a geral Economia das nossas Finanças, tiverão nisso melhoramento, deixo a julgar aos que tem conhecimento do Exercito, e do Erario. Nessa épocha, ainda só o tentar introduzir methodo, e algumas limitações no Serviço, excitava clamor, e se dizia ser absurdo. Nada então se propunha senão grosseiro córte de pensões, ou o mais grosseiro plano de impostos, sem designio, sem combinação, e sem a menor sombra de principio. O meu Juvenil Censor deve pedir informação sobre esse tempo, que foi hum dos mais criticos periodos nos nossos annaes.

O meu nobre Censor considerou-me só como *Economista*. Quando, desde a minha mocidade, fiz a economia politica objecto dos meus humildes estudos, esperei sempre, que os meus serviços ao Estado serião de algum valor. Desde que propuz a dita reforma Economica, esforcei-me em converter a minha vida publica em permanente vantagem da Nação. Não reservei para mim senão a intima consciencia da boa intenção; e não omitti trabalho algum em animar, disciplinar, e dirigir as habilidades do paiz para o serviço publico, e pôllas na melhor via de adiantarem, e ornarem os seus dotes. Professei a liberdade civil, como inseparavel da ordem, virtude, moral, e religião; mas não a segui com hypocrisia, e fanatismo; certo de que, sendo tal liberdade a primeira das bemaventuranças; quando he retida nos justos limites, todavia, pela sua perversão, se póde constituir a maior praga do Genero Humano. Não procurei popularidade, e poder, como he o alvo dos que se tem distinguido em propor huma liberdade irracional, e indefinida, qual se proclama na França barbarizada.

As minhas reformas economicas não consistem na extinção de huma pensão, ou de hum emprego de mais, ou de menos. A economia nos meus Planos he, como deve ser, secundaria, subordinada, e instrumental. Eu obro por Maximas de Estado. A *Reforma não he mudança na substancia das cousas; mas directa applicação do remedio aos gravames, de que ha justa queixa.* Removidos aquelles, o mais vai seguro.

Reformar não he innovar linha por linha. Os Revolucionarios Francezes queixarão-se de tudo, e nada reformárão: quizerão mudar tudo, e *as tristes consequencias de suas phantasias estão ante nós, e sobre nós.* Elles abalárão a segurança publica; tolhêrão a paz, e o gozo das familias; acanhárão o crescimento das creanças; turbárão o descanço dos velhos; fizerão parar ao viajante na estrada; atropellarão o lavrador no campo; interrompêrão os negocios da Cidade; o nosso descanço acabou-se; os nossos prazeres destruirão-se; os nossos estudos se empeçonhárão, e perdêrão; a sciencia tornou-se peior que a ignorancia, pelos enormes males da sua horrorosa e total innovação. As obscenas harpyas da Revolução da França surgírão da anarchia do cáhos, que gerou tantas cousas monstruosas, e prodigiosas; e voando sobre nossas cabeças, casas, e mezas, tudo manchárão e contaminárão. Quadra-lhes bem a descripção, que Virgilio faz das furias do Averno.

Tristius haud illis monstrum, nec sævior ulla
Pestis, et irâ Deum, stygiis sese extulit undis.
Virginei volucrum vultus, sædissima ventris
Proluvies uncæque manus, et pallida semper
Ora fame. —

Não foi o meu amor, mas o meu odio á *innovação*, que produzio o meu Plano de *reforma.* Sem me turbar com a exacção de diagramma logico, eu considero a taes cousas como oppostas. Elle foi offerecido para prevenir o mal. Destinei bemfazer ao povo, e não inflammallo, e seduzillo. Eu não me arrogo o merito do bem positivo, mas o da prevenção de desordens. Não propuz novo modêlo da Casa dos Communs, e dos Lords, nem o mudar a authoridade da Coroa, e do Ministerio, nem alterar o systema dos Tribunaes, e da Administração. As minhas reformas forão saudaveis, e mediadoras. Não concebi nada de arbitrario; não propuz cousa alguma, que se houvesse de fazer ao prazer dos outros, nem ainda ao meu prazer. Desde a aurora do meu entendimento, aborreci todas as operações de opinião, inclinação, e vontade arbitraria nos negocios do governo, onde aliàs só a soberana *razão* deve dictar o justo; visto que só ella he o fundamento de todas as fórmas de Legislação, e Administração. O Governo he feito para o fim de oppor a razão ao capricho, tanto dos reformados, como dos reformadores.

Sempre me propuz pôr em cautela o povo contra o *maior de todos os males*, isto he, hum *cego, e furioso espirito de innovação, debaixo do nome de reforma.* Ainda havendo cousas que exijão reforma, não he o proprio tempo dellas, quando ha convulsões politicas, e desgraças nacionaes. Quando sobrevem terremoto, não he então o momento mais bem escolhido para accrescentar hum andar novo ás casas, e alinhar quarteirões,

Na minha Reforma Economica sustentei, que a *Folha das Pensões* devia ser sempre hum fundo sagrado, e aberto. Eu a deixei intacta, como Principio Politico. Não tive a ousadia de roubar á Nação todos os fundos applicados a remunerar o merecimento. Procurei só assignar o devido marco contra a disposição arbitraria. Não vim ao Parlamento para estudar a lição: mas entrei logo preparado, e disciplinado para a guerra politica; e, desde o principio, achei necessario analysar os Interesses do Commercio, das Finanças, da Constituição, e dos Negocios Estrangeiros do Imperio da Gram Bretanha. Muito fiz, e muito mais faria, se os successos do tempo melhor o permitissem. O vigor da minha idade, e constituição se abatêo sob o cargo do meu trabalho. O Parlamento foi testemunha dos seus effeitos, e se aproveitou, mais ou menos, de meus serviços em 28 annos.

Não tenho as qualidades, nem cultivei as artes, que recommendão os homens ao favor, e á protecção dos Grandes. Não fiz jámais de valido, e de instrumento servil de ninguem. Nada sei dessa especie de commercio, que ganha corações do povo, fazendo imposturas sobre o seu entendimento. A cada passo da minha carreira da vida publica, encontrei huma cancella e barreira, em que era preciso apresentar o meu passaporte, e sempre mostrar, que o meu unico titulo para ir adiante, era o ser util ao meu paiz, dando provas de não ignorar inteiramente suas Leis, e seus interesses dentro, e fóra da Nação. Sem isso, nenhuma honra haveria para mim, e nem ainda tolerancia da pessoa.

Nunca invejei, nem obstei a gratificação dos meritos alheios. Sempre considerei, que a recompensa dos serviços publicos não só era ornamento publico, mas tambem exacta justiça; e que a mesquinhez nesta parte era iniquidade, e a peior economia do mundo, pelas suas pessimas consequencias. Por huma fria penuria na remuneração dos serviços crestão-se todas as habilidades da Nação, e obsta-se á elasticidade de suas mais activas energias, e o mal vai além de todo o calculo. Por isso não impugnei jámais as pensões, que se derão aos *homens de talentos*, e aos *homens de serviços*.

Ordem, e *Economia* são cousas estaveis, e eternas, como todos os bons Principios do Governo o devem ser. Certa particular ordem de cousas póde ser alterada; mas a ordem geral não perde o seu valor. As ordens particulares são variaveis como o tempo, e as circunstancias. Leis de regulamentos municipaes não são leis fundamentaes. As urgencias publicas são as dictadoras de taes leis. Pertence julgar de sua propriedade aos que exercem o poder legislativo.

Póde o que vou affirmar ser cousa nova ao meu Censor; mas peço licença para dizer-lhe, que *mera parcimonia não he economia. — Despeza, e grande despeza, póde ser parte essencial da verdadeira economia.* Se mera parcimonia se devesse considerar como huma especie de virtude, a verdadeira economia deveria sempre reputar-se outra, e muito mais alta virtude. A *Economia he huma virtude distributiva, e consiste, não em poupar, mas em saber escolher os tempos e objectos da despeza.*

A parcimonia não requer previdencia, nem comparação, nem juizo. Mero instincto (e não instincto do mais nobre genero) póde produzir na maior perfeição huma falsa economia. A outra economia tem vistas mais

largas. Ella demanda hum juizo prudencial, que sabe distinguir valores, e hum espirito sagaz, e firme para sustentar as regras. Ella fecha a porta á importunidade impudente, e abre outra muito mais vasta ao merito sem presumpção: só recompensa o real talento, e o serviço relevante. Com esta economia, a nenhuma Nação faltaráõ os meios de remunerar todos os serviços, que se lhe prestarem, e animar todos os talentos que produzir. Nenhum Estado, desde o estabelecimento da Sociedade, se empobreceo por esta especie de profusão. Se em todos os tempos se tivesse observado a economia de ordem e proporção, não veriamos a desmarcada excrescencia da riqueza do meu Censor opprimir a real industria da gente humilde, e limitar pelas suas mesquinhas idéas a justiça, a beneficencia, ou (como for do seu agrado chamar) a *caridade da Coroa.*

Póde o meu Censor pensar quanto quizer baixamente dos meus meritos: tem a liberdade de fazello. Mas sempre haverá alguma differença de opinião no valor dos serviços politicos. Em mim ha hum merecimento, que ninguem entre os vivos porá jámais em questão. Tenho sustentado com grande zêlo, e com algum grão de successo, os principios, que sustentão a pezada massa de nobreza, opulencia, e titulos de quem me accusa, prevenindo, que elles se não confundissem, como a facção Franceza (em que elle achou tanta graça), muito pertendeo. Tenho estendido todos os meus nervos, para que esse Senhor, com os da sua Ordem, se mantenha na situação, em que sómente me he superior, sustentando eu o que se póde chamar *preventiva policia da moralidade*, com todas as maximas rigidas, e censorias dos antigos moralistas, bem recebidas com veneração pelo velho, e severo Catão, e em que forão doutrinados os Scipiões, e a Nobreza Romana na flor da sua vida. Mas esses mestres, e discipulos, acabárão com a revolução: só resta a vil, e illiberal Academia Franceza dos *Sansculotes* (*sem calções*) onde hum cavalheiro nada tem que aprender.

O horrido estado dos tempos, e não a minha justificação, he o objecto deste escrito: de mim fallo por incidente. O meu Censor invoca a attenção da Camara dos Pares, para accusar a Mercê da minha Pensão, que considera passar todos os limites. Parece que, quando meditava esta sua bem considerada censura, estava dormindo. Homero cabecêa, e o meu Censor sonha, e sonhos doirados, considerando tambem as Mercês da Coroa ao fundador da sua familia. Na verdade estas forão tão enormes, que não só ultrajão a verdadeira economia publica, mas até lhe tirão a credibilidade. Elle he o *Leviatham* entre todas as creaturas da Coroa. Tudo quanto tem he da Coroa. Era porventura o mais proprio para contestar-me a liberalidade do favor Real?

Sería grosseira adulação, e a mais incivil ironia, o dizer, que elle tem alguns proprios serviços publicos, pelos quaes alcançasse as suas vastas pensões territoriaes. Os meus meritos, quaesquer que sejão, são originaes, e pessoaes. Foi hum seu antepassado o primitivo Pensionario, que estabeleceo esse fundo inexhaurivel de merito, que ora o faz tão delicado, e cheio de contradictas, sobre o merito das Doações da Coroa. Se me deixasse ficar quieto, eu diria: *que nos importa a historia? foi a fortuna do homem.*

Mas *o meu Censor*, attacando-me, força me com repugnancia a compa-

rar o meu pequeno merito com o que lhe alcançou da Coroa esses prodigios de profusa Mercê, com que agora supplanta os individuos humildes, e laboriosos. Os Chronistas dos Brazões não procurão maior merecimento, que o constante do preambulo das Patentes, ou da inscripção das sepulturas. Elles julgão da capacidade do homem para Officios publicos, pelos empregos que occupou: mais officios, mais habilidades. Mas esta não he a regra dos que escrevem para a posteridade: nem esses são os documentos da historia politica das Nações, e dos meritos transcendentes dos que tem firmado os Imperios, e contribuido á estabilidade da Sociedade Civil.

O merito do primordial Donatario da Coroa, donde o meu Censor deriva tanta força e opulencia, foi ser prompto, e ambicioso instrumento do Tyranno Henrique VIII., que opprimio todas as classes do povo. O meu merito consiste em ter resgatado da oppressão a todo o homem, e toda a classe de pessoas; e particularmente em defender a Alta Nobreza*, que, no tempo dos Principes e demagogos confiscadores, são os mais expostos á animosidade, avareza, e inveja. Sustentei com incessante vigilangia todos os justos direitos, e privilegios de todas as Ordens do Estado, em a Séde do Imperio Britannico, em toda a Nação, em toda a terra, para defeza da Religião, e Ordem Civil. A minha arte tem sido, sob os auspicios de hum Soberano benevolo, promover o Commercio, as Manufacturas, e a Agricultura do Reino, em que elle mesmo dá o mais eminente exemplo, mostrando-se Patriota ainda nos seus divertimentos, sendo nas horas do descanço o Lavrador de suas terras.

O merecimento do Fundador da casa do meu Censor foi o de hum cavalheiro, que se elevou por ardís á protecção do Ministro *Volsey*, e á eminencia de hum grande, e poderoso Senhor, e cuja habilidade só consistio em instigar o tyranno para injustiças, e irritar o povo para a rebellião. O meu merecimento foi excitar a parte mais sabia do paiz para se guardar contra qualquer poderoso Senhor, contra qualquer numero de poderosos Senhores, e contra qualquer conluio de grandes demagogos de toda a sorte, se acaso tentassem caminhar na mesma carreira, que os Francezes para perverterem a boa ordem, assulando o baixo povo para a insurreição, e tyrannia.

O merecimento politico do primeiro Pensionario da familia de Sua Senhoria foi, que, sendo Conselheiro d'Estado, deo conselho, e concorreo á execução de huma paz deshonrosa de Inglaterra com França, entregando-lhe a fortaleza de Bolonha, que era o antemural do Continente, e, por esta entrega, tambem depois se rendeo *Calais*, a chave da França, e o freio da boca desta potencia. O meu merecimento tem sido o resistir ao poder, e orgulho da França, e empregar todos os meios de excitar o espirito do Parlamento, e do Povo, para continuarem com vigor, e resolução, na mais justa e necessaria guerra, que jámais houve no mundo, a fim de salvar o meu paiz do ferreo jugo dos Francezes, e ainda do mais terrivel contagio dos seus principios, e preservar pura, e immaculada a antiga virtude, piedade, e o bom natural do Povo Inglez da mortifera pestilencia, que, principiando na França, ameaça devastar o mundo moral, e até em alto grão, o mundo physico. Procurei merecer em tudo isto a in-

teira approvação da consciencia, e em consequencia recebi livres, publicás, e solemnes graças da Nação. Este merecimento puro, e novo, sahio acrisolado, e limpo da Casa da moeda da honra.

He proprio de huma tal nobreza sem mancha ser o propagador do hum fundo de honra, ou a raiz della. Assim glorio-me de poder tambem ser o fundador de huma familia; pois deixo hum filho que se distingue notavelmente sendo dotado de merecimento pessoal, e enriquecido de todas as prendas liberaes de genio, estudo, sciencia erudição, gosto, honra, humanidade, e generosidade; e confio, que elle não se mostrará no serviço publico inferior em cousa alguma ao meu Censor, ou a algum de sua prosapia.

Prostradas como estão minhas forças, cordialmente me resigno, e reconheço a Divina Justiça. Mas, quando me humilho diante de Deos, não vejo, que seja prohibido repellir os ataques de hum homem inconsiderado, e injusto. Passa em proverbio a *paciencia de Job*. Depois de convulsivos movimentos da indignação de nossa irritavel natureza, elle submetteo-se á Providencia, e se arrependeo, fazendo penitencia no pó, e cinza; mas nem por isso deixou de reprehender então mesmo com aspereza de palavras os amigos, que o forão insultar.

He phenomeno singular ver a hum dos maiores donatarios da Coroa comparando odiosamente a Mercê da mesma Coroa com o merito do defensor da sua Ordem. Quando as pessoas da maior nobreza perdem o decoro, perdem tudo.

Sem se fazer muita especulação sobre governos, e seguindo-se unicamente o seguro instincto de sentimentos ingenuos, e os dictames de hum entendimento candido, e não offuscado por sophismas, reconhece-se, que nenhum grande Estado póde subsistir por muito tempo sem hum Corpo de Nobreza, de qualquer sorte que seja condecorado com honra, e fortificado por privilegios. Esta Nobreza fórma a cadeia, que liga as idades da Nação: do contrario, huma geração não teria vinculo com a outra. Nenhuma fabrica politica póde ser bem construida sem huma tal ordem de cousas, que pela serie dos tempos dê racionavel esperança de segurar a unidade, coherencia, e firmeza do Estado. Nada póde tanto como o Corpo da Nobreza para proteger o Estado contra a leveza dos Cortezãos, e ainda mais contra a maior leveza do vulgo. Elle não existe para mal das outras ordens, mas sim por ellas, e para ellas.

Pertender conservar huma Monarchia hereditaria, sem tambem manter alguma cousa de reverencia hereditaria ao Estado, foi conceito absurdo de espiritos baixos, que aspirárão a ser grandes velhacos, forjando em 1789 a moeda falsa da Constituição Franceza. Todas as novas phantasticas Republicas tem como indispensavel extinguir a *Nobreza* julgando hum impossivel reformalla. Ella porém póde ser melhorada, corrigida, e completa. Do Corpo da Nobreza se póde tirar membros indignos, e aggregar-lhe estranhos, que mereção alli entrar; mas não se poderá abolir. A cousa em si he materia de opinião inveterada, e não póde ser artefacto de instituição positiva. Nenhuma pessoa de virtude póde olhar sem horror, e desprezo o impio parricidio commettido sobre todos os seus avoengos, e o desespe-

rado assalto para assássinar a toda a sua posteridade ; como praticárão na França, os Orleans, Rochefocauts, Perigords, e outros Fidalgos da primeira nobreza, que desertarão da sua Ordem, como endemoninhados, possessos de espirito de orgulho decahido, e de perversa ambição, e que trahírão as suas familias, e as mais sagradas confidencias das pessoas de proprio sangue, causando a si mesmos, a innumeravel gente, e á sua Nação, as mais lastimosas desgraças. E pertenderáõ homens de tão detestavel caracter, que depois lamentemos os seus infortunios ? Não temos constituição para compadecermo-nós ao mesmo tempo do oppressor, e do opprimido.

O nosso paiz, e a nossa raça, em quanto a compacta estructura da nossa Igreja e Estado, o Sanctuario da antiga Lei, defendida pela reverencia, e segura pelo poder, sendo igualmente huma fortaleza e hum templo (*), se mostrar inviolada no baluarte da Sião Britannica ; em quanto a Monarchia Ingleza, limitada pelas ordens do Estado, exaltando-se em magestosa proporção, for defendida com o dobrado cincto das suas torres ; nada terião a temer de todas as fouces dos nivelladores da França. Mas se a invasão do tumulto Gallico, com os seus *sophisticos direitos do homem*, e com as suas espadas para fazerem contrapezo á balança, for introduzida na Cidade pelo povo illudido, e instigado por grandes homens orgulhosos, elles mesmos cegos, e embriagados por ambição phantastica, e todos nós pereceremos, e seremos abysmados em ruina commum. Quando hum grande temporal cahe sobre as Costas, elle arroja á praia não menos as baleas, que os mariscos. Então os que cavillão sobre a minha pensão, não sobreviveráõ tambem a este pobre pensionario da Coroa, a quem desprezão.

Se o meu nobre detractor pertende fazer proselytos, olhe bem pára o caracter da Seita, cuja doutrina he convidado a abraçar. Ingratidão aos bemfeitores he a primeira das virtudes revolucionarias. Ella he o compendio de suas quatro virtudes cardeaes, amalgamadas, e concentradas em huma só. Os seus Secretarios, observando a sua ingratidão á Coroa, que creou a sua familia, allegaráõ tambem igualdade de direito e dever, para lhe pagarem na mesma especie, e depois rir-se-hão de seus sellos, e pergaminhos. Além de que *todo o dever do homem* em tal Seita consiste em *destruição.*

Na Revolução Franceza tudo he novo ; e, por falta de preparação dos meios proprios para se poder sahir de encontro á tão imprevisto mal, tudo nella he perigoso. Em nenhum tempo jámais se vio huma multidão de homens literarios, transformados em companhia de ladrões, e assassinos tomarem o porte, e tom de *Academia de philosophos*, sendo formidaveis como inimigos, e medonhos como amigos. Antes parecião mansos, e ainda carinhosos: e nada tinhão mais na boca que *a doce humanidade.* Elles não podião supportar o castigo das mais brandas leis contra os maiores malvados. A mais leve severidade da Justiça fazia arripiar-lhes as carnes. A menor idéa de existir guerra no mundo, turbava o seu repouso. Para elles,

---

(*) *Templum in modum arcis*: assim se explica Tacito, fallando do templo de Jerusalem.

gloria militar não era indistinctamente, mais que esplendida infamia. Ouvindo fallar sobre a necessidade da defeza natural para se resistir ao aggressor, logo a reduzírão a taes limites, que não deixárão aos accommettidos defeza alguma. Com tudo vimos o que aconteceo, e quantas pessoas soffrêrão pela cannibal philosophia da França, sua sciencia experimental, e extensa analyse em todos os ramos civís, e politicos.

Sem ter consideraveis pertenções de literatura, todavia aspirei ao amor das letras. Os homens de conhecimentos, e talentos são os principaes dons, que a Providencia dá ao mundo. Mas, logo que elles lanção fóra de si o medo de Deos, e dos homens, mais horrivel calamidade não póde vir á Terra, quando podem obrar em corpo. Não ha coração mais duro do que o de hum Methaphysico athêo: elle opproxima-se á malignidade dos máos espiritos, e se assemelha ao principio do mal, sem mistura de algum bem. Não he facil arrancar do peito humano, o que *Shakespeare* chama *compuncções visitadoras da natureza*: estas batem algumas vezes aos corações dos malvados, e protestão contra as suas especulações mortiferas. Mas os sabios da Nação Franceza tem os meios de se comporem com a propria natureza, nem vem o seu projectado bem senão pelo caminho do mal. A sua imaginação não se fatiga com a idéa dos soffrimentos humanos, ainda por seculos de miseria e desolação. A sua humanidade está no seu horizonte; e, á semelhança do horizonte, ella sempre foge diante delles.

Os seus geometras, e chimicos são ainda peiores que indifferentes a respeito dos sentimentos, e habitos, que sustentão o mundo moral. Os seus philosophos, infatuados com ambição, e não receando perigos, só considerão os homens como os animaes, que se mettem no recipiente da machina pneumatica, donde se faz sahir o ar mephytico. As terras dos grandes proprietarios são irresistiveis convites para huma *experiencia agraria*: a sua posse immemorial lhes parece insulto contra os direitos do homem. Atégora consideravão as grandes herdades territoriaes de Inglaterra como totalmente improductivas, e para nada servindo senão para engordar touros, e produzir gráos para cerveja, e ainda mais para fazer estupido o *bronco entendimento Inglez*. Agora já a demarcão para os seus beneficios revolucionarios.

O Abbade *Sieyes* tem na sua Carteira ninhos, como de pombos, cheios de Constituições para todos os paizes, já promptas, selladas, sortidas, numeradas, e accommodadas a toda estação e phantasia. Humas são distinctas pela sua simplicidade, e outras pela sua complicação; varias, são de côr de sangue, e algumas de côr de *lama de Pariz*; humas tem Conselhos de velhos, e Conselhos de moços, e certas não tem Conselho algum; algumas, em que os Eleitores escolhem os representantes, e outras, em que os representantes escolhem os Eleitores; humas, em que os Legisladores tem habitos talares, e outras, vestidos curtos. &c. &c. Assim nenhum especulador em Constituições deixará de achar naquella officina huma, que lhe accommode, com tanto que ame o padrão de todas ellas, adoptando rapina, oppressão, prisão arbitraria, juizo revolucionario, confisco, desterro, premeditado assassinato feito com fórmas de lei. Elles tem achado a arte de extrahir nitro, para fazer polvora, até das *ruinas*, que fizerão das proprie-

dades, (*) e Cidades, a fim de fazerem outras *ruinas*, e assim ao infinito.

O meu detractor accusa-me de ser o author da guerra. Se eu tivesse hum espirito orgulhoso, para arrogar-me esta alta distinção, (como por justiça o não posso), elle arrancaria da minha mão a sua parte, que nisso teve, e a agarraria com a força da convulsão do moribundo, até dar o ultimo suspiro. Sería em mim a mais arrogante presumpção attribuir-me a gloria do que pertence a Sua Magestade, e a seus Ministros, a seu Parlamento, e á grande maioridade de seu fiel Povo. Se eu fosse o unico em tal conselho, e todos me seguissem com fé implicita, então se poderia dizer, que eu tinha sido o unico author da guerra; porém nesse caso a guerra sería segundo as minhas idéas, e os meus principios. O meu crime consiste unicamente em desejar a *guerra contra regicidas*: mas nunca serei accusado, nem ainda o mais levemente, de ser o author da *paz regicida*.

(*) No relatorio feito no 1.º de Fevereiro de 1794 perante a chamada Convenção Nacional lê-se o seguinte: „ até o presente as cousas não tem sido exploradas devidamente, e de maneira revolucionaria. Os Castellos e Fortalezas feudaes, demolidos pelas vossas ordens, attrahirão a attenção dos vossos delagados. A natureza ahi tem secretamente revindicado os seus direitos produzindo salitre, como de proposito, para facilitar a execução do vosso decreto, *preparando os meios de destruição*. Destas ruinas temos extrahido os meios de produzir o bem, para esmagar traidores, e abysmar descontentes. As Cidades rebeldes tem dado larga quantidade de salitre. etc. „

F I M.